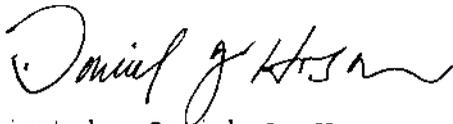


A INVENÇÃO DO ITATIAIA

Dissertação de Mestrado
apresentada ao Departamento
Sociologia do Instituto
Filosofia e Ciências Humanas
Universidade Estadual de Campinas.

Este exemplar corresponde à
redação final da dissertação
defendida e aprovada pela
Comissão Julgadora em 27/10/93.



Orientador: Daniel J. Hogan

CAMPINAS, AGOSTO DE 1993

UNICAMP
BIBLIOTECA GERAL

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	03
BREVE DESCRIÇÃO DO PERCURSO	04
NATUREZA, PAISAGEM E PARQUE NACIONAL	14
1. A NATUREZA DOS PARQUES NACIONAIS	14
2. A IDÉIA DE PARQUE NACIONAL NO BRASIL	33
DOS MODOS DE CONHECER E CONQUISTAR O ÍTATIAIA	53
1. "OFERTA PARA CONHECIMENTO DO LUGAR QUE AINDA ESTÁ INCÓGNITO"	53
2. PARA ONDE SE OLHA, O QUE SE PODE VER	69
3. NOVOS E VELHOS OLHARES	103
PROTEGENDO A NATUREZA	143
1. IDÉIAS E ETAPAS DA PROTEÇÃO	143
2. "ESTÁ CRIADO O PARQUE NACIONAL DO ÍTATIAIA"	153
A INVENCÃO DO ÍTATIAIA	161
FONTES E BIBLIOGRAFIA	164
ÍNDICE DAS ILUSTRAÇÕES	180

A INVENÇÃO DO ITATIAIA

AGRADECIMENTOS

Esta pesquisa contou com financiamento da Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior-Capes e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo-Fapesp, mas sem a orientação do professor Daniel J. Hogan, a solidariedade de pesquisadores e auxiliares do Projeto Homem, Saber e Natureza-Hosana (Fapesp 91/0750-9), e de amigos como Maria Leandra Bizello, João Fernandes Filho e Antonio Fernando Guardado ela teria sido muitíssimo mais difícil. A Arlete Moysés Rodrigues e Edgar de Decca, que leram meu trabalho para qualificação, agradeço as sugestões de encaminhamento que suavizaram bastante meu esforço. A Carlos Rodrigues Brandão, agradeço a generosidade e o estímulo constantes. Agradeço igualmente a atenção de todos os funcionários do Parque Nacional do Itatiaia, sempre solícitos, e em especial a Pedro C. Melo, seu diretor, e a Sônia e Ana Carolina que me abriram arquivos e forneceram pistas importantes. Devo agradecer ainda a Marcelo Antoniazzi, da Frente em Defesa da Mantiqueira-Fedapam, pelo acesso à sua documentação - muito útil na fase inicial da pesquisa; a Ricardo Pacheco por traduções do alemão, ao dr. Waldyr e d. Dirce R. Moraes, e ainda a todos aqueles que não pude nomear aqui.

ALGUMAS PESSOAS NUNCA TERÃO UMA IDÉIA COMPLETA DO QUANTO FORAM IMPORTANTES NESTE PERCURSO: SERRANO E CELINA - MEUS PAIS, MINHAS IRMÃS, FERNANDO E SERGINHO. SÓ POSSO DIZER OBRIGADA.

BREVE DESCRIÇÃO DO PERCURSO

Natureza, paisagens, lugares naturais, parques nacionais, proteção ambiental: estes são alguns dos elementos por entre os quais esta dissertação deriva. Sua discussão parte, assim, das mudanças nas sensibilidades e atitudes frente à natureza que levaram alguns norte-americanos, em fins do século XIX, a ver em certos pedaços de seu território, "amostras" a serem perpetuadas em seu "estado natural", transformando-os em parques nacionais. Uma atitude que se dissemina depois por quase todos os países do planeta. Mas nosso destino será um lugar aqui no Brasil, o Itatiaia.

A região deste maciço, transformada no primeiro parque nacional brasileiro, em 1937, é o espaço principal desta pesquisa. No Itatiaia, enquanto lugar simbolicamente construído, importa atentar para os modos pelos quais se dá esta construção, para os artifícios que definem sua identidade, e para as mediações através das quais ele passa a ser visto como digno de ser protegido. Isto pois lugares, e em especial alguns tipos de lugares, são fruto do investimento neles, pela sociedade, de valores e sentidos profundos. São resultado de invenções, no sentido de movimentos desenrolados na duração, que revelam memórias¹.

¹ Cf. sobre lugares enquanto suportes da memória coletiva a introdução de Pierre Nora ao estudo *Les lieux de mémoire*, "Entre mémoire et histoire: la problématique des lieux". Edgar de Decca retoma essa discussão em "Memória e cidadania", texto apresentado na mesa-redonda "História, memória e cidadania: o direito ao passado", no Congresso Internacional do Patrimônio Histórico de

Essa invenção, no caso do Itatiaia e de sua transformação em parque nacional, é um processo que monumentaliza seu espaço, distinguindo-o de outros através de um movimento silencioso de repetição, de um lento amadurecimento, de um "trabalho do imaginário social e da norma para torn(á-lo) próprio ao exercício de uma tecnologia". Nesse sentido, o parque nacional "pode ser considerado como o lugar (...) de uma leitura, de uma obra ao mesmo tempo literária e imaginária, mental, visual e sensitiva, como um lugar de produção de sentidos."²

Pretendemos, então, que este estudo se situe no cruzamento de múltiplas (re)invenções: da figura do parque nacional, do Itatiaia enquanto lugar exemplar da natureza, e deste como primeiro parque nacional brasileiro. Não poderíamos deixar, com referência a este último ponto, de analisar, ainda que brevemente, o surgimento da própria idéia de proteção da natureza no Brasil, no contexto do tipo de colonização aqui empreendido, considerando as relações simbólicas e concretas dos homens com os recursos naturais em nosso território. Isto em razão da forte presença de uma tradição que coloca a riqueza dos recursos naturais do país como elemento fundante da nacionalidade, tradição construída desde os primeiros momentos da Colônia e que perpassa inúmeros espaços das imagens mentais sobre o Brasil³.

A primeira parte do trabalho, *Natureza, paisagem e parques nacionais*, trata da mutação de sensibilidades e atitudes diante do

1991, em São Paulo.

² Michel Marié, *Un territoire sans nom*, p. 19. O autor tece tais considerações em relação ao espaço turístico em geral, mas pensamos ser possível estendê-las àqueles destinados à proteção ambiental, por sua vez em muitos casos também voltados ao turismo.

³ Cf. Dante Moreira Leite, *O caráter nacional brasileiro: história de uma ideologia*, e Antonio Augusto Pádua, "O nascimento da política verde no Brasil: fatores exógenos e endógenos".

mundo natural, do questionamento do antropocentrismo, e da instauração da paisagem enquanto forma dominante de representação da natureza no Ocidente, verificáveis a partir do período moderno - tudo isso relacionado ao surgimento da figura do parque nacional. A invenção norte-americana deste tipo de parque, suas relações com as mudanças mais gerais acima mencionadas e com o contexto histórico-cultural dos Estados Unidos no final do século XIX, também merece destaque.

Busca-se, além disso, estabelecer uma ponte entre esta temática mais ampla e o caso da proteção da natureza no Brasil. Assim, é realizada uma breve análise das imagens e das atitudes frente à natureza brasileira ao longo da colonização: são registrados os antecedentes da sua proteção aqui - incluindo propostas anteriores ao parque nacional para reserva de espaços naturais, da mesma forma como são recuperados o contexto do surgimento do primeiro parque nacional na década de 30 - envolvendo a política nacionalista do Estado Novo, um certo movimento internacional com vistas à proteção da natureza, e um clima favorável a esta mesma problemática no Brasil, perceptível na realização de conferências, em propostas educacionais e outros indícios.

A segunda parte, intitulada *Dos modos de conhecer e conquistar o Itatiaia*, apresenta os diferentes momentos, artifícios e mediações da invenção do Itatiaia enquanto lugar exemplar da natureza. A pesquisa envolve aí o aparecimento da região na corografia, num levantamento feito através da cartografia e literatura científica - geografia, geologia etc. - e dos relatos de viajantes e naturalistas em geral. São buscados assim, se não todos os documentos e relatos sobre a área, ao menos os mais significativos do ponto de vista da invenção daquele espaço natural. Nestes têm destaque algumas polêmicas e seus

sentidos, surgidas em torno do lugar - como o significado do topônimo, a determinação da altura do cume do maciço e sua condição ou não de ponto mais alto do país, e a disputa pela autoria da primeira escalada (não só do Itatiaiuçú como dos demais picos do maciço).

Também é apresentado um levantamento histórico das formas de ocupação do local ao longo do tempo em que vestígios das atividades humanas anteriores à criação do parque são buscados, além de ser discutido o desconhecimento/desinteresse em relação à área e seu conhecimento tardio. E são ainda recuperadas as impressões suscitadas pelo lugar e os modos de estar na montanha - registrados em depoimentos em livros existentes nos abrigos para visitantes, ou mesmo nas obras científicas produzidas sobre o Itatiaia.

Depois aparece *Protegendo a natureza*. Nesta terceira parte são recuperadas as várias etapas de um movimento para proteção do maciço, sua transformação em reserva florestal, depois em estação biológica e, por fim, a criação do parque nacional. São analisadas as falas que o instituem, refletindo-se sobre o que estas tem a dizer em termos de do conceito de proteção ambiental que ela cristaliza e quais os conflitos de legitimidade gerados a partir da criação do parque e seus paradoxos inerentes. Aparecem depois considerações em nível de conclusão sobre *A invenção do Itatiaia*.

SOBRE AS FONTES E OUTROS ESTUDOS

Sobre a discussão mais ampla, a propósito da idéia de parque nacional, há que se mencionar a inexistência entre nós de estudos profundos. Apenas artigos restritos à discussão da política de áreas de proteção e à situação dos parques - nesses casos frequente denúncia de precariedade, sempre dentro do âmbito

institucional ou próximo a este. Fato semelhante é perceptível nos estudos sobre a proteção da natureza realizados numa perspectiva "histórica": quase invariavelmente são coletâneas de leis⁴. O mesmo, felizmente, não ocorre na literatura internacional, cujo levantamento realizado a contrapelo em alguns artigos franceses e norte-americanos, através de suas notas e referências, permitiu o acesso a uma vasta e rica produção relativa ao tema, que influenciou bastante este estudo e o perpassa constantemente.

Já bibliografia existente sobre Itatiaia advem, em sua maioria, das ciências naturais: são levantamentos de zoologia, botânica, análises geológicas/geomorfológicas. Há ainda material jornalístico, turístico e pequenas obras sobre sua história, mas a superficialidade destes é também quase uma regra. No entanto, se a produção acerca o objeto de pesquisa é irrisória, as fontes para seu estudo revelaram-se abundantes e muito ricas, especialmente para a análise dos aspectos imaginários, da invenção do lugar-Itatiaia.

Na consecução da pesquisa foram vasculhadas coleções de periódicos, como a *Revista Trimensal do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico do Brasil*, os *Arquivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro*, os boletins do *Museu Nacional do Rio de Janeiro*, do *Parque Nacional do Itatiaia*, a *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, do *Museu Nacional*, entre outras. Embora nem todas as coleções se achassem completas, o resultado obtido foi significativo. Da mesma forma, buscamos localizar referências já citadas na literatura e foi empreendida uma pesquisa tópica nos jornais de maior circulação quando da criação do parque nacional.

⁴ Os artigos de Pádua aqui citados constituem as exceções mais relevantes.

A consulta aos arquivos do parque em Itatiaia permitiu trazer à luz - literalmente, pois a biblioteca de lá sequer tem contado com eletricidade - as fontes mais interessantes. Um exemplo é o do acervo fotográfico que, embora não utilizado diretamente neste trabalho, colocou-se como referência importante. Fragmentário mas documentando vários momentos da sua história (desde as visitas das missões científicas estrangeiras na época da reserva florestal até cenas do lazer de jovens na década de 50, ou dos acampamentos militares e de escoteiros, passando por sua inauguração e pela construção de seus diversos equipamentos), contribuiu principalmente para a reconstituição dos modos de estar no parque.

Porém, a fonte mais relevante localizada neste arquivo foram os livros de impressões dos visitantes. Nestes livros existentes nos vários abrigos para excursionistas mantidos pela administração desde a época da reserva florestal, e que se mantiveram igualmente até a década de 50, pudemos captar as muitas representações daquele espaço natural e as condutas nele manifestadas por seus espectadores. Um reconhecimento do tipo de frequência do parque - não só em termos qualitativos ou das atividades ali desenvolvidas, mas da origem social desses frequentadores - também pôde ser verificado nestes livros.

Ainda em Itatiaia, foram realizados contatos com antigos e atuais funcionários, com membros de entidades ambientalistas locais e com habitantes da região, permitindo o cruzamento de informações e contribuindo para muitas das discussões realizadas aqui.

Enfim, os acervos do Arquivo Nacional, dos Institutos Histórico e Geográfico do Brasil e de São Paulo, e do Jardim Botânico do Rio de Janeiro revelaram-se bastante úteis, em termos

do levantamento cartográfico e da produção científica sobre o Itatiaia no século passado.

DESVIOS

Aos que se interessam por outro tipo de percurso, como o fazer da pesquisa, devo dizer que dediquei-me a este tema a partir do início de meu segundo ano como aluna do Programa de Mestrado em Sociologia, visto que meu projeto de pesquisa inicial sobre o movimento ecológico em São Paulo foi abandonado, entre outros motivos, por minha desilusão com os rumos do mesmo - de um lado - e por um aprofundamento, creio, de minha visão sobre o problema da relação homem-natureza - de outro.

É certo que em qualquer análise sujeito e objeto estão imersos num mesmo universo. Este estudo (da mesma forma como o abandonado sobre o movimento ecológico) diz respeito, então, a uma "pesquisa auto-eco-lógica"⁵. As transformações no equilíbrio dos ecossistemas planetários, as ameaças de catástrofes naturais ou artificiais, e da mesma forma as atuais/reatualizadas reflexões sobre o lugar do homem na natureza e o constante movimento de des/reterritorialização do estar vivo neste fim de século não deixaram de exercer influência sobre quem realizou a pesquisa. Assim, refletir sobre a idéia de espaço natural, sobre as relações humanas com este e seus sentidos - embora limitadas a um recorte espaço-temporal bastante específico, foi a maneira encontrada para pensar um certo desejo contemporâneo de "retorno à natureza", expresso em vários discursos (o turístico, o ecologista, de certa maneira embasados no científico e respaldados em/instituindo a

⁵ A expressão é de Edgar Morin, extraída de prefácio de *La dérive des territoires*, de Jean Viard.

legislação) que traduzem aspectos imaginários do social onde me insiro como sujeito e como autora.

Por outro lado, se agora posso incluir-me entre os incontáveis apaixonados por aquela montanha, minha descoberta do Itatiaia deu-se por uma via muito pouco romântica. A princípio, minha preocupação era com a idéia da delimitação de espaços para a natureza de uma maneira ampla e desejava fazer uma análise onde a temporalidade e o recorte espacial não fossem tão relevantes: servia-me, portanto, qualquer unidade de conservação. Além disso, antes de iniciar a pesquisa, o nome Itatiaia lembrava-me com muito mais facilidade uma famosa marca de armários de aço que a própria região do parque, e sua escolha como espaço da pesquisa deu-se mais a partir de uma intuição sobre a disponibilidade de fontes e de sua condição de primeiro parque do gênero no Brasil. Intuição que se revelou duplamente feliz, pois encontrei não apenas abundância de materiais daquele tipo "bom para pensar", que me abriram perspectivas de trabalho e reflexão sobre a questão ambiental no Brasil, como descobri um lugar e uma paixão novos.

NOTA CARTOGRÁFICA

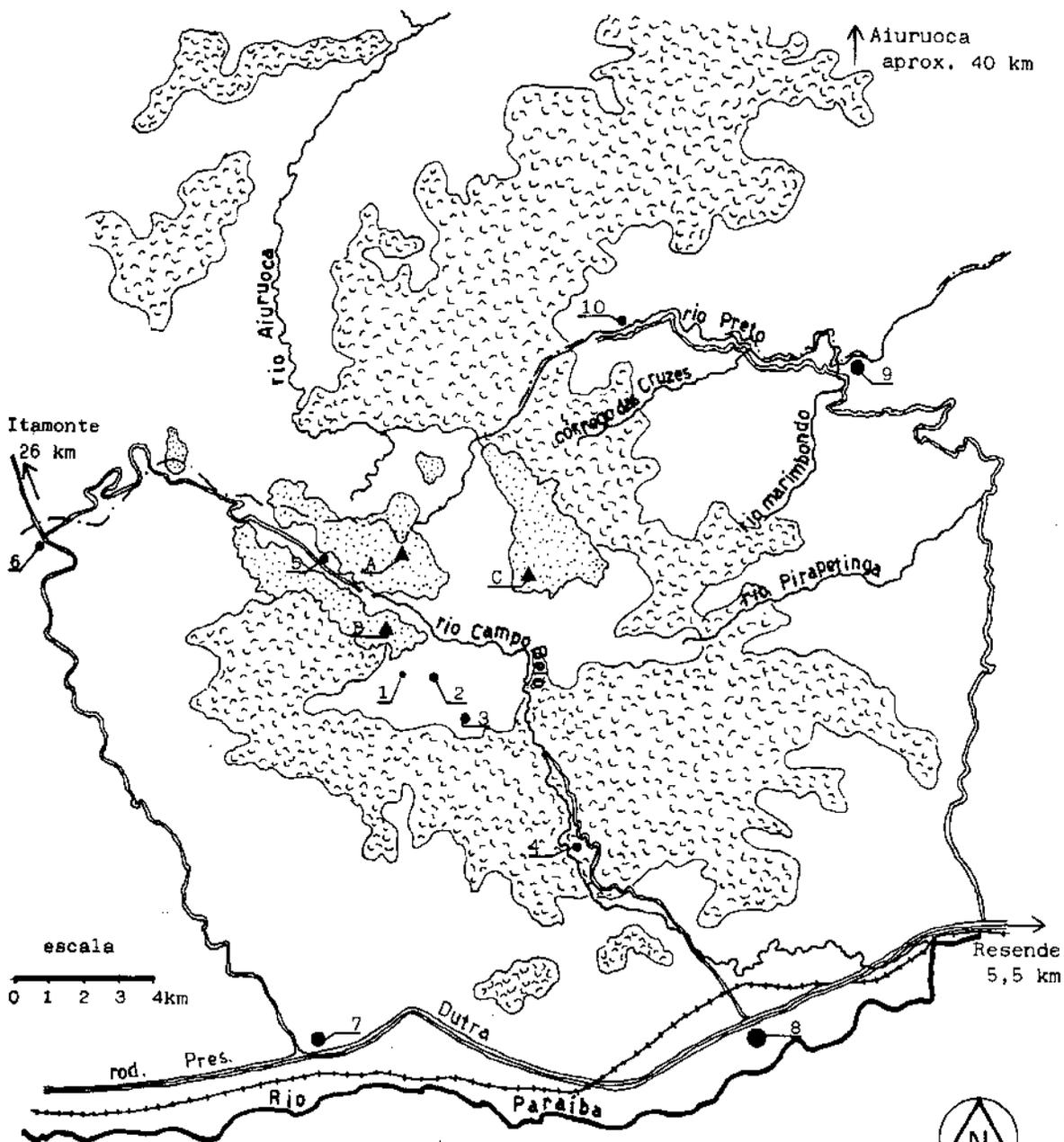
É útil assinalar antes do início deste estudo a distinção apontada por Horácio de Carvalho⁶, referente às denominações correntes para o Itatiaia. Confunde-se em geral o maciço, sua área de maiores altitudes, e o próprio cume mais elevado. Assim, convém registrar algumas diferenças.

⁶ Horácio de Carvalho, *Itatiaia: ascensão às Agulhas Negras*. Esta ressalva aparece também em Américo R. Netto, "À região do Itatiaia e às Agulhas Negras".

O maciço do Itatiaia é um bloco montanhoso que se isola de uma área de 1450 km² encravada na serra da Mantiqueira, na região das divisas de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro, caracterizada por um tipo específico de terreno, o foiaíto ou nefelino-sienito recoberto por gneiss - de origem eruptiva, com influências de glaciações⁷. Ao noroeste da cidade de Resende (RJ), mas englobando terras de Minas Gerais - na área agora protegida como parque nacional, podem ser distinguidos no maciço três tipos de paisagens, entre as cotas de 800 a 2800 metros. Na parte mais baixa, a vegetação é similar à floresta Atlântica, passando depois a uma zona de campos de altitude e finalmente ao Planalto, marcado por uma flora de características peculiares - espécies alpinas e outras típicas do local, mas especialmente pela predominância de formações rochosas. Neste Planalto destacam-se as *Aguihas Negras* (na maior parte dos textos mais antigos chamadas simplesmente Itatiaia), o conjunto de rochas de maior expressão em termos de altitude, cujo pico de maior elevação é o *Itatiaiuçú*, e as *Prateleiras* (outrora Pirâmides), outra formação expressiva em aspecto e altitude.

Neste texto procuraremos sempre que possível utilizar a denominação apropriada para cada área, mas isso só será feito na medida em que não se descaracterizem os documentos utilizados.

⁷ Há controvérsias sobre a geomorfologia da área. Cf. Alberto Ribeiro Lamego, "O maciço do Itatiaia e regiões circundantes" e Aziz Ab'Saber e Nilo Bernardes, *Vale do Paraíba, serra da Mantiqueira e arredores de São Paulo*.



- Rod. Presidente Dutra
- açessos principais
- estrada de ferro
- rios
- divisa Minas/Rio
- rochoso
- zona de floresta densa

- 1-provável local casa Rizoleta
- 2-abrigo Massena
- 3-abrigo Macieiras
- 4-sede do parque
- 5-abrigo Rebouças
- 6-Garganta do Registro
- 7-Eng. Passos
- 8-Itatiaia
- 9-Visc. de Mauá
- 10-Maromba
- A - Agulhas Negras
- B - Prateleiras
- C - Cabeça de Leão



1. A NATUREZA DOS PARQUES NACIONAIS

A invenção da figura do parque nacional apresenta como marco a demarcação em 1872, nos Estados Unidos, de uma área "dedicada e separada como um parque público ou lugar aprazível para o benefício e lazer do povo". Mas Yellowstone deveria também prestar-se "para a preservação do prejuízo ou espoliação de toda madeira, depósitos minerais, curiosidades naturais, ou maravilhas, dentro do dito parque", que deveriam manter-se "em sua condição natural"¹.

Seu ato fundador já manifesta o paradoxo básico que viria marcar a instituição deste novo lugar: a ausência do (trabalho) humano e o usufruto do homem, através do lazer². Do mesmo modo, deixa transparecer elementos do universo mental que informa sua criação: uma associação entre contato com o espaço natural e prazer; uma visão não positiva da apropriação indiscriminada do homem sobre as coisas do planeta - levando à própria idéia de intocabilidade; o vínculo entre proteção e aspectos singulares dos lugares, em especial com a *paisagem*. É certo que tais elementos não eram predominantes na sociedade norte-americana do final do

¹ "Yellowstone Act", citado em Roderick Nash, "The American Invention of National Parks", p. 733 e *Wilderness and the American Mind*, p. 108; e em Alfred Runte, *National Parks: The American Experience*, pp. 46-47.

² Jean Viard, *Le tiers espace: essai sur la nature*, pp. 13 e 20-23.

XIX, como veremos, mas mesmo assim já insinuam uma mutação de sensibilidade.

Signo de um movimento ambíguo e contraditório, que se choca com as próprias bases da sociedade onde se engendra, a invenção norte-americana do parque nacional é um momento onde a idéia de natureza revela sua historicidade. E como consequência disso coloca o problema da definição de qual é a natureza a ser nele protegida.

Nesse sentido, torna-se necessário resgatar ao menos alguns traços mais marcantes da idéia de natureza presente na invenção desse novo tipo de parque. Tal resgate é importante para que a delimitação do lugar do natural, que a invenção do parque nacional materializa, não seja vista como um fato independente de outras nuances das relações do homem com a natureza. É importante igualmente para que possamos ainda compreender a passagem da idéia de proteção da paisagem à de proteção da natureza (entendida como o conjunto dos elementos do mundo natural, inter-relacionados), esboçada com a reelaboração de sua proposta original, que se dá já nas décadas iniciais do século XX. Isto pois desde Yellowstone a concepção de parque nacional passou por reformulações, vindo a reforçar elementos presentes de modo menos marcante em seu início ou outros matizes da relação com a natureza, em especial no que toca à sua apropriação científica. Da mesma forma, esse resgate deve ajudar-nos a compreender a disseminação dos parques nacionais ocorrida em outros países não apenas uma imitação.

Simplificando o intenso debate travado principalmente no campo da antropologia a respeito da separação entre natureza e cultura⁹, podemos dizer que a natureza é uma invenção humana. Ela

⁹ Uma síntese deste debate, no campo da antropologia, pode ser encontrada no verbete "Natureza/Cultura", escrito por Edmund

pode ser/ter sido mágica, naquilo que se convencionou chamar "pensamento selvagem" ou "mentalidade primitiva"⁴ integrando, numa mesma teia, fatos naturais e humanos: natureza então antropomorfizada, onde se projetam características humanas e de onde os homens extraem suas forças através da magia. Ou aparecer racionalizada entre os gregos antigos, depois de um lento processo através do qual o homem adquiriu consciência da identidade que o distinguiria dos outros seres - a consciência do ser humano levando aí a um olhar mais objetivo e distanciado sobre as coisas do mundo, fazendo a passagem do *mito* ao *logos*⁵.

Se tomamos o período medieval, vamos encontrar uma mescla da idéia da transcendência do homem em relação à natureza, típica do cristianismo, e do "racionalismo" aristotélico: o homem é então colocado na posição privilegiada de intermediário entre aquela e Deus. Já no Renascimento, depois do descarte do aristotelismo, quando são mantidos tão somente os elementos anímicos da visão greco-medieval da natureza, o caminho para a revolução mecanicista do século XVII é aberto. Com ela, um novo olhar separa de maneira radical, polarizando mesmo, homem e natureza. O domínio humano sobre a natureza ganha seus filósofos, com Bacon e Descartes.

A partir disso podemos ainda dizer que, enquanto invenção humana, a idéia de natureza se apresenta em permanente movimento

Leach, na *Enciclopédia Einaudi*.

⁴ As expressões são de Lévi-Strauss e Lévi-Bruhl, respectivamente.

⁵ Sobre a idéia de natureza e suas múltiplas figurações e transformações, ver R. G. Collingwood, *The Idea of Nature*; Robert Lenoble, *História da idéia de natureza*; Donald Worster, *Nature's Economy: a History of Ecological Ideas*; e Clément Rosset, *A antinatureza: elementos para uma filosofia trágica*. Uma versão quase literária desta temática aparece em Bernard Charbonneau, *O jardim de Babilónia: os campos, as cidades, as regiões e o sentimento da natureza na sociedade moderna*.

ao longo da história, podendo assumir distintas configurações de acordo com cada cultura. Dessa forma, a natureza a ser protegida nos primeiros parques nacionais deve ser considerada como um momento de um amplo questionamento do antropocentrismo que tem predominado ao longo do tempo em que diferentes culturas têm se desenvolvido sobre a superfície do planeta.

Tal questionamento, em curso na cultura ocidental desde o início dos tempos modernos, coincide com a aparição do indivíduo na história e envolve lentas e não uniformes mudanças cotidianas nas atitudes do homem frente ao mundo natural, entrelaçadas a transformações no pensamento teológico, geográfico e científico, e também na arte.

Ao longo dos séculos XVI ao XIX, durante a transição que leva ao estabelecimento da economia capitalista, tal mutação de posturas vai se desenvolver de maneira muito característica na Inglaterra. Não apenas por que foi lá que os efeitos da industrialização e da urbanização fizeram-se sentir primeiro, gerando nas camadas privilegiadas das cidades um interesse cada vez maior por assuntos ligados à natureza e ao modo de vida da aristocracia rural, mas também por que, a despeito de a peculiaridade inglesa neste terreno da preocupação com o natural ser discutível, os ingleses habitantes das cidades nela acreditaram por muito tempo como uma marca de sua cultura, conforme afirma Keith Thomas em *O homem e o mundo natural*⁶.

⁶ Keith Thomas, *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800)*, p 15. Estaremos baseando nesta obra nossas afirmações sobre as transformações no campo da preocupação com o mundo natural na Inglaterra, salvo referência em contrário. Sobre a idealização do mundo rural na cultura inglesa dos séculos XVIII ao XIX, ver Raymond Williams, *O campo e a cidade: na história e na literatura*. Nesta obra, o autor desconstrói a tradição literária da poesia e romance do período

Esta obra de Thomas tornou-se uma referência para a reflexão acerca das mudanças de sensibilidades e atitudes no que toca à natureza nesse período, ocorridas não apenas na cultura inglesa mas também em muitas outras, como o próprio Thomas aponta⁷. Nela são recuperados dilemas enfrentados pelos ingleses em seu relacionamento com o mundo natural que irão minar as bases da crença absoluta do domínio e superioridade humana sobre as demais criaturas e coisas do mundo.

Reelaboradas aos poucos, novas formas de pensar e agir diante do natural foram se constituindo entre os séculos XVI e XIX, sem que, contudo, as antigas posturas do antropocentrismo fossem completamente abandonadas - como de resto não o podemos afirmar até hoje. Nesse processo, dois tipos de fatores desempenharam papéis importantes: de um lado a experiência concreta no trato com animais e plantas e, de outro, transformações em nível mais abstrato. Aí entrando um debate no interior do pensamento cristão, caracteristicamente antropocêntrico no período; a formulação de novas concepções filosóficas - por vias distintas como as de Bacon, Descartes, Hobbes, Espinosa, Hume e Kant; e com muito peso o desenvolvimento da história natural numa direção menos utilitarista e mais centrada nos valores e características intrínsecas aos outros seres.

Numa perspectiva ampla, esses conflitos envolveram opções

que atribui ao campo e à vida no campo virtudes de harmonia e paz social, desvendando a idealização presente nessa imagem.

⁷ Thomas, op. cit., p. 19. O reconhecimento da relevância e possibilidade de generalização da análise deste autor pode ser avaliado, inclusive, pela recorrência de citações de sua obra, tanto na produção francesa como norte-americana por nós consultada.

entre cidade ou campo, entre o cultivo dos campos ou a paisagem inculta dos lugares não trabalhados, entre a conquista ou a preservação das florestas, e ainda dúvidas sobre o compartilhar com os animais ou sua submissão (o que incluía inclusive um dilema entre consumo de carne ou vegetarianismo).

Mas as mudanças diante do mundo natural evidenciaram-se ainda, entre outras coisas, numa nova relação com os animais, da qual o surgimento da figura do animal de estimação é o exemplo mais marcante; na desmistificação das florestas como lugar de perigo e selvageria; no crescente interesse por flores e plantas, fazendo surgir a jardinagem doméstica e a passagem dos jardins geometricamente construídos - à francesa - aos jardins calculadamente naturais - à inglesa, além das cidades-jardim. Convém assinalar também que elas abarcaram de maneira distinta as camadas sociais, mas atingiram a todas, numa transição que envolveu fatores econômicos, estéticos e simbólicos. E que para alguns ela iria encontrar rapidamente seus limites, e levar à busca da própria natureza selvagem.

Como resultado dessas mutações surgiram, também na Inglaterra, as primeiras associações e leis voltadas à proteção da natureza e antipoluição. Em 1824, por exemplo, foi fundada uma Sociedade para Proteção dos Animais, mais tarde transformada em Sociedade para a Prevenção da Crueldade contra os Animais. Uma lei para controle da poluição do ar foi criada em 1863, assim como um órgão encarregado de aplicá-la. Em 1865 fundou-se um grupo chamado *Commons, Foot-paths, and Open Spaces Preservation Society*, que segundo John McCormick foi o primeiro grupo ambientalista privado

do mundo. Criaram-se ainda leis de proteção a aves e pássaros selvagens durante toda a segunda metade do século XIX⁸.

NATUREZA/PAISAGEM

Mas o homem que despertava para outros conceitos de animais e plantas, que idealizava a vida e a cena campestre, vai também inventar a paisagem como uma das configurações dominantes da idéia de natureza e de espaço⁹. Este fato desempenhará um papel marcante na invenção do parque nacional.

A pintura já vinha abrindo espaço para a paisagem desde o século XV, e no XVII um gênero próprio já estava cristalizado¹. Por certo, em momentos anteriores da história e da história da pintura - ou mesmo da literatura - elementos de um olhar e de uma representação paisagística já se haviam expressado, mas é apenas a partir do *Quattrocento* que eles assumirão sua identidade tal como reconhecemos hoje¹¹. Alain Roger atribui a invenção da paisagem na pintura à associação de dois pressupostos: de um lado, a dessacralização dos elementos "naturais", como as árvores, os

⁸ Cf. John McCormick, *Rumo ao Paraíso*, pp. 22-25.

⁹ Yves Luginbühl, "Le paysage rural: la couleur de l'agricole, la saveur de l'agricole, mais que reste-t-il de l'agricole?", p. 28. Yi-Fu Tuan, em *Topofilia: estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*, pp. 144, 149-154, interpreta esta transição como uma passagem "do cosmo à paisagem", ou de uma visão vertical do mundo (típica do medievalismo) a outra horizontal, evidenciada na literatura, na pintura de paisagem e na física.

¹ Sobre o nascimento da paisagem enquanto gênero pictórico, ver em Jean Viard, op. cit., o capítulo "La naissance du genre paysage"; Alain Roger, "Le paysage occidental: rétrospective et prospective"; e Michel Conan, "Généalogie du paysage".

¹¹ Cf. Roger e Conan, op. cit.

rios, as rochas etc., e seu conseqüente descolamento da cena bíblica, onde apresentavam-se como "signos distribuídos, ordenados em um espaço sagrado (...), que sozinho lhes conferia unidade"; e de outro a autonomização desses mesmos elementos naturais, quase rompendo a homogeneidade do quadro. A aplicação das técnicas da perspectiva influenciando decisivamente nisso tudo¹².

Ao mesmo tempo, assinala ainda um ponto que considera como frequentemente pouco destacado pelos historiadores de arte, o aparecimento da "janela", isto é, das vistas abertas interiormente aos próprios quadros, projetando-os para fora. Segundo o autor,

"Esta abertura é, simplesmente, a invenção da paisagem ocidental. A janela é com efeito este quadro que, isolando-o, encaixando-o na tela, institui o país em paisagem."¹³

Roger refere-se aí tão somente à invenção pictórica da paisagem, pois ele próprio concebe uma noção mais ampla. Segundo Michel Conan, para Roger

"A paisagem consiste em uma forma de representação da natureza ou, mais precisamente, em uma forma de esquematizá-la que permite sua apreciação estética."¹⁴

Por esta lógica, as bases da noção de paisagem não se definiriam a priori, por qualquer conteúdo sensorial ou conceitual que elegeria o objeto da esquematização, podendo ser uma montanha, um som, um odor ou uma fábrica, por exemplo. Além disso,

¹² Roger, op. cit., pp. 16-17.

¹³ Idem, p. 17, grifo nosso.

¹⁴ Conan, op. cit., p. 31, grifo nosso.

ainda para Roger, essa esquematização ou "artialização" da paisagem acontece de duas maneiras: *in situ* - isto é, diretamente, quando o espaço natural é transformado em paisagem por uma intervenção concreta em seu quadro físico (um exemplo seriam os jardins); e *in visu* - num movimento inconsciente que recorta o objeto através de um olhar paisagístico¹⁵.

No contexto da afirmação da preeminência da paisagem enquanto representante da natureza, as viagens de ilustração desenvolvidas pelos ingleses desde meados do XVII, entre outras práticas, desempenharam um papel significativo¹⁶. Elas expressam também de modo muito cristalino a reelaboração de imagens e atitudes ante o mundo, num sentido amplo, e o mundo natural. Os viajantes que cruzavam a Europa no *Grand Tour* - vencendo o temor aos Alpes, descobrindo o peculiar cenário holandês, elegendo enfim lugares interessantes para conhecimento - moviam-se por um desejo de investigação *in loco*, uma paixão pela taxonomia, produzindo inventários ou coleções na falta de um programa de pesquisa a seguir. Diretamente vinculado ao interesse pela pintura nos meios eruditos, este tipo de viagem complementava a formação do "homem de bom gosto", tinha na Antiguidade seu tema primordial e na viagem à Itália o principal roteiro. Nascido nobre, vai ser banalizado a partir da disseminação dos diários e outras formas de registro. E chega mesmo a contribuir para a constituição de campos autônomos de pesquisa, como no caso da geologia¹⁷.

¹⁵ Idem, pp. 14-15 e 31.

¹⁶ Cf. Luginbühl, op. cit.

¹⁷ Cf. Alain Corbin, *O território do vazio: a prata e o imaginário ocidental*, pp. 44, 54-55 e 123-124; Jean Viard, *Penser les vacances*, em especial o cap. "La pré-figuration rentière", pp. 21-37; Marc Boyer, "Le 'tour english style'"; e Philippe Joutard, *L'invention du Mont Blanc*.

Tais viagens, depois da metade do século XVIII, vão ter um sentido de reconstituição física e espiritual. Por essa época o *spleen*, a melancolia, era um traço característico das classes dominantes que incitava à busca de remédios para sua ansiedade, seus temores, seu tédio. Mas essas viagens consolidam ainda mais fortemente uma cultura do pitoresco e em fins do XVIII os ingleses envolvem-se numa verdadeira querela acerca de sua definição. Contudo, nas palavras de Conan,

"Nenhuma definição o abarca, pois o pitoresco não é um atributo da paisagem, uma propriedade que os sábios hermenêutas saberiam nela decifrar, mas o efeito de uma atitude cultural, o produto de uma conduta singular do olhar que permite ao espectador olhar a natureza como se ela oferecesse o espetáculo de uma pintura de paisagem."¹⁸

Desde as primeiras viagens pitorescas, então, a paisagem

"não é mais o testemunho de um suporte econômico e social, e ela não se relaciona mais com uma evolução geológica, geográfica e econômica, ela se torna um quadro homogêneo, contendo curiosidades. A paisagem não é mais caracterizada por suas partes, seus elementos testemunhos de suas riquezas, ela torna-se uma categoria sintética que se reporta a um todo."¹⁹

Além disso, este novo tipo de viagem vai relacionar-se diretamente com a emergência de uma nova geografia da sensibilidade e do divertimento, da qual o novo interesse - de

¹⁸ Michel Conan, "Découverte et invention du Yellowstone: esquisse de l'histoire de la création d'une culture visuelle aux États-Unis au XIX^e siècle", pp. 175-176.

¹⁹ Bernard Kalaora, "Le génie du lieu: étude de deux cas: la forêt d'Orléans et la forêt de Fontainebleau", pp. 149-150.

início pela cena campestre idealizada - ampliando-se depois para as montanhas e para as praias - será o sinal². Contudo, nas palavras de Alain Corbin, "o que é novo não é a contemplação no seio da natureza, mas as modalidades da leitura da paisagem", o "desejo de usufruir da visão de um panorama". Ele aponta, do mesmo modo, a teologia natural e a físico-teologia, na passagem do XVII ao XVIII, como responsáveis pela nova visão que se elabora neste momento do mundo como um espetáculo a ser fruído. Visão de mundo que esteve na base da nova prática das viagens e presente por sua vez na raiz da desconstrução das imagens repulsivas do mar e das praias e, de certo modo, das montanhas²¹.

A partir dessas viagens, então, a natureza - paisagem e paisagem pitoresca - vai inserir-se positivamente na geografia, na circulação dos homens.

LUGARES NATURAIS

Apesar dessas transformações, a idéia positiva de um lugar natural, ou naturalizado, não acontece como fenômeno da relação homem-natureza apenas na Idade Moderna. Basta lembrar os bosques sagrados e os inúmeros tipos de jardins cultivados desde a Antiguidade. Embora em alguns casos seu sentido fosse somente utilitário, a preocupação estética ou religiosa e o prazer de sua contemplação estavam em geral presentes²². De qualquer modo, da

² Idem, p. 80.

²¹ Corbin, op. cit., pp. 149-150. Uma discussão sobre a construção paisagística das praias e montanhas também aparece em M. Berlan-Darqué e B. Kalaora "Du pittoresque au 'tout-paysage'".

²² F. Ramade, "Os lugares de proteção da natureza", p. 453; Tuan, op. cit., pp. 144-147 e 158-170; e Louis Hautecoeur, *Les jardins des dieux et des hommes*, pp. 11-73.

perspectiva do predomínio humano sobre a natureza o jardim antigo é um testemunho de vitória. Ele representa a recriação do paraíso na terra, a supressão de tudo aquilo que, na natureza em estado bruto, constitui risco, desconforto²³.

Essa idéia de um paraíso recriado, em especial nos jardins persas estará também presente, ou vai ser reelaborada, em muitas outras variações. Nesse sentido, a ansiedade em torno de um lugar natural, porém não ameaçador, onde a natureza estivesse colocada tão somente ao dispor dos desejos humanos, chega, no caso da cultura cristã, a projetar a existência de um verdadeiro paraíso terrestre. Mas, depois dos jardins antigos e do fim da ilusão do paraíso terrestre com a descoberta dos novos mundos do oriente e ocidente, a idéia de recriação do paraíso vai cristalizar-se no jardins botânicos²⁴.

Porém, na perspectiva de (re)criar ou proteger espaços naturais/naturalizados tais jardins, como também a tradição de parques francesa e inglesa, ou o movimento norte-americano de parques urbanos de meados do XIX, não apresentaram a peculiaridade da criação dos parques nacionais. Apenas nestes vai se concretizar a visão de uma natureza atemporalizada, destinada à conservação absoluta. Na expressão de B. Kalaora, um *museu verde*²⁵.

Num contexto fragmentário, onde diferentes esferas - produção e consumo - aparecem dissociadas, inventa-se com os parques nacionais um espaço próprio para a natureza intocada. Ocorrendo, assim, algo como a definição pelo homem de espaços a serem protegidos dele mesmo. Nesse novo espaço ainda ocorreria uma

²³ Charbonneau, op. cit., p. 151.

²⁶ Cf. John Prest, *The Garden of Eden: The Botanic Garden and the Re-Creation of Paradise*.

²⁵ Viard, op. cit. pp. 15-26.

tentativa de restauração/conservação do passado, voltada para o futuro, cujos vínculos com a busca da dominação do tempo pelo homem (realizada através do estudo e preservação de traços de antigas civilizações) tornariam esse lugar o espaço do tempo absoluto²⁷.

Além de pretender congelar tempo e natureza, a delimitação do parque nacional coloca o problema da escolha dos espaços a serem protegidos. Aí entram mediações e artifícios entrelaçando simbolismo e concretude, sentidos e justificativas, que acabam por transformar espaços (quadros físicos destituídos de significação especial) em lugares. Estes, por oposição àqueles, são repositórios de sentidos e valores para uma sociedade ou grupos, cristalizam suas memórias, tornam-se lugares destas²⁸.

Refletindo sobre a produção de lugares de memória Pierre Nora escreve:

"Os lugares de memória pertencem a dois reinos, o que constitui seu interesse, mas também sua complexidade: simples e ambíguos, naturais e artificiais, imediatamente abertos à experiência mais sensível e, ao mesmo tempo, dependendo da elaboração mais abstrata.

Eles são lugares, com efeito, nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional, mas simultaneamente, apenas em graus diversos. Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, não é lugar de memória se a imaginação não o investe de uma aura simbólica. Mesmo um lugar funcional,

²⁷ Idem, *ibidem*. Contemporaneamente os sentidos da proteção ambiental ampliam-se principalmente em razão das possibilidades de catástrofes, de um lado, e de uma afirmação mais veemente dos valores intrínsecos do mundo natural e de seu direito à existência e permanência, de outro.

²⁸ Sobre as distinções entre as categorias de lugar e espaço, ver a obra Yi-Fu Tuan, *Espaço e lugar*. Sobre a relação entre memória e lugar, ver Nora, *op. cit.*

como um manual de aula, um testamento, uma associação de antigos combatentes, não entra na categoria se não for objeto de um ritual. (...) Os três aspectos coexistem sempre."²⁹

A memória coletiva, assim, aloja-se espontaneamente em múltiplos suportes onde busca resguardar-se do apagamento provocado pelas transformações do tempo histórico. No caso do parque nacional-lugar da natureza, poderíamos dizer, parafraseando Nora, que "Habitássemos ainda a natureza, não teríamos necessidade de consagrar-lhes lugares."³ Isto pois este tipo de lugar surge já no contexto da afirmação da modernidade que rompe com ritmos mais estáveis da vida rural - mais próxima do mundo natural, que encerra os homens em ambientes artificiais. Ou seja, se não há espaço para ela na vida é preciso então (re)criar um lugar para abrigá-la.

Numa outra perspectiva, delimitar espaços para amostras da natureza é também perpetuar uma memória histórica, associada à identidade cultural da nação. No caso de Yellowstone - e até mesmo em Itatiaia, veremos, esse ponto será decisivo.

YELLOWSTONE OU A CONSAGRAÇÃO DO CENÁRIO

A invenção da figura do parque nacional foi, sem dúvida alguma, um fenômeno da cultura norte-americana³¹. Nela, Roderick Nash enxerga uma contribuição dos Estados Unidos para a civilização mundial, e interpreta o fenômeno como fruto da

²⁹ Nora, op. cit, pp. XXXIV-XXXV.

³ Idem, p. XIX

³¹ Roderick Nash, "The American Invention of National Parks".

peculiaridade da experiência da nação norte-americana na relação com a *wilderness* - termo de difícil tradução, mas que pode ser entendido como vida selvagem ou rusticidade. Aliado a esta experiência única, apareceria a "ideologia democrática", a disponibilidade de terras incultas quando do aparecimento da idéia de proteção, e ainda a afluência da sociedade, permitindo-lhes "o luxo de preservar a natureza por seus valores não utilitários."³²

Nash admite alguma influência de fatores como o Romantismo, a mudança na sensibilidade estética que faz surgir a idéia do sublime e do pitoresco, e as filosofias transcendentalistas difundidas na época. Por outro lado, compara a experiência norte-americana à das culturas orientais, com seus jardins e parques, onde a natureza era motivo de culto e veneração, e lembra também a existência durante séculos de reservas florestais no Ocidente³³. Ele distingue esses casos dos parques nacionais, novamente, pelo caráter democrático destes últimos e pelo domínio público da terra, uma vez que os primeiros eram propriedades particulares. Porém, afirma ter sido "o reconhecimento da *wilderness* enquanto parte essencial da identidade americana" o elemento decisivo para a invenção do parque nacional³⁴.

³² Idem, p. 726.

³³ Uma análise apurada das questões envolvendo as reservas de caça na Inglaterra aparece em Edward P. Thompson, *Senhores e Caçadores*. O autor analisa a tradição inglesa acerca da política florestal e os conflitos sociais gerados por esta prática de apropriação da natureza, interpretando o direito de modo a revelá-lo como campo de lutas e não apenas de imposição e domínio de uma classe. Ainda, a partir desse ponto, traz à cena a sociedade inglesa do século XVIII, desconstruindo o consenso da imagem superficial apresentada pela historiografia tradicional.

³⁴ Nash, op. cit., pp. 731 e 727.

Este último ponto da argumentação de Nash é discutível, uma vez que só depois de algum tempo a intenção de proteger da apropriação privada outros aspectos que não o pitoresco ("curiosidades naturais ou maravilhas") e os recursos minerais passa a integrar a idéia de parque nacional³⁵. Além disso, e ainda que nenhum de seus demais os argumentos estejam equivocados em essência, seu ufanismo obscurece não apenas a compreensão da mudança de sensibilidades e atitudes dos norte-americanos frente à natureza, como também negligencia os sinais de uma reelaboração desse mesmo campo em várias culturas³⁶.

Quanto ao relacionamento dos colonizadores norte-americanos entre o século XVI e o XIX, na análise de Clayton Koppes, ele baseava-se numa visão dos recursos como inesgotáveis, cujo uso imediato era o desejável e, após a pacificação e ou confinamento dos índios, apropriáveis pelos brancos, visto não existirem proprietários. Esta postura respaldando(-se em) a estrutura legal e as políticas públicas da época, que estimulavam este tipo de apropriação. Visão paulatinamente redefinida a partir da última década do século passado³⁷.

³⁵ Cf. Conan, op. cit., pp. 184-187.

³⁶ Um esforço de recuperação de um "movimento global" nesse sentido aparece em *Rumo ao Paraíso*, de John McCormick, que busca estabelecer vínculos e mesmo uma continuidade entre as modificações nas atitudes do homem frente à natureza desde o século XVIII até o ambientalismo de hoje. Embora as conclusões deste autor sejam discutíveis, a hipótese não merece ser desconsiderada.

³⁷ Clayton Koppes, "Efficiency/Equity/Esthetics: Towards a Re-Interpretation of American Conservation". Cf. ainda Runte, op. cit., e Nash, *Wilderness...*, op. cit. Viard, ampliando o campo das análises sobre este ponto, ensaia uma interpretação que veria também no referencial religioso do protestantismo um fator interveniente no surgimento da idéia de proteção da natureza nos

Dentre os móveis da invenção do parque nacional pelos norte-americanos, ao pano de fundo das mutações gerais ante o mundo natural esboçado anteriormente, cujos sinais na cultura norte-americana são tardios em relação à Inglaterra mas podem ser lidos na literatura, na filosofia e na arte, somou-se a afirmação da identidade da nação que se consolidava após a independência e procurava equivalentes locais para os símbolos do passado cultural europeu. Como era-lhes impossível localizá-los em sua cultura material, seus intelectuais encontraram nos "monumentos naturais" um substituto⁹⁸.

Enquanto influências no surgimento da idéia de parque nacional podem ser apontadas as idéias de Henri David Thoreau, John Muir, J. F. Cooper, George Perkins Marsh - autor de *Man and Nature*, publicado em 1864, um marco na reflexão sobre o modo da apropriação dos recursos e sua manutenção⁹⁹. Porém, a pintura - com Cole e seus discípulos - e principalmente as litografias e cromolitografias das imagens do Oeste, publicadas na forma de livros, contribuíram de modo ainda mais significativo para a difusão de uma conduta do olhar que levava os norte-americanos a enxergar a natureza de seu país como paisagem. O desenvolvimento de uma cultura visual, através da difusão de imagens do país por tais técnicas picturais, por intermédio das quais as imagens da natureza distante da fronteira chegavam aos cidadãos do leste,

EUA. Cf. *Le tiers espace*, op. cit. e adicionalmente a resenha homônima de Serrano para esta obra.

⁹⁸ Este argumento é defendido em Runte, op. cit.

⁹⁹ Cf. Nash, *Wilderness...*; Runte, op. cit.; Conan, "Découverte...", op. cit.; Stephen Fox, *John Muir and His Legacy: The American Conservation Movement*; e adicionalmente McCormick, op. cit.

contribuiu então para a transformação da paisagem num símbolo da identidade nacional⁴. Num lugar de memória, também.

Antes dessa difusão das imagens do país e da legitimação pelo olhar do valor da natureza norte-americana houve, entretanto, alguns precedentes. A primeira proposta de algo semelhante a um parque nacional ocorre em 1832, quando George Catlin, um artista interessado em arte indígena, sugere a criação de

"Um Parque da nação, contendo homem e animal, em toda a selvageria e frescor de sua beleza natural (...) para a América preservar e garantir para o olhar de seus cidadãos refinados e para o mundo, nas eras futuras!"⁴¹

Esta proposta estará muito distante da que efetivamente se implanta em 1872, mas contém os germes da idéia deste tipo de parque cristalizada com o passar do tempo⁴². Porém, Yellowstone também não foi a primeira área protegida. Em 1832 as fontes termais de Hot Springs, no estado de Arkansas, haviam sido incorporadas ao domínio público e protegidas com finalidades medicinais⁴³. Anos depois, em 1864, o vale de Yosemite fora protegido por uma lei estadual. Entre eles há quase nenhuma diferença; o que acabou por determinar o estabelecimento do marco foi apenas a denominação de parque nacional, empregado pela primeira vez em Yellowstone.

⁴ Conan, "Découverte...", op. cit., pp. 184-192.

⁴¹ Nash, "The American Invention...", p. 729, *Wilderness...*, p. 101; Runte, op. cit., p. 26; e McCormick, op. cit., p. 30.

⁴² As reservas indígenas parecem reeditar contemporaneamente a idéia original de parque nacional de Catlin.

⁴³ Runte, op. cit., p. 26.

Mas se em Yellowstone não se pretendia proteger a *wilderness*, com o passar do tempo e dos debates em torno da criação de outros parques nacionais foi sendo estabelecida uma discussão onde duas posturas distintas enquanto visão de natureza e conflituosas enquanto prática consolidaram-se. Nela o valor e o sentido da proteção de lugares onde a *wilderness* tivesse seu espaço sai do campo da filosofia e entra na disputa por condições objetivas de concretização⁴⁴.

Preservar ou conservar? Nestes termos definia-se o dilema que na passagem do XIX ao XX assumiu o caráter de uma férrea disputa dentro e fora do incipiente sistema de florestal dos Estados Unidos. De um lado colocando-se os defensores de valores intrínsecos aos elementos do mundo natural e que buscavam resguardar-lhes espaços para a pura e simples preservação, contra qualquer interferência humana distinta da fruição. De outro, aqueles que buscavam racionalizar a apropriação dos recursos, visando sua conservação para aquela geração e as futuras, relativizando assim o valor da natureza intocada - que naquela sociedade e momento ainda não se colocava tão incisivamente senão para alguns grupos. John Muir e Gifford Pinchot personalizaram as idéias do preservacionismo e do conservacionismo no período, envolvendo-se arduamente no debate. A proposta de Pinchot, embora não consiga apagar completamente as idéias preservacionistas, sairá vencedora. O que pode ser facilmente compreendido por sua maior compatibilidade com a ética pragmática da cultura norte-americana.

⁴⁴ Cf. Fox, op. cit., Nash, op. cit., Runte, op. cit., e adicionalmente, McCormick, op. cit.

2. A IDÉIA DE PARQUE NACIONAL NO BRASIL

MIRAGENS DO PARAÍSO

Uma recorrência na imagem do Brasil, ou antes da natureza brasileira, é sua marca edênica. Construída ainda nos momentos iniciais do processo da colonização, quando os cronistas exercitavam e/ou deixavam aflorar seu imaginário, descrevendo a exuberância e exotismo da natureza e seus elementos - com maior ou menor sentido pragmático conforme o autor, e por vezes com intenção propagandística, ela vai sofrer metamorfoses ao longo da transformação da história e do pensamento sobre o país. Entretanto, só conseguirá desvencilhar-se dessa marca pontualmente⁴⁵.

O olhar do colonizador português vinha armado por uma geografia religiosa que assimilava as novas terras ao *paraíso terrestre*, ou mesmo revivia o imaginário europeu sobre este. Depois de ter sido apontado na Ásia e África e deslocado desde lá para um ponto do oceano Atlântico, o éden encontrou aqui um novo locus de projeção, num movimento que seguiu os rumos dos descobrimentos geográficos⁴⁶. No entanto, os cronistas mais

⁴⁵ Cf. sobre isto, além do clássico de Sérgio Buarque de Holanda, *Visão do Paraíso*, as reflexões derivadas e/ou correlatas de Laura de Mello e Souza em "O Novo Mundo entre Deus e o Diabo", in *O diabo e a Terra de Santa Cruz*; de Flora Süssekind em *O Brasil não é longe daqui*. Ver também Dante Moreira Leite, que discute as relações entre as representações da natureza brasileira e a nacionalidade em *O caráter nacional...*, op. cit.; e José Augusto Pádua, que sintetiza esse debate em "Natureza e projeto nacional".

⁴⁶ Cf. sobre este ponto Holanda, op. cit., p. 178.

dedicados à edenização - Gandavo e Ambrósio Brandão - já apontavam o trabalho humano como elemento necessário à sua afirmação.

Além disso, à imagem paradisíaca predominante a realidade do trópico impôs algumas fraturas, traduzidas por alguns autores do período colonial pela insalubridade do clima, a pestilência dos insetos, e a selvageria ou a indolência dos homens. Laura de Mello e Souza assim sintetiza a condição da colônia: "Paraíso Terrestre pela natureza, inferno pela humanidade peculiar que abrigava, o Brasil era purgatório pela sua relação com a metrópole."⁴⁷

A concepção da colônia como purgatório mesclou a idéia religiosa da purificação à justificativa do sistema colonial. Colombo achava que o ouro americano poderia resgatar almas para o Paraíso e Nóbrega, mais tarde, via como função principal da colônia a produção de riqueza, realizada por uma população da qual o pecado foi extirpado pelo padecer gerado das dificuldades da vida no trópico. Tais idéias casam ainda dois aspectos da colonização: a incorporação de terras aos reinos europeus e a conquista de almas para a Igreja. As almas a serem cativadas eram as nativas, mas logo no início colocou-se também a reconquista daquelas dos europeus pecadores para cá enviados em degredo. Para os negros escravizados, contudo, a colônia foi sempre o inferno⁴⁸.

A partir de argumentos de Gandavo e Nassau, Laura de Mello e Souza escreve:

"Lugar da purgação, a colônia atenuava os pecados conforme avançava o processo colonizatório; quanto maior a harmonia entre a atividade desenvolvida e o interesse metropolitano, mais rápida seria a purgação: o esforço operoso dos bons colonos alargava-lhes assim o caminho dos Céus, bloqueado

⁴⁷ Souza, op. cit., p. 84.

⁴⁸ Idem, pp. 32, 75, 78, 80 e 84.

para os escravos negros. (...) Purgando pecados, limpando a Europa, a colônia viabilizava a metamorfose do ônus em utilidade. A reversão só era possível, entretanto, através de grande esforço: o suor honesto - o qualificativo servindo, ao lado da visão edênica, de atenuante à aspereza do trabalho".⁴⁹

No contexto do mercantilismo, à visão do paraíso terrestre e/ou à promessa de purgação dos pecados aliou-se um olhar que enxergava aqui um novo depósito de riquezas. As notícias das riquezas nativas dadas ao mundo pelos primeiros cronistas incitaram a curiosidade interessada da Metrópole, que não hesitou em estimular expedições para localização e identificação de especiarias, em meados do XVII. Com o advento dos jardins botânicos no século seguinte, a procura por espécies úteis acentua-se, e, pelo lado da cartografia, questões de limites territoriais incentivam o mapeamento topográfico, executado inicialmente por engenheiros militares. Apenas com a chegada da Família Real em 1808 é que vai se ensaiar algum estímulo à pesquisa menos interesseira, ainda assim de maneira muito tímida⁵. O que por certo não transformou completamente aquele olhar utilitário sobre a natureza.

Duplo, então, esse olhar português sobre o Brasil perpetrou relações dos homens com o território marcadas por atitudes predatórias, onde o sistema original de ocupação do solo, através das capitâneas hereditárias e sesmarias, terminou por favorecer a não responsabilidade no uso dos recursos naturais. Do mesmo modo, o prosseguimento da atividade econômica, com seus "ciclos", não

⁴⁹ Idem, p. 83, grifo nosso.

⁵ Cf. Warren Dean, *A botânica e a política imperial*, especialmente pp. 6 e 11 e Nancy Stepan, *Gênese e evolução da ciência brasileira*.

produziu resultados de menor impacto de um ponto de vista ambiental⁵¹.

Outros exploradores, viajantes, não ocupados com o trabalho direto ou indireto com a natureza ou comprometidos com os interesses do governo, vão apresentar visões distintas sobre ela e sobre os habitantes daqui. Produtores de incontáveis relatos sobre a vida brasileira no período colonial, e também no Império, tais viajantes eram em muitos casos mistos de naturalistas e turistas⁵². Embora em grande parte deles a edenização da natureza se mantenha, alguns irão criticar as formas da relação do homem com a natureza no país.

Mesmo tendo em conta o perfil "desinteressado" dessas viagens, há que se considerar que a lógica da exploração do território brasileiro, entendida como busca de conhecimentos sobre, não conseguiu desvencilhar-se do elemento conquista enquanto um de seus motores. Nesse sentido - ambigualmente -, mapear, colecionar e classificar flora e fauna e território servia para ampliar o universo do saber humano sobre a natureza, ao mesmo tempo em que revelava estoques de bens comercializáveis e demarcava a posse do território.

Tais viagens, e seus relatos, além de contribuírem para o conhecimento do país, também instauram um modo de olhar para ele. Olhar que em muitos casos enxergará o mesmo paraíso dos descobridores e de alguns cronistas e que se colocará como

⁵¹ Sobre as formas da atividade econômica no país, ver Caio Prado Junior, *História econômica do Brasil*; adicionalmente, ver Pádua, op. cit.

⁵² Cf. Mário Jorge Pires, *Hóspedes, hospedeiros e viajantes no século XIX: raízes do turismo no Brasil*.

referência para construção da própria imagem da natureza brasileira nos escritores locais⁵³.

O ufanismo da natureza brasileira que no início da colonização vai expressar-se sob a forma de sentimentos nativistas chega ao século XIX metamorfoseado em nacionalismo - através do Romantismo⁵⁴. Em ambos os sentimentos, contudo, um sentido de valorização, de construção da identidade do Brasil comparativamente à Europa⁵⁵ - num movimento comparável ao norte-americano de valorização dos cenários e monumentos naturais, no que toca ao interesse pelas coisas nacionais, servirá também para escamotear as atitudes concretas frente aos recursos naturais. Irá caracterizar então aquilo que José Augusto Pádua analisa como "uma tradição de dois pólos esquizofrenicamente divorciados. Uma celebração puramente retórica de um lado, e uma realidade de devastação impiedosa do outro"⁵⁶.

É certo, entretanto, que ao menos ao nível do pensamento a predação nem sempre foi aceita como fato natural. Pádua complementa sua análise distinguindo quatro posturas da relação com a natureza no Brasil. Uma primeira diz respeito ao "elogio retórico e laudatório do meio natural, indiferente e, por vezes, conivente com a realidade da sua devastação". A segunda refere-se ao "elogio da ação humana em sentido abstrato, passando ao largo das suas consequências destrutivas". Outra critica a "destruição da natureza, propondo como remédio a modernização do país nos moldes da civilização urbano-industrial". E a última faz a mesma

⁵³ Cf. Sússekind, op. cit.

⁵⁴ Cf. Leite, op. cit.

⁵⁵ Sússekind, op. cit., Pádua, op. cit.

⁵⁶ Pádua, op. cit., p. 20.

crítica, mas propõe "a busca de um modelo alternativo e autônomo de desenvolvimento nacional"⁵⁷.

Na sua busca pelas origens da ecologia política no Brasil, o mesmo autor recupera alguns pensadores que refletiram sobre o aspecto político das relações dos homens com a terra brasileira. Nessa "tradição" de críticos apareceriam Frei Vicente Salvador, Ambrósio Brandão, José Bonifácio, Joaquim Nabuco e André Rebouças (estes últimos herdeiros de Bonifácio), Euclides da Cunha e Alberto Torres. Ainda que nos fiquem dúvidas sobre a possibilidade de se ler o pensamento desses autores enquanto projetos de "ecologia política", é inegável que eles apresentam uma reflexão bastante lúcida e crítica, embora com propostas discutíveis, sobre o problema da relação homem-natureza no Brasil⁵⁸.

*A PROTEÇÃO DA NATUREZA ATÉ OS ANOS 30*⁵⁹

Buscando esmiuçar um pouco a dualidade de posturas - concretas e retóricas - apontada por Pádua, acreditamos ser útil procurar detectar onde e em que momentos atitudes sensíveis à destruição da natureza ou de seus elementos se manifestaram.

⁵⁷ Idem, p. 60.

⁵⁸ Do nosso ponto de vista, a leitura dos problemas ambientais em termos "ecopolíticos" acontece apenas a partir da década de 60 de nosso século, quando as dimensões de tais problemas passam a ser enxergadas numa perspectiva planetária e uma reflexão global sobre eles começa a ser esboçada. Cf. também J. P. Dupuy, *Introdução à crítica da ecologia política*.

⁵⁹ Este item se pretende apenas um esboço, uma vez que a limitação desta pesquisa não permite aprofundá-lo, em função principalmente da inexistência de sistematizações ou análises aprofundadas sobre o tema.

Pelo lado institucional, e apesar de tímida e preocupada principalmente em salvaguardar interesses da Coroa, cabe mencionar a existência de uma legislação voltada à proteção das matas. O regulamento do pau-brasil, de 1605, já determinava seu modo de manejo visando a manutenção dos estoques e instituiu uma guarda florestal⁶. No período do domínio holandês, Maurício de Nassau controlara o corte de madeiras no Nordeste, também com fins eminentemente utilitários. Ainda na mesma perspectiva, a carta régia de 1797 foi a primeira norma a regular a apropriação geral dos recursos florestais no Brasil; além dela valia em parte, formalmente, a legislação da Metrópole⁶¹.

Durante o século XIX, quando a intensificação da atividade agrícola e a expansão da monocultura e das ferrovias produzem um desmatamento desenfreado, a atitude do governo no âmbito florestal oscila entre esforços reguladores e o descaso. Nesse período a legislação atém-se basicamente a algumas restrições ao corte e ao controle da invasão das terras devolutas. É significativo também que na Constituição de 1891 caiba aos estados e não ao governo central a tutela das florestas⁶².

⁶ Sônia Maria Pereira, "Legislação ambiental e problemas fundiários", p. 9.

⁶¹ Paulo Ferreira de Souza, *Legislação florestal*, 1ª parte, p. 5; Angela T. Quintão, "Evolução do conceito de Parques Nacionais e sua relação com o processo de desenvolvimento", p. 19; e Mauro A. Victor, *A devastação florestal*, p. 11. Cf. nesta última obra estudo detalhado sobre a devastação/proteção das florestas.

⁶² Cf. Victor, op. cit., pp. 10-15, 19 e 22, e Pereira, op. cit., p. 10.

Data do início do século passado um exemplo da visão crítica sobre o uso dos recursos, o estudo elaborado por José Bonifácio em 1815, *Memória sobre a necessidade e a utilidade do plantio de novos bosques em Portugal*⁶⁴. Ele também propõe pouco depois, em 1821, a criação de um órgão destinado à administração das matas e bosques, equiparado ao de obras públicas, mineração, agricultura e indústria. Na mesma oportunidade, sugere o condicionamento das concessões de terras à manutenção da cobertura florestal na sexta parte dos terrenos: esta "nunca poderá ser derrubada e queimada sem que se façam novas plantações de bosques para que nunca faltem as lenhas e madeiras necessárias"⁶⁵.

Esses dois casos são apenas exemplos do pensamento de Bonifácio, interpretado por Pádua como parte de uma concepção imperialista de ciência. Tal concepção, conforme a tipologia elaborada por Donald Worster a partir das reflexões sobre a natureza no século XVIII, tem inspiração racionalista e volta-se para a instrumentalidade dos elementos naturais. Em oposição a este tipo de ciência estaria a "arcádica", cujo pressuposto é a crença em valores intrínsecos ao mundo natural e que pregava uma relação harmônica dos homens com a natureza, nos moldes da vida simples e comunitária das sociedades agrícolas e pastoris⁶⁶. Se a postura de Bonifácio não chega a romper com o utilitarismo, isso não invalida seus esforços em sensibilizar pessoas e instituições

⁶⁴ Reeditado em 1992 pelo IHGB. Sobre as idéias conservacionistas de Bonifácio, não restritas ao problema florestal, ver Pádua, op. cit.

⁶⁵ Newton Carneiro, "José Bonifácio e a dasonomia" (Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1978, p. 18) apud Victor, op. cit. pp. 10-11.

⁶⁶ Pádua, op. cit., pp. 29-30. Cf. ainda Worster, op. cit., pp. 3-56; e adicionalmente McCormick, op. cit.

para as implicações das formas correntes da apropriação material da natureza. Além disso, seu pensamento pode ser lido como um sinal da não homogeneidade das atitudes ante os recursos naturais em nosso processo de colonização.

Foi também no século XIX que surgiu a primeira proposta de reservar um espaço destinado a proteger a natureza no Brasil, por André Rebouças. Em 1876, inspirado na iniciativa de Yellowstone, ele lança a questão: "Não terá também um dia o Brasil o seu *Parque Nacional*?!"⁶⁷ Mas em sua proposta o olhar sobre a natureza é pitoresco e os fins a que a proteção se destina são eminentemente turísticos⁶⁸: ele chega a contabilizar o montante movimentado por turistas nas cidades italianas e que poderia ser também aqui gasto se dispuséssemos de parques bem estruturados. Uma comparação entre a natureza dos trópicos e a norte-americana também não lhe escapa, sobressaindo-se, inevitavelmente, a nossa:

"Será difícil que o canyon de Yellowstone seja mais pitoresco do que o do Guaira, opulentamente adornado de palmeiras, de fetos arborescentes e das mais belas árvores da flora brasileira; quando lá a rocha é nua e queimada pelas emanções vulcânicas, deixando apenas ver, de longe em longe, um melancólico grupo de tristes coníferas. (...)

No interior da ilha de Santa'anna, do Bananal, ou de Caruaré há um bellissimo lago - a lagoa Grande - de onde corre um lindo regato, *como se a natureza já o tivesse preparado para um magnífico parque em estilo moderno.*

"Imaginal o Tocantins e o Araguaia navegados por magníficos vapores, como os de Mississipi; suas cachoeiras vencidas por vias férreas laterais: e compreendereis então como será pitoresca uma excursão a essa ilha, onde se poderá grupar toda a flora e toda a fauna dos vales do

⁶⁷ Nestor Borba e André Rebouças, "Excursão ao salto da Guaira ou Sete Quedas", p. 84.

⁶⁸ Roquette Pinto chama Rebouças de "patriarca do turismo no Brasil".

Amazonas, do Parnaíba e do S. Francisco."⁶⁹

A idéia do trópico como lugar da natureza perfeita, como jardim ou parque pronto, não deixa de sugerir uma idealização romântica ou remeter ao tradicional imaginário das maravilhas tropicais, à idéia do paraíso terrestre. A proposta de Rebouças não deixa também de projetar uma atemporalização da natureza, excluindo a intervenção humana sobre esta, além de referir-se ao aspecto divino da mesma:

"O que é bem certo; o que fica acima de toda a discussão é que a geração atual não pode fazer melhor doação às gerações vindouras, do que reservar intactas, livres do ferro e do fogo, as duas mais belas ilhas do Araguaia e do Paraná.

Daqui a centenas de anos poderão nossos descendentes ir ver dois espécimens do Brasil, tal qual Deus o criou; encontrar reunidos, no norte e no sul, os mais belos espécimens de uma fauna variadíssima, e, principalmente, de uma flora, que não tem rival no mundo!"⁷

Essa proposta de Rebouças vai permanecer sem maior repercussão ou recuperação até a década de 10 do século XX, acompanhando, de certa forma, a apatia geral diante da destruição da natureza.

Nesse sentido, a omissão do governo federal diante do problema da devastação é tal que, quando o projeto do Serviço Florestal do Brasil é aprovado em 1921, depois de engavetado por 14 anos, vários estados já haviam criado suas unidades deste

⁶⁹ Borba e Rebouças, *idem*, pp. 83-84, grifo nosso.

⁷ *Idem*, pp. 86-87, grifos nossos.

13
órgão⁷¹. Mesmo assim, ele só será completamente regulamentado em 1925⁷² e estará muito distante da proposta de Bonifácio sobre um órgão gestor do meio ambiente. Fato que, num país inaugurado sob o signo da exploração inescrupulosa, voltada apenas aos interesses imediatistas do sistema colonial, e apenas mimetizada no processo das mudanças políticas e econômicas sofridas ao longo da história, tem sua dificuldade de legitimação facilmente explicada.

A despeito dessa negligência, ou da conivência, do poder público para com a devastação, na virada do XIX para o XX a preocupação com a questão florestal estava presente em parcelas dos círculos científicos e mesmo governamentais⁷³. Em São Paulo, um grupo liderado por Loefgren, Derby e Ramos de Azevedo consegue a desapropriação de uma área da serra da Cantareira para instalação de um horto visando a proteção de recursos hídricos, em 1896, onde posteriormente foram instalados campos experimentais e um serviço florestal⁷⁴. Pesquisadores do Museu Paulista, que na década de 20 contava com duas reservas (na serra de Paranapiacaba e em Itú), propunham nesse mesmo período a criação de leis de caça e para proteção das aves, em especial Ihering⁷⁵, embora a tônica da

⁷¹ Numa de suas poucas atitudes sobre a questão o governo federal, mesmo assim apenas preocupado em estimular o reflorestamento e não em conter a predação, baixou um decreto em março de 1918 oferecendo um prêmio por árvore plantada, aliás revogado em função de seu próprio sucesso, gerador de problemas aos cofres públicos. Cf. Alberto J. de Sampaio, "O problema florestal no Brasil", pp. 142-143.

⁷² Quintão, op. cit. p. 19.

⁷³ Cf. Adalberto Mário Ribeiro, "O problema florestal e a ação do presidente Getúlio Vargas".

⁷⁴ P. F. de Souza, op. cit., pp. 191-192 e Victor, op. cit., pp. 18-19.

⁷⁵ Hermann von Ihering, "Necessidade de uma lei federal de caça e

- preocupação com a natureza naquele momento recaísse sobre o problema florestal.

Numa outra frente, nas três primeiras décadas do nosso século inúmeros hortos foram implantados com objetivo de produzir sementes e mudas, preservar nascentes ou estoques de madeira⁷⁶, ampliando o trabalho dos jardins botânicos já existentes desde o período colonial. Apesar da utilidade de tais iniciativas, elas geralmente vinham acompanhadas de uma postura crítica frente ao uso dos recursos.

No sentido estrito da delimitação/proteção de espaços, para além do cuidado com espécies particulares, a criação de uma reserva no Acre, em 1911 é um exemplo significativo. Porém, mais importante que o decreto da reserva em si, que afinal de contas não chegou a sair do papel, é a circular de Pedro de Toledo endereçada a todos os presidentes e governadores de estados naquele mesmo ano. Intitulada "A devastação das florestas", tal circular tecia longas considerações sobre os "perniciosos efeitos da ilimitada liberdade de destruição das matas", que vinha gerando segundo o ministro protesto por parte dos agricultores, inconvenientes científicos, e sobretudo prejuízos econômicos⁷⁷.

Pedro de Toledo reconhece méritos na campanha realizada pela imprensa nesse sentido, e também nas iniciativas do serviço florestal paulista - já ocupado com atividades voltadas à conservação e pesquisa, mas as julga insuficientes. Friza então a

proteção das aves".

⁷⁶ Cf. P. F. de Souza, op. cit. (2ª parte).

⁷⁷ Brasil, Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, *Relatório apresentado ao presidente dos Estados Unidos do Brasil pelo ministro de Estado, 1911, p. 159.*

necessidade de um "regime florestal", com base ou apoio na figura da reserva florestal,

"estabelecida metodicamente ao longo das mais altas cordilheiras, alcançando as quase inacessíveis vertentes dos nossos grandes rios centrais e litorâneos, de modo a garantirmos para o futuro a salubridade e regularidade do clima, a normalidade das precipitações atmosféricas, o enriquecimento periódico dos terrenos aluviais cultiváveis e a navegabilidade permanente dos rios.

É isto o que têm feitos outros países civilizados e designadamente a grande República do Norte, que se empenha na reconstituição do patrimônio florestal, também outrora barbaramente desfalcado."⁷⁸

Nesse momento a idéia de proteção da natureza não é mais apenas pitoresca e turística, como no primeira proposta de criação de parques nacionais feita por Rebouças, o que pode ser percebido através da fala de Pedro de Toledo. E isso deve-se provavelmente à influência do debate internacional àquela altura intenso envolvendo as idéias de conservação e preservação nas reflexões sobre nosso uso dos recursos. Além, é claro, da própria sensibilidade e reflexão de setores internos em relação ao tema.

Em sua circular o ministro vai solicitar aos estados a cessão de terras para o estabelecimentos de tais reservas. Ainda que o pedido seja específico, e mencione "a cessão somente das terras desertas e devolutas", a resposta dos estados será ou o absoluto desprezo, ou cartas elogiando a iniciativa mas dissimulando sua verdadeira intenção de ignorar o pedido ou explicitando mesmo a inaceitabilidade da proposta. Fica clara então a falta de legitimidade da idéia de proteção naquele momento e, em que pese o nacionalismo que impregnava o país desde o

⁷⁸ Idem, p. 160.

advento da República, nenhum apelo favorável à coletividade foi suficiente para frear a devastação^{7º}.

Reforçando os indícios da preocupação com a situação da cobertura vegetal, é publicado em 1912 um "mapa florestal" cujo objetivo era "oferecer uma base aos primeiros estudos para criação das reservas florestais", vistas naquele momento como primeiro passo da "grande obra da defesa e conservação das florestas". Nele Gonzaga de Campos previa, além das reservas, o replantio e mesmo a criação de novas florestas⁸.

Um outro exemplo do tipo de pensamento crítico sobre a apropriação dos recursos no período é retratado na exposição que o botânico Loefgren e Hannibal Porto realizam na Sociedade Nacional de Geografia e depois encaminham ao ministro da agricultura em 1917:

"Seria mau critério estimar o valor florestal de um país unicamente pelas somas que renderia a venda das madeiras e da lenha, que as matas pudessem produzir, esquecendo que muito mais valiosos são os benefícios que a existência das florestas proporciona, e que as derrubadas feitas desordenadamente ocasionam efeitos perniciosos sobre toda a atividade industrial do país e sobre a saúde e a vida do seu povo, prejudicando toda a economia rural porque modificam profundamente as condições climáticas e, por consequência, os gêneros de cultura e os modos de cultivar adaptados. (...)

^{7º} Sobre o nacionalismo no período citado, ver Lúcia Lippi Oliveira, *A questão nacional na Primeira República*.

⁸ Luiz Felipe Gonzaga de Campos, *Mapa Florestal*, p. 3. Sinal de uma outra postura diante da natureza, ainda que difusa e distinta do caráter eminentemente utilitário das iniciativas descritas até aqui sugerem, nessa época sociedades naturistas e protetoras dos animais surgiam ou eram já atuantes. Cf. sobre isso jornais de 1913-14, em especial *Jornal do Comércio* e *O Imparcial* (RJ).

Muito errado estará quem supuser que o corte das madeiras e a conservação das florestas exprimem idéias opostas, atos antagônicos, quando dão duas coisas perfeitamente conciliáveis. Conservar um patrimônio florestal não implica a obrigação de guardá-lo indefinidamente intacto e intangível, e são numerosos os países adiantados onde a tutela silvícola exercida pelo poder público harmoniza perfeitamente o corte contínuo das matas e a conservação e o melhoramento destas e até com o progressivo desenvolvimento do domínio florestal.⁸¹

A idéia de proteção aí, como em Gonzaga de Campos e Pedro de Toledo, é claramente conservacionista, seguindo a tendência predominante no período sobre o assunto. Vale mencionar, nesse sentido, que entre as décadas de 10 e 30 foram realizadas duas conferências internacionais sobre o tema da proteção da natureza, e um intenso debate acerca da concepção e definição dos tipos de reserva estava estabelecido. A dificuldade de implantação efetiva das mesmas também já era tema⁸².

Exemplo ainda de um certo clima favorável a iniciativas protecionistas no período é a realização da 1ª Conferência Brasileira de Proteção à Natureza, em 1934, um ano após a conferência internacional. Neste evento, organizado pela Sociedade dos Amigos das Árvores do Rio de Janeiro - com o patrocínio do governo Vargas, discutiu-se desde educação até problemas de legislação e metodologia, passando por questões de flora, fauna, solos, antropologia e biogeografia. Participaram políticos, cientistas, poetas, professores, pessoal de imprensa e

⁸¹ L. R. Vieira Souto (org.), "O corte das matas e a exportação de madeiras brasileiras", p. 20.

⁸² Cf. A. Aubreville, *Contribution a l'étude des réserves naturelles et des parcs nationaux*, e Sampaio, "O problema florestal no Brasil" e *Biogeografia dinâmica*.

instituições diversificadas da sociedade civil⁸³. Nessa mesma época, Alberto Sampaio elabora uma compilação pouco concatenada mas que demarca bem o contexto nacional e internacional da proteção até 30. Nela afirma que

"Desde os maiores diários até os pequenos jornais escolares dos clubes agrícolas, pode-se dizer que não há um em que em suas colunas já não tenha impresso, uma vez pelo menos a expressão 'Proteção à Natureza'."⁸⁴

Não devemos superestimar tal afirmação, mas o livro e outros sinais, em especial um grande número artigos em revistas nesse período, compõem um quadro de interesse pela proteção da natureza que extravaza já os limites do mundo científico, atingindo escolas e outras instituições da sociedade civil. E, se não é possível falarmos de um movimento organizado, principalmente em função da limitação da pesquisa aqui realizada nesse sentido, também não devemos desprezar o debate àquela altura bastante difundido, cujas idéias fundamentais podem ser sintetizadas pelo texto de Sampaio:

"Como agir para colher da Natureza todos os seus benefícios sem prejudicá-la, antes até sublimando?

Eis a questão, prática por excelência, a finalidade dos estudos que precisamos metodizar, em relação ao Brasil, tendo por base os ensinamentos dos países que, antes de nós, já metodizaram essa prática.

Objetivos em cada país: sem embargo da diversificação técnica ou modalidades práticas que apresenta em todos os países, seus objetivos são universalmente de duas ordens:

⁸³ Cf. Sampaio, "Primeira conferência brasileira de proteção à natureza: relatório geral".

⁸⁴ Sampaio, *Biogeografia dinâmica*, p. 91.

- 49
- 1) Preservar de rareamento ou extinção os bens naturais, sujeitos a consumo e passíveis de multiplicação.
 - 2) Cuidar de sítios e paisagens, em benefício do turismo e do excursionismo.
 - 3) Assegurar a perpetuidade de espécies animais e vegetais, bem como das curiosidades geomorfológicas, de interesse científico, em seu estado natural.
 - 4) Evitar qualquer dano às quedas d'água e mananciais, como a outras não especificadas, produções naturais que devam ser permanentemente conservadas.
 - 5) Melhorar a Natureza, onde necessário."⁸⁵

Da mesma forma como na argumentação do governo visando o estabelecimento de reservas florestais, a visão que prevalece é aquela instrumental, e as perspectivas da apropriação refletem a influência das idéias conservacionistas no âmbito da proteção da natureza.

No mesmo ano da conferência, em 1934, vai ser instituído o Código Florestal, depois de 3 anos de discussões, junto com os códigos de minas, de águas, e de caça e pesca. Nele já é prevista a instalação de parques nacionais, como resultado de uma campanha a ser relatada mais adiante. A Constituição do mesmo ano, por sua vez, coloca como dever da União e dos Estados a proteção "das belezas naturais e os monumentos de valor histórico ou artístico", e estabelece o princípio que nacionaliza minas e jazidas minerais⁸⁶.

Mas é em 37 que os monumentos naturais serão colocados no mesmo nível dos históricos e artísticos: a nova Constituição submete-os à tutela dos estados, municípios e da nação, e equipara

⁸⁵ Sampaio, "Primeira conferência...", op. cit., p. 115.

⁸⁶ Wanderbilt Duarte de Barros, *Parques nacionais do Brasil*, p. 15. Em 34 também é regulamentado o decreto que trata da fiscalização das expedições artísticas e científicas, relacionado também com esta discussão.

os atentados contra estes monumentos àqueles cometidos contra o patrimônio nacional⁸⁷. Na mesma direção, o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional organizado no mesmo ano dará atenção ao tema, ainda que a ênfase recaia sobre bens arquitetônicos, históricos, arqueológicos e artísticos, especialmente na prática⁸⁸.

Porém, nessa época as idéias sobre os elementos naturais a proteger divergiam, ainda que dentro de um mesmo campo. Nas idéias de Mário de Andrade sobre patrimônio e preservação, uma das bases do projeto do Sphan, o aspecto paisagístico da natureza era privilegiado. Paisagens eram definidas como

"determinados lugares da natureza, cuja expansão florística, hidrográfica ou qualquer outra foi determinada definitivamente pela indústria humana dos Brasis, como cidades lacustres, canais, aldeamentos, caminhos, grutas trabalhadas etc."⁸⁹,

denotando um interesse particular pela ação humana sobre a natureza, pela arte e cultura popular. Porém, a apropriação pelo Estado Novo das idéias do intelectual paulista sobre essas questões adaptaram-nas ao espírito nacionalista e totalizante daquele governo⁹. A preocupação do governo Vargas em fundar a

⁸⁷ Idem, p. 16.

⁸⁸ Isto a julgar pela publicação em sua revista, em quase 50 anos, de apenas dois artigos relativos ao assunto, "A natureza e os monumentos culturais", de Raimundo Lopes (nº 1, 1937) e "Patrimônio natural e estatuto de tombamento", de José Pedro de O. Costa" (nº 26, 1986).

⁸⁹ Mário de Andrade, *Cartas de trabalho*, p. 40, grifo nosso.

⁹ Dalton Sala, *O Serviço do Patrimônio Histórico: história oficial e Estado Novo*, especialmente cap. IV e V, pp. 25-40.

nação, associando território e nacionalidade, leva o decreto a considerar como monumentos naturais sítios e paisagens dignos de serem protegidos também aqueles destacados "pela feição notável com que tenham sido dotados pela natureza"⁹, além dos produzidos pela intervenção do homem.

Entretanto, esta última particularidade, ou seja, o destaque às características eminentemente naturais dos monumentos a serem protegidos, não representa nenhuma conexão maior entre a criação do Sphan e outras iniciativas de proteção ou o surgimento do primeiro parque nacional, no mesmo ano, onde parece ter havido em comum, além da assinatura de Capanema, apenas a intenção de criar/reforçar uma determinada imagem de nação e nacionalidade⁹¹.

* * *

Mudanças de atitudes ante animais e plantas, idealização do campo e da vida rural, dessacralização das montanhas e sua invenção como lugar de meditação e de esporte, novas sensibilidades em relação às praias instituindo mais um território de lazer, a constante reelaboração da idéia de paraíso terrestre com suas múltiplas materializações, e por fim a criação de lugares pelo olhar paisagístico e turístico - tudo isso compõe um quadro onde o mundo natural, representado pela paisagem, adquire um espaço cada vez maior. Esta expansão permite o

⁹ Decreto-lei nº 25 de 30 de novembro de 1937, apud Barros, op. cit., p. 16.

⁹¹ Cf. Alcir Lenharo, *Sacralização da política*, sobre a fabricação de imagens da nação no governo Vargas.

surgimento e confere legitimidade à idéia de se garantir um espaço próprio para a natureza, criando-se lugares para ela: lugares que no contexto da afirmação da nação norte-americana no século XIX vão caracterizar-se também pela cristalização de uma memória coletiva. Em outros termos, tal expansão legitima a invenção do parque nacional.

Ainda nos Estados Unidos, esta invenção continuará a ser reelaborada levando à configuração no campo da proteção da natureza de um debate entre duas idéias distintas sobre a proteção - o preservacionismo e o conservacionismo, que remetem ainda a visões diferenciadas da natureza.

No quadro aqui esboçado das idéias e ações face à proteção da natureza no Brasil até a década de 30, quando o nosso primeiro parque nacional foi criado, já se manifestam influências do debate entre essas tendências, o que não diminui o peso de uma reflexão interna sobre as formas da apropriação da natureza entre nós. Nesse quadro ficam patentes as ambiguidades entre discursos e práticas, mas também colocam-se incipientes atitudes concretas - fragmentárias e nem sempre eficientes - no sentido da busca de uma realidade diferente nesse campo.

Quanto a outras visões de natureza, de espaço natural e aos elementos que instituem os lugares a serem protegidos, a análise pormenorizada do caso do Itatiaia, a seguir, deverá tornar mais clara algumas de suas nuances.

1. "OFERTA PARA CONHECIMENTO DO LUGAR QUE AINDA ESTÁ INCÓGNITO"¹

"Sobre a cordilheira da Mantiqueira, que rodeia esta província de Minas Gerais, perto de 22 graus de latitude, ao sul, eleva-se o Itatiaia, que na opinião bem fundada de muitos é o ponto mais culminante do Império, embora o Itambé figure como o mais elevado, pois se o Itatiaia fosse visitado por algum naturalista, por certo que já figuraria nos mapas do Brasil como uma montanha notável."²

Assim Massena, um engenheiro nascido em Aiuruoca (MG), inaugura em 1856 os discursos sobre o Itatiaia. É certo, contudo, um conhecimento anterior da montanha, e o próprio Massena indica que antes mesmo de sua descoberta pelos naturalistas ela já merecia visitas dos habitantes da vila próxima, Aiuruoca, "atraídos tão somente pela encantadora vista que apresenta"³.

Os primeiros assentamentos humanos na região do maciço - posteriores é claro ao dos índios tamoiós, puris e coroados, estes os primeiros a inventar o Itatiaia através da toponímia - foram *pousos* do bandeirante paulista cel. Simão da Cunha Gago. Em 1744 ele os teria estabelecido às margens da lagoa "Ajuruoca" e na margem direita do Paraíba, no lugar chamado Campo Alegre, dando origem às cidades de Aiuruoca e Resende (RJ)⁴. Enquanto a primeira

¹ Título emprestado Massena, "Descrição do Itatiaia ou Ititiaio".

² Massena, *idem*, p. 413.

³ *Idem*, p. 418.

⁴ Alberto Ribeiro Lamego, *O homem e a serra*, p. 67, citando Taunay e Pizarro; Raimundo J. da Cunha Mattos, *Corografia histórica da*

nunca obteve grande expressão, mesmo enquanto região de lavra de ouro⁵, Resende foi pioneira no cultivo do café no vale do Paraíba. Iniciando essa cultura em 1775, experimentou também muito cedo a crise - pela exaustão do solo e problemas com a mão-de-obra escrava, já em meados do século XIX e em paralelo ao florescimento de outras áreas mineiras e paulistas do mesmo vale⁶.

Não é possível precisar com absoluta segurança o início da exploração das terras do maciço, que remontam talvez às primeiras décadas do XIX. Mas outro texto de Massena escrito em 1867 vai mencionar a existência, em sua parte mais elevada, de uma fazenda pertencente ao capitão Ramos de Paula. O terreno servia então à criação extensiva de cavalos e gado⁷. Há registro também de uma tentativa, provavelmente fracassada, de produção de carvão vegetal pelo Visconde de Mauá na serra da Mantiqueira, na década de 70. Antes disso, o alto vale do rio Preto, na porção mais elevada do Itatiaia, prestara-se principalmente ao refúgio dos índios puris

província de Minas Gerais (1837), p. 143; e *Almanaque do Centenário de Resende para o ano de 1902*, organizado por Henrique Fonseca e Heitor Bittencourt, pp. 59-60. José Pedro O. Costa, *Aiuruoca, Matutu-Pedra: um estudo de conservação ambiental e cultural*, pp. 117, aponta, diferentemente, a descoberta das minas da região de Aiuruoca na primeira década do XVIII, por João Siqueira Afonso, vindo de Taubaté.

⁵ Saint-Hilaire visitou a região na década de 20 do XIX e observou que as lavras já se haviam esgotado, restando duas ou três apenas. Cf. *Segunda viagem a São Paulo*, p. 64, e também Costa, op. cit., pp. 117-121.

⁶ Lamego, op. cit., pp. 70-71; Alexandre Mendes da Rocha, *Imigrantes em Resende: Visconde de Mauá. O núcleo colonial "Visconde de Mauá"*, pp. 9-10.

⁷ Massena, *Quadros da natureza tropical ou ascensão científica ao Itatiaia*, p. 10.

expulsos das partes baixas do mesmo vale e também a posseiros mineiros⁸.

Depois das fazendas de gado, que na década de 80 já sabemos pertencerem ao Visconde de Mauá, vai ser experimentada na região a colonização com imigrantes. A primeira experiência deste tipo acontece entre 1889-1890⁹. Aproveitando-se de especulações na Bolsa de Valores do Rio de Janeiro, que resultaram em facilidades de crédito, proliferação de títulos e conseqüente euforia e negócios nebulosos, o herdeiro de Mauá, Henrique Irineu de Souza, conseguiu uma autorização para instalar dois núcleos coloniais em suas terras, fazendo uso de mão-de-obra austríaca e italiana. Pelo contrato firmado com o governo, este financiaria a instalação dos colonos e as obras de infra-estrutura, num projeto ambicioso de fins visivelmente especulatórios para ambos os lados. Apesar disso, o primeiro ano destas colônias demonstrou resultados promissores, frustrados, porém, pela falta da construção de estradas, uma responsabilidade do Governo. A experiência, assim, fracassa em apenas 2 anos¹.

Este fracasso não foi suficiente para evitar uma segunda tentativa de colonização, já no século XX. A retomada da experiência vai ocorrer em 1908, quando o governo adquire as terras do mesmo herdeiro de Mauá para instalar dois novos núcleos: o "Itatiaia" e o "Visconde de Mauá". Depois de longa negociação,

⁸ Rocha, op. cit., pp. 12-13.

⁹ Houve no período entre 1874 e 1879 a primeira tentativa de estabelecimento de colônia no vale do Paraíba, nas imediações de Resende. Porém, a colônia de Porto Real localizou-se em área distante do lugar conhecido como Itatiaia; ver Rocha, *idem*, pp. 10-11.

¹ *Idem*, pp. 12-13; Diretoria Geral do Serviço de Povoamento, *Serviço de Povoamento em 1908: relatório*, pp. 65-72.

as fazendas Mont Serrat, Central, Invernada, Queijaria, Taquaral, Benfica e Itatiaia são adquiridas por 130:000\$000 (cento e trinta contos de réis)¹¹.

A assimilação do clima da região do Itatiaia ao europeu dos Alpes estimulara a tentativa de cultivo de frutas e cereais típicos de zonas temperadas. Associado a esse cultivo, a plantação de batatas e o fabrico de laticínios finos deveriam complementar a produção dos núcleos. Porém, a pouquíssima assistência técnica e de infra-estrutura por parte do governo, além da dificuldade imposta pelo sistema de abastecimento, monopolizado por intermediários, não permitiu novamente o sucesso do empreendimento. Como fato complicador do escoamento da produção e do acesso a insumos, a construção da estrada de ferro interligando a cidade de Campo Belo (hoje Itatiaia), as sedes das antigas fazendas, dos núcleos e a estação de Resende, autorizada em 1910, não acontece. Com o fracasso, parte das terras voltam para o governo, e alguns lotes continuam a ser explorados por criadores de gado, carvoeiros e lenhadores¹².

O resultado mais marcante da presença dos colonos na região, de origem predominantemente alemã, austríaca e suíça, foi o início da atividade turística enquanto empreendimento. Obtendo pouco ou nenhum lucro com o trabalho na terra, algumas famílias passaram a alugar quartos para viajantes que já naquele momento procuravam os "Alpes brasileiros". Este tipo de negócio evoluiu para a instalação de pousadas, algumas destas tendo se

¹¹ Rocha, *idem*, p. 14; Diretoria Geral do Serviço de Povoamento, *idem*.

¹² Rocha, *idem*, pp. 13-14 e 27; Decreto 8328, de 27 de outubro de 1910, *Coleção das Leis do Brasil (1910)*, pp. 1158-1163.

transformado em hotéis que funcionam até hoje no distrito de Visconde de Mauá¹³.

É nas terras devolutas dos ex-núcleos coloniais que vai ser instalada primeiro a Reserva Florestal (1914), depois a Estação Biológica (1927) - ambas subordinadas ao Jardim Botânico do Rio de Janeiro - e finalmente o Parque Nacional (1937). E é também da confusão gerada desde a negociação de compra das fazendas, passando pela reintegração dos lotes à União, que surgirão os problemas fundiários enfrentados até hoje pelo Parque Nacional.

UM CONHECIMENTO TARDIO

Apesar de sua localização no caminho das minas de ouro, entre o Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais, de estar no horizonte visual da cidade de Resende (RJ), e da relativa facilidade de acesso à região depois da chegada até ali da estrada de ferro D. Pedro II, na década de 70 do XIX, é somente nas primeiras décadas do nosso século que uma frequência vai se fazer notar de modo expressivo no Itatiaia. Até esse momento as visitas, ou ao menos seus registros, são esporádicas e partem de principalmente naturalistas ou membros da elite, com uma preocupação marcadamente científica em sua grande maioria.

Em função das atividades agropastoris desenvolvidas na área principalmente nos últimos 40 anos do XIX, devemos supor ainda alguma circulação local. Os próprios textos de certos visitantes indicam ser os lugares de pouso das expedições também locais de permanência eventual de escravos no trato de rebanhos por lá criados livremente. No entanto, o caráter desta circulação difere

¹³ Rocha, *idem*, p. 14; Rosely Silva e Anita B. Contursi (org.) *Visconde de Mauá: Guia turístico e ecológico*, p. 8.

daquele das visitas tanto de habitantes das redondezas como de naturalistas, amadores ou não, ou turistas. Estes, à diferença dos trabalhadores, têm por objetivo a mera observação - estética ou científica.

Buscando notícias de um contato anterior com a área, Américo R. Netto levanta a hipótese de que em 1531 uma expedição determinada por Martim Afonso de Souza teria por ali passado, ao percorrer 160 léguas no conhecimento do interior, cujos exploradores relataram terem visto e atravessado "montanhas altíssimas", mas os indícios são muitos frágeis para que se possa afirmar um conhecimento do Itatiaia nessa época¹⁴.

Esse conhecimento tardio das partes mais elevadas do maciço do Itatiaia merece ser analisado no contexto da penetração dos primeiros exploradores do território nacional. Até meados do século XVIII, quando os interesses econômicos voltavam-se basicamente para as áreas de mineração do ouro, nas Minas Gerais, os caminhos do litoral para o interior partindo do Rio de Janeiro e de São Paulo eram restritos e a abertura de novas vias controlada pela legislação. Além disso, entre 1733 e 1816 foi proibida a abertura de novos caminhos, devido à necessidade de controle da produção e trânsito do ouro por parte da Coroa portuguesa¹⁵. Tal interdição limitou o descobrimento de novas regiões.

É certo que já na primeira metade do XVIII um desses caminhos dera origem às vilas de Aiuruoca e Resende, passando

¹⁴ Netto, op. cit., p. 14.

¹⁵ Cf. sobre este ponto Caio Prado Jr., *Formação do Brasil Contemporâneo*, em especial o capítulo "Vida material", e *História econômica do Brasil*; Lamego, op. cit.; e especificamente sobre os caminhos antigos, ver André João Antonil, *Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas*.

provavelmente pelo lugar conhecido hoje como "garganta do Registro" - logo também pelos arredores do planalto do Itatiaia. Mas o possível trânsito por aí não gerou, ao que tudo indica, um estímulo à exploração das partes altas da serra, de difícil acesso e de potencial econômico não determinável a princípio, enquanto outras áreas mais facilmente exploráveis ofereciam-se. O fator geográfico favorecia, por exemplo, a ocupação da bacia do Paraíba, onde desenvolveu-se Resende na mesma época do surgimento de Aiuruoca, em meados do XVIII. Ao menos aparentemente, apenas depois da falência do cultivo do café no vale a atividade econômica expandiu-se para as encostas mais elevadas do maciço, com a instalação de fazendas de gado.

Assim, tais áreas elevadas permaneceram por muito tempo como uma obscura região marginal e, em vista dos interesses econômicos imediatistas e da febre do ouro, das dificuldades impostas pela precariedade das estradas, e do próprio risco de se transitar pela Mantiqueira - famosa na época pela presença de bandoleiros e assaltantes, não suscitaram a curiosidade de exploradores até o século XIX. Nesse sentido, o viajante inglês Burton, que fez o "caminho do ouro" em 1867, ensaia uma tradução do nome Mantiqueira como "ladroeira", e comenta a tradição de perigo do lugar:

"Na primeira metade do século presente, seu nome metia medo, como até hoje metem os Apeninos ou os Abruzos. Os antigos viajantes contavam mil lendas a respeito de seus bandidos, e os tropeiros ainda tremem com os casos contados em torno das fogueiras, em seus pousos. Os bandidos costumavam laçar suas vítimas e atirar os cadáveres, devidamente saqueados dos diamantes e ouro em pó, aos abismos e precipícios mais profundos; há uma tradição segundo a qual um desses Gólgotas foi descoberto porque uma árvore, crescendo com muita rapidez, trouxe consigo uma sela, em vez de frutas. O ajudante de cocheiro afirmou-me

que, quando se construiu a estrada, foram encontrados tesouros em diversos lugares. (...)

A Mantiqueira, porém, está, agora, livre do terror, e são lindos os seus picos azulados que atraem nossa vista."¹⁶

Por outro lado, não é seguro pensarmos na popularidade de um interesse intrínseco pela paisagem nos primeiros colonizadores da serra, que os levassem a buscas ambulatórias de novos sítios aprazíveis. A afirmação de Massena sobre as visitas dos aiuruocanos ao Itatiaia data da fase do fim do "terror" de que fala Burton (meados do XIX), e de um momento onde as primeiras dificuldades no contato com a natureza agreste já deviam estar superadas, possibilitando uma sensibilidade estética, além de ressoar também como um desejo de instigar à curiosidade de outros pelo lugar e/ou legitimar seu entusiasmo pela região¹⁷.

Sobre a atração exercida nos homens pelas montanhas, Philippe Joutard afirma que elas sempre estiveram presente no horizonte mental europeu e na maioria das culturas, aparecendo como "um espaço sagrado, interdito ao homem ordinário, residência da divindade boa ou má". No entanto sua descoberta pela cultura européia coloca dificuldades para uma datação, uma vez que desde o Renascimento já existem signos de interesse por elas. Há as escaladas do Ventoux por Petrarca em 1336 e do Dauphiné por de Ville em 1492, além da do Mont Blanc (ponto culminante da Europa) em 1786, além de sua presença na pintura de Dührer e Vinci. Nesse

¹⁶ Richard Burton, *Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho*, pp. 67-68.

¹⁷ Cf. o capítulo "Vistas agradáveis" de Williams, op. cit., sobre distanciamento e observação no conceito de paisagem.

contexto, o Romantismo representaria apenas a popularização de tal interesse¹⁸.

Assim, diante da teia formada pela sensibilidade estética, filosófica e conquistadora presente na atração pelas montanhas; por anseios econômicos e de dominação forjados no processo de colonização, associados também à curiosidade e interesse científico, torna-se complexo precisar o nascimento de um interesse "puro" pela montanha no Brasil. Muitos dos naturalistas e viajantes em trânsito por aqui empreenderam escaladas: Spix e Martius no Itambé (MG) em 1818, George Gardner na Pedra do Sino (RJ) em 1841, Liais no Itacolomi (MG) em 1862. A lista pode ser ampliada em muito, mas o caráter delas parece estar diretamente relacionado à pesquisa. Enquanto atitude contemplativa, lúdica ou esportiva, as expedições ao Itatiaia feitas por José Palmella, em 1888, e por Horácio de Carvalho, em 1898 podem ser apontadas como precursoras, embora a inexistência de levantamentos mais abrangentes, envolvendo a exploração de outras regiões, possa comprometer esta afirmação¹⁹.

Tratando do conhecimento do monte Branco, Philippe Joutard escreve que "antes de ser 'conquistado', ele foi descoberto no sentido próprio do termo". Sua invenção teria precedido a primeira ascensão por um período bastante pequeno, isto pois, a despeito da

¹⁸ Joutard, op. cit., pp. 12, 33-35, 41-45. Cf. ainda sobre as diferentes visões da montanhas nas culturas e ao longo do tempo, Tuan, *Topofilia*, pp. 80-85.

¹⁹ Horácio de Carvalho, *Itatiaia*; José dos Santos Palmella, *Ascensão ao paraíso do Itatiaia*. Sobre o surgimento da atividade montanhística no Brasil, ver o artigo de Manuel Lordeiro, "Dedo de Deus", que diferentemente desta pesquisa aponta como marco inicial do montanhismo como esporte no Brasil a ascensão do pico Dedo de Deus, na serra dos órgãos (RJ), em 1912, por José Teixeira Guimarães e grupo.

familiaridade com os Alpes e do conhecimento de seu entorno desde fins do século XVII, aquela montanha não suscitou qualquer interesse até a segunda metade do XVIII. As razões para isso estariam na pouca circulação registrada na área depois de 1524, quando Genebra conquista sua independência aos duques de Savóia, e do isolamento religioso pela Reforma em 1535, rompendo dessa forma o trânsito local. Por outro lado, a ilusão de ótica que obscurecia sua real altitude em comparação aos outros picos, a dificuldade do acesso, e especialmente seu aspecto banal, sem qualquer forma espetacular, também contribuíam para o desinteresse em relação àquela montanha. Mesmo seu nome fora apenas atribuído em meados do século XVIII, por Pierre Martel. Joutard vai afirmar ainda, sobre o interesse pelas montanhas em geral, que foi através do olhar que o homem apropriou-se inicialmente delas. Também no caso do monte Branco, antes mesmo de despertar a curiosidade para as primeiras ascensões e de ser nomeado, a pintura já o representava desde fins do século XV, da mesma forma como a outros cumes alpinos².

Do ponto de vista da circulação local, o caso do Itatiaia apresenta alguma semelhança com o do monte Branco. Se depois de 1744 ele acha-se no horizonte de vilas como Resende e Aiuruoca, isso serviu por muito tempo tão somente para atrair alguns poucos visitantes locais, e certamente apenas depois do extermínio dos indígenas. Da mesma forma, o caráter marginal da região na economia também contribuiu para a demora na exploração mais efetiva da região. Já o desinteresse científico deveu-se, como veremos adiante, ao próprio estado da ciência no Brasil; a pesquisa só será realmente desenvolvida depois da chegada de estrada de ferro na década de 70 do XIX. Com respeito às

² Joutard, op. cit., pp. 12, 66-70, 100 e 117.

representações pictóricas (desenhos, fotografias), é de se notar que o manuscrito de Massena trazia também desenhos - não publicados, e que a partir da década de 70, com o aumento da visitação, gravuras passam a ser produzidas, mas convém mencionar que a divulgação mais ampla de imagens do Itatiaia acontece apenas a partir da primeira década do XX, principalmente com sua publicação em jornais.

SINAIS INICIAIS

Antonil, na sua *Cultura e opulência do Brasil*, publicada em 1711, elabora um roteiro do caminho de São Paulo para Minas onde, além de indicar a existência do trânsito do ouro na região, menciona uma "serra de Itatiaya" ou "serra de Itatiaja" - só que localizada nas imediações de Ouro Preto²¹.

Orville Derby, em artigo da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, analisa o manuscrito que acompanhou um mapa compreendendo parte das capitânicas de São Paulo, Minas e Rio de Janeiro - talvez o primeiro a representar a região - elaborado provavelmente em 1717. O mapa desapareceu, mas através das anotações é possível conhecer seu conteúdo e saber que apesar de trazer os três caminhos para as minas utilizados na época (um deles passando pelo vale do Paraíba) e de sinalizar a lavra Juruoca (Aiuruoca), não assinala o maciço ou seu pico. Do mesmo modo que Antonil, refere-se a uma serra nas imediações de Vila Rica chamada "Titiaga"²².

²¹ Antonil, op. cit., p. 238.

²² Orville Derby, "Um mapa antigo de partes das capitânicas de S. Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro", p. 211.

Outro mapa representando a capitania de Minas Gerais, do ano de 1767, traz uma variação de caminho para Ouro Preto passando pela lagoa e mina da Juruoca, porém com a mesma omissão do anterior²³. É na *Corografia brasílica* de Aires de Casal, publicada em 1817, que aparecerá, como local da nascente do rio Preto, a serra de Ititiaia²⁴. O mesmo ocorrendo na *Corografia histórica da província de Minas Gerais*, de 1837, onde são igualmente assinalados os mesmos arraiais do livro de Antonil²⁵. Ao que tudo indica essas são as primeiras referências nominais ao Itatiaia, ainda que não extrapolem a mera localização e tenham um caráter secundário, isto é, apontam o local da nascente de um rio, não a serra em si.

A serra Itatiaia ainda vai aparecer numa carta corográfica da província do Rio de Janeiro, de 1839, nas imediações do vale do Campo Belo, da pedra Picú e das cachoeiras do rio Grande²⁶. Mas é curioso notar que em cartas posteriores da mesma região, apesar da sinalização de vilas e acidentes geográficos bastante próximos, e até mesmo menos expressivos que o maciço e cume do Itatiaia, as referências cartográficas a estes restarão ausentes até 1862, quando Gerber aponta num outro mapa de Minas Gerais o pico do Itatiaiuçú.

²³ Este mapa faz parte do acervo do Instituto Histórico e Geográfico do Estado de São Paulo e não apresenta qualquer outra indicação senão "Extraída da Carta geográfica da capitania de Minas Gerais e partes confinantes, ano 1767".

²⁴ Manuel Aires de Casal, *Corografia brasílica ou relação histórico-geográfica do reino do Brasil*, vol. 1, p. 259.

²⁵ Matos, op. cit., vol. 1, p. 91 e 166.

²⁶ *Carta corográfica da província do Rio de Janeiro*, Diretoria de Obras Públicas, 1839. Mapoteca do Arquivo Nacional/RJ.

Gerber, engenheiro mineiro como Massena e que trabalhava para o governo, apontara numa obra de 1861 a inclusão do Itatiaiuçú e do Itambé entre os "monumentos notáveis" da serra da Mantiqueira. Mas a mesma ausência continuará a ser notada na obra do Conde de la Hure, publicada também em 1862, onde são apontados como picos mais altos da Mantiqueira o Itambé, a serra da Piedade, o Itacolomi e o Itabira. A serra "Ajuruoca" é assinalada por possuir uma grande cachoeira e abrigar muitos papagaios²⁷. Igual indiferença se nota no dicionário de Saint-Adolphe, editado em 1863, que registra no verbete Itatiaia ou Ititiaia apenas a povoação a sudoeste de Ouro Preto, e no Itatiá-Açu uma pertencente à freguesia de Mateus Leme²⁸. E ainda no *Atlas do Império do Brasil*, de Cândido Mendes de Almeida, elaborado a partir do mapa de Gerber de 1862, onde aparecem somente o rio Aiuruoca, uma "vila do Pico", provavelmente próxima à pedra de mesmo nome (Picú), a serra da Mantiqueira e a da Pedra Selada.

Entre os viajantes que atravessaram a Mantiqueira, Richard Burton não nos permite perceber através de seu relato se esteve ou não no Planalto. Todavia, ele se refere à região afirmando sua condição de ponto culminante da Mantiqueira e do Brasil. Provavelmente suas observações foram escritas *a posteriori*, vista a referência num outro trecho do relato a uma visita do Père Germain em 1868. Há problema também numa citação da *Revista Trimensal*, pois no ano mencionado (1861) não aparece qualquer referência ao Itatiaia. A primeira é a de Massena, mesmo assim, como já dito, só publicada em 1876. De qualquer modo, independente

²⁷ V. L. Baril, Conde de La Hure, *L'empire du Brésil: monographie complète de l'empire sud-américain*, pp. 111 e 425.

²⁸ J. C. R. Milliet de Saint-Adolphe, *Dicionário geográfico histórico e descritivo do Brasil*, vol. 2, p. 502.

da passagem ou não do viajante pelo Planalto, é de se notar que tenha havido a preocupação em registrar a existência da montanha nos arredores de seu percurso²⁹. Cabe mencionar ainda que, na "época clássica da exploração da flora do Brasil", início do século XIX, apenas Saint-Hilaire (1822) e Sellow (1830) passaram pela escarpa norte do maciço do Itatiaia, visitando Aiuruoca e a serra de mesmo nome, a serra do Papagaio, e ainda Passa Quatro e Baependi (Sellow)³.

A despeito dessas alusões à serra Itatiaia e mesmo ao seu cume, como no livro e no mapa de Gerber, o texto de Massena pode ser considerado inaugural: o manuscrito data de dezembro de 1856 e fora entregue ao Instituto Histórico e Geográfico do Brasil em 1861.

Derby já chamava atenção para esse lapso de quinze anos entre a entrega do manuscrito e sua vinda a público, embora não tenha apresentado qualquer explicação para o fato³¹. Pensamos que tal demora possa estar relacionada ao desinteresse pela região em si - como visto anteriormente, ou mesmo com o não reconhecimento da autoridade de Massena. Nesse sentido, é de se notar que à época da publicação já se insinuava um debate entre pesquisadores sobre a determinação do ponto culminante do Império onde os dados de Massena eram citados e que, além disso, outros visitantes "mais ilustres" por lá já haviam passado, realizando inclusive medições e fotografias. É o caso das expedições de Frederick Hartt e de Gerber (na década de 60), que publicaram obras onde o Itatiaia

²⁹ Burton, op. cit., p. 63.

³ Antonio C. Brade, "A flora do parque nacional do Itatiaia", p. 10.

³¹ Derby, "Os picos altos do Brasil", pp. 139-140.

merece destaque, e de Glaziou (em 1871), acompanhado da princesa Isabel, do conde d'Eu, do fotógrafo Marc Ferrez e de E. Witig³².

Por outro lado, há que se considerar o contexto da pesquisa científica no Brasil no período. Desde o princípio da colonização até a primeira metade do século XVIII, quase nenhum estudo foi aqui realizado de maneira sistemática, à exceção dos trabalhos sobre a fauna e flora do Nordeste, dos holandeses Piso e Marcgraff. A tradição cultural portuguesa não contribuiu para o desenvolvimento da pesquisa, e esta não ganhou impulso significativo senão depois da vinda da Família Real de Lisboa para o Rio de Janeiro, em 1808. De todo modo, o utilitarismo predominava enquanto orientação, movido não apenas por interesses internos como exteriores, e as condições de realização dos trabalhos eram precárias³³.

No campo da geologia, os estudos vão se tornar mais intensos apenas nas três últimas décadas do XIX, e serão levados a cabo principalmente por naturalistas estrangeiros, convidados ou voluntários, cuja curiosidade pelo Brasil floresceu após os relatos de Agassiz, publicados no final da década de 60 daquele século. Assim, em 1875 é estabelecida uma Comissão Geológica, dirigida por Frederick Hartt e depois por Orville Derby, ambos norte-americanos, e em 1876 é fundada a Escola de Minas de Ouro Preto sem que, contudo, a pesquisa nessa área fosse consolidada. O

³² Há informações contraditórias sobre a expedição de Glaziou: vários relatos citam-na com a data de 1868 ou 1872, embora o próprio autor refira-se apenas a uma visita em 1871, e não mencione a companhia das personalidades em questão. Por outro lado, há fotos do Itatiaia feitas por Ferrez, embora não tenha sido possível identificar sua data. Cf. Auguste F.M. Glaziou, "Plantae Brasiliae centralis a Glaziou lectae".

³³ Stepan, op. cit., pp. 32-48.

que vai se tornar patente é, apesar do relativo fracasso administrativo de Derby, o predomínio dos pesquisadores estrangeiros nessa área³⁴.

Diante desse quadro da ciência no Brasil do século XIX, podemos considerar que a não publicação do primeiro trabalho de Massena (a despeito das informações nele contidas), além do desinteresse pela região, deveu-se também ao estado de coisas da pesquisa científica aqui. É significativo, nesse sentido, que o Instituto Histórico e Geográfico dê espaço para o artigo de Massena somente depois da instalação da Comissão Geológica. O privilégio dado a naturalistas estrangeiros também pode ser considerado, embora a oferta ao Instituto tenha ocorrido em momento anterior ao período em que a maior influência destes vai ser sentida. Ainda sobre o caráter inaugural do texto de Massena, devemos considerar a circulação de experiências e informações dentro do Instituto, do qual Massena era associado. Desta forma, a publicação tardia do trabalho - em 1876 - não compromete seu caráter de *primeira obra*.

³⁴ Idem.

UM NOME, UM LUGAR, UM OLHAR

Ao contrário do monte Branco, descoberto e nomeado pouco antes de sua conquista, isto é, da primeira escalada de seu cume, o Itatiaia começa a ser inventado pela toponímia, num tempo imemorial.

O topônimo sugere a leitura do Itatiaia realizada pelos índios: nela, os aspectos geomorfológicos lhes dão o terreno a conhecer e nomear. A força da imagem das formações rochosas na parte mais alta do maciço vai inclusive expandir o uso do termo para toda a área. E quando a montanha começa a atrair outros olhares que os de seus primeiros inventores, também a forma peculiar será um dos atrativos, ao mesmo tempo em que as interpretações do nome parecem insinuar uma visão paisagística/pitoresca de sua natureza.

Massena o traduz por pedra em forma de grelha de fogo³⁵. Burton interpreta a variação *Itatiaioçú* por "grande rochedo brilhante", o que segundo ele deve-se "ao aspecto flamejante de suas três altas cristas"³⁶. O Barão Homem de Mello reproduz a versão colhida de Martius e do general Couto de Magalhães segundo a qual o significado do topônimo seria *E saxo aqua salubris*³⁷. E Teodoro Sampaio vai traduzi-lo por "a crista ericada" ou "penhasco

³⁵ Massena, *Quadros ...*, op. cit, p. 9.

³⁶ Burton, op. cit., p. 67.

³⁷ Barão Homem de Mello, "Excursões geográficas, 1872-1876", p. 178. Literalmente, lugar onde nascem águas saudáveis, tradução comumente associada ao vocábulo Mantiqueira.

cheio de pontas"³⁸, variação também aceita por Afonso Taunay³⁹. Além dessas, aparecem também as variações propostas pelo geólogo Padberg, que lê o topônimo como ita-pedra, tiãi-gancho, ou "ganchos de pedra" e ainda "pedra cheia de narizes"⁴.

Já Horácio de Carvalho e Américo R. Netto vão mergulhar na análise etimológica do termo, via considerações de Barbosa Rodrigues:

"(...) é erro escrever Itatiaya como geralmente se faz.

O nome certo é Itatyiaia, cuja etimologia assim se explica:

ITA', pedra; TY (por TYB), muitas.

De A'I fizeram os portugueses AIA; pode ser advérbio, adjetivo ou pronome. Na palavra ITATYAIA é pronome.

Assim, traduzido ao pé da letra, analiticamente, o vocábulo, dá o seguinte resultado:

ITA', pedra (que)

TY, se multiplica (muitas vezes, abundantemente)

A'I (por) si.

Sinteticamente: - PEDREGAL QUE POR SI SE FAZ.

Esta é a verdadeira significação, conclui o dr. Barbosa Rodrigues, e que se pode provar vendo-se as rochas do pico: fendem-se, despegam-se por si e se multiplicam, formando pedregal em torno."⁴¹

³⁸ Teodoro Sampaio, *O tupi na geografia nacional*, p. 235.

³⁹ Apud IBDF, *Plano de manejo do Parque Nacional do Itatiaia*, p. 12.

⁴ Livro de visitantes, Arquivo PNI, Doc. 5, pp. 73-74, e Lamego, op. cit., p. 10.

⁴¹ Horácio de Carvalho, op. cit, pp. VI-VII; Netto, op. cit, p. 20; grifo nosso, versalete do autor.

Mas é João D. da Silveira, geógrafo da USP, quem mais investe nesta polêmica. Sobre isto, afirma que "o nome *Itatiaia* já se presta para a interpretação da região". Em seguida, expõe a análise citada de Barbosa Rodrigues para depois refutá-la:

"Extraordinariamente forçada essa explicação, *não parece natural*. O dr. Plínio Airosa nos forneceu uma interpretação muito mais simples e que também mais de acordo está com a topografia da região. Decompôs a palavra em *Ita + tíai* que significaria "pedra de pontas ásperas", que bem apanha o aspecto que se encontra no maciço. Dentro desta significação facilmente será compreendido o termo *Itatiaiaçú*, usado na região, e que a explicação de Barbosa Rodrigues não esclareceria."⁴²

O topônimo traduz assim a primeira forma de apropriação do *Itatiaia*, inventando-o e transformando-o em *lugar*. Para Yi-Fu Tuan, esta é uma categoria passível de múltiplas definições e, numa delas, que permite estabelecer uma relação entre a toponímia e a criação do lugar - especialmente neste caso onde os aspectos visuais são o móvel da nomeação, ele "é qualquer objeto estável que capta nossa atenção." Através do nome o espaço é dotado de significado, ganhando a definição e a familiaridade inerentes ao lugar⁴³.

Nas análises do topônimo, os intérpretes insistem na correlação nome-objeto como se esta comportasse uma relação unívoca. Todos defendem suas proposições através da visualidade e, mais ainda, através de uma suposta naturalidade daquela relação. Deste modo, nessas tentativas de "análise do discurso" indígena, para Barbosa Rodrigues a sua é a "verdadeira significação", que

⁴² João Dias da Silveira, "Itatiaia", p. 607-608, grifo nosso.

⁴³ Tuan, *Espaço e lugar*, pp. 179-197 e 151.

pode ser comprovada "vendo-se as rochas do pico". Mas para Silveira, retomando Plínio Airosa, sua interpretação "mais de acordo está com a topografia da região": para ele a tradução pedra de pontas ásperas "bem apanha o aspecto que se encontra no maciço", sendo que outra explicação não lhe "parece natural".

O recurso à comprovação visual vai permanecer em Lamego, ao construir uma imagem poética para *Aguihas Negras*. Este nome estabelece a primeira distinção entre o maciço e sua principal formação rochosa, e aparece em alguns documentos já a partir da década de 70 do XIX - como uma possível influência dos visitantes estrangeiros, uma vez que a denominação "agulha" é comum em montanhas européias⁴⁴.

"As saliências iluminadas contrastam com o fundo escuro das ranhuras. Daí o nome do pico. Visto à distância, empina-se como um feixe de finas agulhas espetando a atmosfera. Há um alvoroço de pontas pelos ares."⁴⁵

Para além da questão etimológica ou semântica, e da disputa pelo estabelecimento da versão mais adequada ao nome, tais autores deixam transparecer, através de seus discursos, um modo de olhar para a montanha onde a relação com o espaço é mediada pelos aspectos sensíveis do meio, pela paisagem. E, mais ainda, por seus sinais exóticos, pitorescos. Vai nesse sentido a insuficiência do vocábulo em si, ou de suas partes, para a tradução: os autores remetem sempre suas opiniões ao confronto com os aspectos visuais do Itatiaia. O peso destes aspectos vai ser um

⁴⁴ Massena, no texto de 1867 já falava se referia à crista do cume mais elevado como "agulhas", mas é Wawra, em 1879 que utilizará o termo como nome do cume.

⁴⁵ Lamego, "O maciço...", p. 12.



il. 2

dos fatores determinantes não apenas da construção da identidade do Itatiaia enquanto lugar e lugar exemplar da natureza, mas também de sua condição de digno de ser protegido.

MASSENA E AS VISÕES DA MONTANHA

José Franklin Massena era um apaixonado pelas montanhas do sul de Minas Gerais⁴⁶. Ainda muito jovem deixou o Brasil para estudar matemática, filosofia e astronomia na Itália; na volta empregou-se como engenheiro, passando a pesquisar em sua região natal, mas interessando-se principalmente pelo Itatiaia⁴⁷.

"No começo de minha mocidade tinha visitado os altos do Papagaio em 1849 (...). Sentado sobre seus cumes eu contemplava a sul uma atrevida montanha, que, assomando seus píncaros sobre os mais altos cumes da Mantiqueira, disputava o firmamento. Um ano depois meu pai e amigos visitavam essas alturas, onde o gelo era comum, e o horizonte sensível muito espaçoso.

Era o Itatiaia ponto mais culminante do Brasil (...)"⁴⁸.

Se o interesse estético levava os moradores de Aiuruoca a enfrentar a dura subida da serra para apreciar o Itatiaia e o horizonte vislumbrado de seus cumes, em Massena ele se desdobrará em outros olhares.

Antes de produzir seu primeiro texto sobre aquela montanha, Massena havia estado por lá apenas duas vezes, o que não o impediu

⁴⁶ Cf. seu texto "Panorama do sul de Minas".

⁴⁷ Muito jovem também ele morreu, louco, no hospício de D. Pedro II, em 1877. Cf. Sacramento Blake, *Dicionário bibliográfico brasileiro*.

⁴⁸ Massena, *Quadros...*, op. cit., p. 9.

de discorrer a respeito de todas as suas características - desde a formação do terreno até a flora, detendo-se principalmente no relevo. Ele concebe seu texto como uma "oferta para conhecimento do lugar que ainda está incógnito" e, recorrendo a um artifício de narrativa, "na opinião muito bem fundada de muitos", erige o Itatiaia em ponto culminante do Império e convoca a visita de naturalistas para confirmar sua proposição. Mas seu texto vai, antes, inaugurar um modo de olhar o espaço do Planalto.

"Esta montanha existe situada entre o município da Aiuruoca, Resende e Areias, e tem sua raiz sobre a Mantiqueira e serra Negra, e está sobre o monte Belo, ramificação da Mantiqueira, que se dirige para o norte, porém muito elevada.

(...)

Tem o Ititiaio a direção de leste para oeste (vide a estampa), e para o lado do norte o observador deste lugar vê primeiramente três montanhas, e por detrás destas a principal, não só pelo aspecto majestoso que ela apresenta, como também pela altitude, e divisa-se mais sobre a fralda uma espaçosa e bela várzea: a montanha do Ititiaio compõe-se de terreno de origem ígnea, granítico e piróide.

Com muita facilidade o granito aí se decompõe; a montanha oferece um aspecto pitoresco e majestoso; a imensa variedade de suas formas fazem admirar a aquele que atento observa este lugar, e principalmente as altas cadeias ericadas de penedos.

A montanha é muito escarpada tanto para o lado do norte, como para o oriente; os principais cumes terminam-se em forma de pilares elevados, e o cimo da montanha principal termina em forma de agulhas pontiagudas; os flancos estão absolutamente privados de vegetação, oferecendo tão somente grande porção de rochas retalhadas, e em outras partes profundas furnas, cavernas e brenhas, que são o depósito da geada e neve que aí atura de um dia para o outro; até mesmo os altos cumes estão sempre coroados de camadas de gelo, de um a dois palmos de espessura; para o norte o Ititiaio apresenta pirâmides elevadas e colunas unidas umas às outras, e simetricamente sobremontadas, e no cume destas colunas que formam a montanha há penedos, em forma de esferóides, uns sobre os outros, afastados da direção principal, e colocados a uma

altura tão despropositada que o visitador destes lugares recua atônito e espavorido, parecendo que estas pedras estão prestes a se desabarem.

Os vales estão semeados de rochas e lagedos queimados que facilmente se desfazem, e os cabeços de pedras rolados do meio dia para o setentrião; tudo isto nos faz crer na natureza vulcânica do lugar, ou com mais probabilidade em uma convulsão vulcânica, que antigamente aí rebentou, e que foi causa destes desmoronamentos, cabeços rolados, cheios de cristais, carcomidos e enegrecidos, e demais sepultados em panelas de cinzas.

Toda a montanha apresenta traços e evidente prova da ardente lava que trabalhou naquele lugar; além das rochas se desfazerem, são muito notáveis os rasgos simetricamente bordados na superfície, e dos lados da montanha, canos e regos profundos terminam-se em panelas cheias de cinza muito fina, e cristais negros e queimados; a pedra principal do Ititiaio, ou por outra o Ititiaioaçu, tem o aspecto soberbo e horroroso, e além disso parece uma obra trabalhada, de altos e baixos relevos; tem a configuração de uma estante com muitos livros, é atravessada por uma linha reta ou fenda; nela começam grandes tubos de um órgão, que terminam em sua fralda em variados pedestais.

(...)

Todo o terreno é em geral muito estéril, pois todos os lugares estão tostados de gelo, e parecem votados a uma desolação eterna.

Produz tão somente um capim aniquilado e algumas ervas aromáticas, da mesma família do poejo, e certo arbusto vulgarmente chamado língua de tucano.

Há mais uma espécie de cana, vulgarmente chamada bengala, de diversas cores e de muita estimação; tem uma açucena escarlata, sustentada em uma cebola conglutinosa que é uma excelente cola para madeira e semente muito venenosa, e finalmente alguns arbustos pequenos, cujos troncos e ramagem estão cobertos de uma fina argila preta.

(...)

O espectador no cume do Itatiaia, em um dia claro e sem névoas, a olhos nus, observa, além do capão de Holanda, lagoa Dourada, serra de Caldas. Além dos lados de Barbacena, rio Grande, Sapucaí, Borda da Mata até a serra do Cabo Verde, serra de Santos, Taubaté, Mambucaba, ficando na província de S. Paulo lugares para o sudoeste que ainda não se pode divisar por causa do fumo e nevoeiros, e a mesma coisa tem sucedido do lado desta província.

Na província do Rio, as serras de Itaguaí, S. João do Príncipe; enfim, a maior parte desta província.

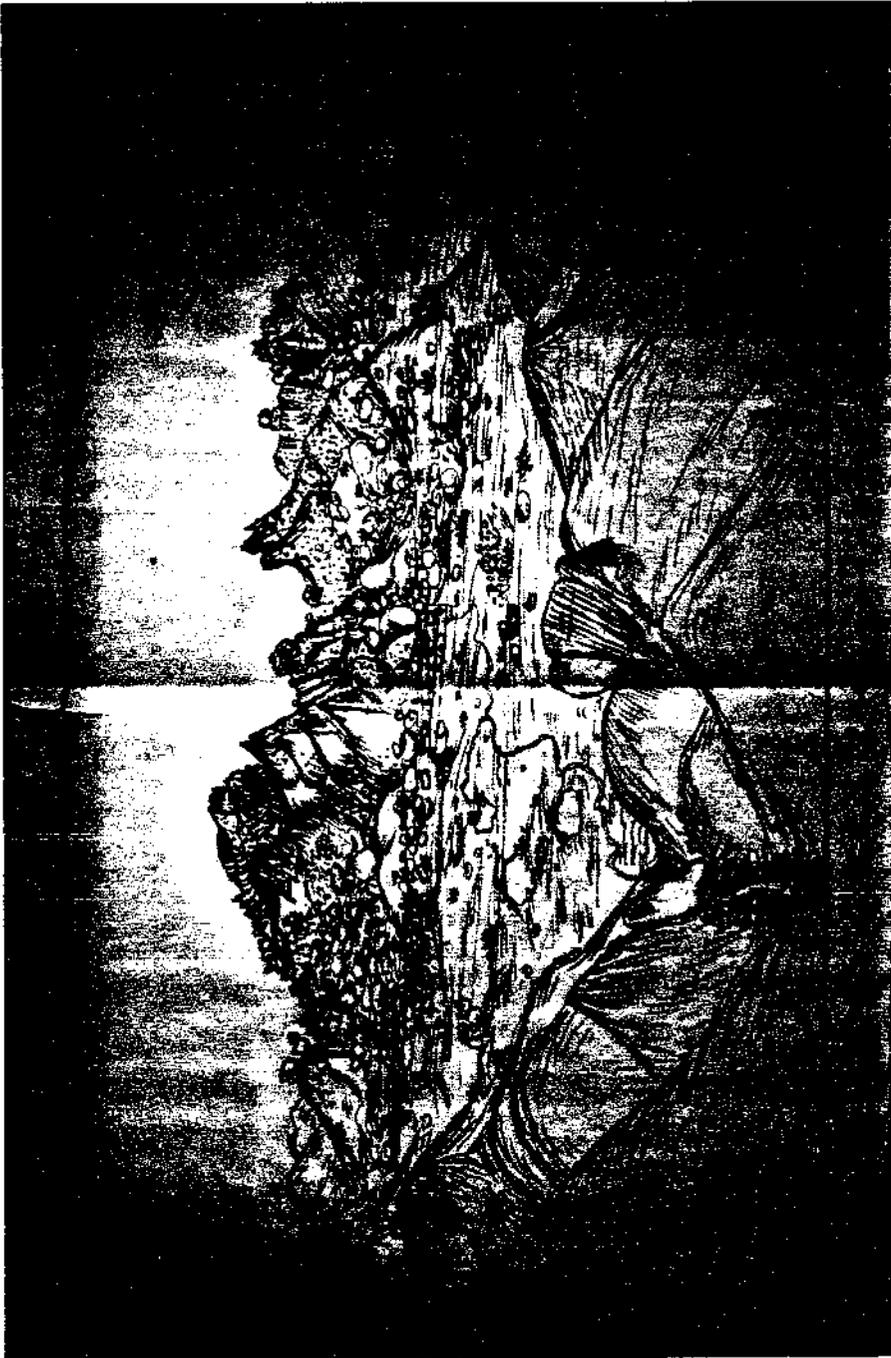
(...)

É, pois, esta a descrição que fiz do lugar que visitei tão somente por duas vezes, colhendo tudo o que pude e esteve em meu alcance (...)."⁴⁹

Massena inaugura, assim, um olhar classificatório sobre o Itatiaia. Os aspectos visíveis, outrora responsáveis pela toponímia, começam a ser nomeados de acordo com as grades taxonômicas de uma ciência em constituição. Nesse sentido, o texto tem claras pretensões científicas: era destinado a um instituto de pesquisas e sua linguagem e observações deveriam ser consideradas adequadas. Assim, busca localizar a montanha em relação a outros pontos mais conhecidos; dá detalhes sobre sua conformação; procura estabelecer a origem do terreno; aponta as características da flora. Sua descrição é também bastante típica de uma imagem do Itatiaia que vai se perpetuar: a peculiaridade das formas encontradas no Planalto, aliada agora à grande altitude, vai ser então responsável pelo interesse.

Porém, em que pese seus esforços, não podemos deixar de observar que o texto oscila entre a busca da cientificidade e uma descrição aludindo também à paisagem. Nesse sentido, é fácil notar o autor não se priva de alguns comentários menos objetivos, como "a montanha oferece um aspecto pitoresco e majestoso" ou "há penedos (...) colocados a uma altura tão despropositada que o visitador destes lugares recua atônito e espavorido, parecendo que estas pedras estão prestes a se desabarem", ou ainda "a pedra

⁴⁹ Massena, "Descrição...", op. cit., pp. 413-418. Optamos pela grafia "Ititiaio" e "Ititiaioaçú" presente no manuscrito. A estampa mencionada não chegou a ser publicada, mas é reproduzida aqui na página seguinte.



principal do Ititiaio (...) tem o aspecto soberbo e horroroso". O binômio associando beleza e terror, já constante no imaginário ocidental moderno sobre a montanha, em especial do Romantismo, está também presente⁵.

Este último aspecto do olhar de Massena sobre a montanha terá mais espaço para se desenvolver em seu próximo texto, editado por conta própria, antes mesmo da publicação da "Descrição".

"Era uma coisa poética, e maravilhosa a contemplação deste fenômeno físico em um país sujeito aos ardores do sol tropical; mas o pensamento muitas vezes fantasiava que isto era um lugar da Suíça, ou os Apeninos em face de Velletri, e Frascati. (...)

Transpúnhamos as muralhas de rochas, contemplávamos um sem-número de grutas, brenhas e precipícios: medonhas lapas circunvolviam a nossos pés, a vegetação a olhos vistos se definhava, e afinal uma solidão poética reinava nestas alturas. Escalávamos o gigante dos montes brasileiros!...

Na sensação do horrível, e belo, que de contínuo jogava em nossos sentidos, havia um quadro que prendia toda a nossa curiosidade pela beleza de suas formas, e este era o vale elíptico contorneado de uma cadeia rochosa de montes, afetando as formas mais bizarras e curiosas, como a de pórticos desabados, colunas perdidas nestes vértices, enquanto que a sul havia enormes paralelepípedos, em esferas de pedra sobremontadas em prismas tão agudos, e em uma inclinação tão rápida, que queríamos retroceder espavoridos julgando que uma catástrofe estava eminente!!...

Este vasto anfiteatro montanhoso é um imenso Coliseu da natureza, onde as ruínas do globo estavam patentes aos olhos do visitador!

No meio deste quadro, que sente-se mas não descreve-se, notamos a amplidão do horizonte sensível: os montes mais elevados das províncias de S. Paulo, Minas e Rio de Janeiro humilhados à base do Itatiaia por uma

⁵ Cf. Joutard, op. cit., p. 74 e Williams, op. cit., 180.

depressão notável, eram simil-cadentes nas últimas linhas do horizonte, sucedendo-se no raio visual mais curto como ondedos do oceano que de perfil em perfil jamais fenecem."⁵¹

Livre dos compromissos profissionais, o relato de Massena é só emoção. Nele fica evidente o olhar paisagístico, e mesmo romântico, sobre a montanha. Embora fique sempre patente em seus textos um olhar apaixonado, com o passar do tempo sua curiosidade vai se revestir mais fortemente de um caráter científico, geográfico. Assim, no mesmo texto, Massena prossegue sua crônica de naturalista enumerando os procedimentos tomados durante a excursão e também faz sua análise da evolução do conhecimento científico no país.

Aliás, é importante não perder de vista a imagem dos precursores dos viajantes-naturalistas e também dos turistas modernos, que esquadrinharam a Europa e depois a América e demais colônias européias espalhadas pelo planeta:

"relógio, bússola, astrolábio e principalmente lunetas de aproximação são peças necessárias para o turista consciencioso. O ideal seria fazer-se acompanhar de um bom desenhista, mesmo quando a própria pessoa for artista; caso contrário, convém constituir a coleção de gravuras que irá alimentar a permanência da lembrança."⁵²

Ela se recomporá em múltiplas variações desde seu surgimento. E da mesma forma como o interesse pelas montanhas, pelo campo e pela

⁵¹ Massena, *Quadros...*, op. cit., pp. 14-15.

⁵² Corbin, op. cit., pp. 56-57.

praia - enquanto novas modalidades de leitura da paisagem - está presente na invenção dos parques nacionais e do parque nacional do Itatiaia.

UMA QUERELA NAS ALTURAS

A "Descrição", seu primeiro texto, se não instaura, deixa entrever uma polêmica da época acerca da afirmação do ponto culminante do Império, que terá alguns desdobramentos: um debate sobre as altitudes de vários picos conhecidos e a disputa pela determinação da altitude exata de cada montanha. No caso do Itatiaia, este último ponto estará vinculado à possibilidade ou não da escalada de seu ponto mais elevado, remetendo ainda à disputa pela autoria da primeira ascensão. Polêmica que vai contagiar até os visitantes leigos, ou naturalistas amadores, muitos deles levando consigo para a montanha seus próprios instrumentos de medição - como já se tornara rotineiro aos primeiros viajantes ingleses ciosos do pitoresco desde o século XVIII⁵⁹.

Massena, que também produziu seus desenhos das Agulhas Negras junto com seu primeiro texto, e depois realizou expedições munido de todos os aparatos de medição disponíveis à época, assim escreve em defesa da superioridade do Itatiaia:

"O Itambé, segundo Eschewege, tem oito mil pés acima do nível do mar.

O Papagaio, segundo outros, tem sete mil pés.

⁵⁹ Posteriormente, uma polêmica sobre a origem e constituição dos terrenos também vai se instituir, embora não ultrapasse o âmbito dos especialistas e, ao menos simbolicamente, não mobilize tanto seus atores.

A serra Negra, sobre a qual está o Itatiaia, tem mais de sete mil pés de altura que o Papagaio; o observador, colocado no alto da serra Negra, divisa por cima do pico do Papagaio um horizonte de 40 léguas; está reconhecido que o Itatiaia é um gigante; além d'isto um Chimborazo por cima da serra Negra, de cerca de nove mil pés: tendo o Itambé apenas oito mil pés, bem se vê que nada é em relação ao Itatiaia."⁵⁴

Na defesa de sua tese, ele não vai alinhar qualquer dado de medição. Mas argumenta:

"Provas ainda há que nos convencem de sua grande elevação; porque a montanha, pela sua altitude, é um famoso condutor do fluido elétrico; pessoas dignas de confiança e verdade afirmam que muitas vezes a tempestade está a grande distância, e a atmosfera neste lugar a mais pura, ainda nada ameaça; e enquanto a tempestade está ao longe, já a montanha vai sendo fulminada pelo raio, que, rasgando os altos cabeços, repercute ao longe o mais terrível estrondo."⁵⁵

E emenda mais elementos do que se poderia qualificar como senso comum para sustentar sua afirmação, mas que é antes a característica de uma certa abordagem distorcida da geografia - mas nem por isso incomum - que privilegia a análise do relevo, tomando-o pelo todo.

"É sabido que os rios mais notáveis da América, como o Amazonas, têm sua origem em elevadas montanhas; o Itatiaia também se faz notável por dar origem ao Paraná ou rio Grande, que depois do Amazonas é o maior rio da América meridional. Não é o rio Grande que tão somente tem origem no Itatiaia, há muitos outros rios notáveis, como são o rio Preto, que nasce a leste da montanha, em uma lagoa situada

⁵⁴ Massena, "Descrição...", pp. 415-416.

⁵⁵ Idem, p. 416.

em uma garganta; o rio da Aiuruoca tem sua origem em uma das montanhas (como se vê no desenho), e correndo em forma de uma fita ondeada, e lançando-se entre diversas cascatas, vem banhar as raízes do Papagaio, que dista do Itatiaia oito léguas; o rio Pirapetinga tem sua origem em outra lagoa situada a leste da montanha; o ribeirão dos Cristais nasce ao sul em outro lago; e os rios Baependi e Capivari nascem em uma ramificação do Itatiaia, a oeste."⁵⁶

No período compreendido entre seu primeiro relato e a publicação, Massena continua suas investigações e produz novos textos, igualmente engavetados por longo tempo pelo Instituto Histórico e Geográfico. Num texto de 1861, publicado em 1882, ele apenas compila de várias fontes uma tabela de altitudes, onde atribui ao Itatiaia 3180 metros. Já em 1867 apresenta outro trabalho, publicado segundo Derby em 1884 pelo Instituto⁵⁷, onde insistiria na mesma medida, mas sem apresentar dados de medição.

Ainda em 67 Massena vai fazer, ao que tudo indica, sua primeira ascensão levando instrumentos de precisão. Mas desta vez ele próprio publica seus resultados num folheto, *Quadros da natureza tropical ou ascensão científica ao Itatiaia*, que será republicado em capítulos na seção de variedades do jornal local, *Itatiaia*, em 1876. Nele é transcrito o primeiro episódio da polêmica sobre a determinação do ponto culminante do Brasil.

"Com os olhos fixados nesses montes, eu sentia no fundo d'alma um ardente desejo de visitar esses píncaros, e de encetar uma série de observações à meteorologia, magnetismo e eletricidade.

Sucedia além disto que o engenheiro em chefe de Minas, o sr. Gerber, em suas *Noções de Geografia de Minas*, computando os picos mais altos da província, teve a honra

⁵⁶ Idem.

⁵⁷ Mas não localizado nos levantamentos em suas coleções.

de apontar na página 4 o Itatiaia d'Aiuruoca com cerca de 1900 metros.

Entretanto eu, que descobri essa altitude, e que dava em mais esses 1900 metros, de duas cousas não podia escapar; ou de ter faltado à verdade perante o Instituto Histórico, ou de ter feito cálculos e observações errôneas. Em todo caso minha posição era triste, e meus estudos postos em dúvida.

Admirava entretanto que o sr. Gerber, alheio a esta montanha, sem operações geodésicas, e sem visitar seus cumes, pudesse aventurar tal altitude!!...

Razão porque meus amigos pediam a brevidade dessa ascensão, e que me auxiliasse nas observações do Imperial Observatório da Corte, a fim de que a verdade científica não andasse a disposição de estranhos. De fato, a 30 de maio deste ano requeri ao Instituto Histórico Geográfico o auxílio do Imperial Observatório durante minha ascensão ao Itatiaia.

Finalmente a meu amigo o distinto astrônomo P. Secchi deveria expor certas observações relativas à física do globo nas regiões tropicais, e o Itatiaia era o lugar mais apto para isso.

Tudo preparado para tal expedição, no dia 13 de julho pernoitávamos na base do Itatiaia pelo Campo Belo na fazenda do capitão F. Ramos de Paula.⁵⁸

Nessa expedição Massena e seus companheiros não conseguem levar os aparelhos ao cume, optando por um cálculo trigonométrico que atribuiu ao cume a altura de 579,8 metros a partir da base e 2994,5 metros acima do nível do mar. Seu relato de naturalista não esconde, contudo, em outros trechos, a visão ambígua de viajante, sempre pronto para descrever seus passos e comunicar a seus leitores suas experiências e impressões sobre os lugares⁵⁹.

⁵⁸ Massena, *Quadros ...*, pp. 9-10, grifo nosso.

⁵⁹ Flora Süssekind, op. cit., transcreve nas pp. 115-116 uma interessante observação de Miriam Moreira Leite sobre a observação da natureza nos naturalistas-viajantes: "Herdeiros de uma tradição rousseuniana, de viajantes de ilustração, para os naturalistas, o viajante não podia ser um simples espectador (...) mas devia ser

Para além de uma mera disputa entre parceiros profissionais, a questão envolvendo a determinação da altitude exata do Itatiaia e de seu estatuto, ou não, de pico mais alto do país desempenha um papel importante na instituição daquela montanha enquanto lugar exemplar da natureza.

Se a identidade do Itatiaia começa a ser construída pela toponímia a partir de suas peculiaridades visuais, o olhar científico sobre ele e sua condição de palco da constituição deste tipo de saber no e sobre o Brasil terá igualmente um papel de destaque nessa construção. Ainda, essa polêmica não só se coloca como parte da história do lugar mas vincula-se a uma das formas da relação homem-natureza - não apenas daquela época ou exclusiva daqui, na qual o conhecimento do território, o domínio e a conquista contam com a apropriação científica como um de seus instrumentos.

Pelos fins da década de 60, o reconhecimento do Itatiaia e de sua posição de ponto culminante do Império já se popularizava e era debatido. Nesse período, o viajante Burton não nos permite saber se esteve ou não no Planalto, mas alimenta esta polêmica com a afirmação contraditória de que os picos da Mantiqueira (Itabira, Itambé, Itacolomi, Itatiaiuçú) "excedem em altura todos os outros do Império, exceto os visitados por Gardner na Serra do Mar, perto do Rio de Janeiro". Em seu diário de viagem escreve ainda sobre a Mantiqueira, destacando o Itatiaiuçú, arrisca uma interpretação do topônimo, discute medidas, fala da origem vulcânica do terreno, entre outras coisas. Enfim, elabora um relatório caracterizando o lugar por seus aspectos geomorfológicos⁶.

um ator de passagem, observador atento da realidade, exercitando diante dela a arte de pensar, despreendendo-se de seu mundo imaginário, para dirigir atenção ao verdadeiramente útil."

⁶ Burton, op. cit., p. 28.

Todavia, os picos medidos por Gardner não ultrapassavam os 2800 metros (cerca de 7500 pés)⁶¹, como Charles Hartt - geólogo norte-americano que para cá viera acompanhando Agassiz e depois dirigiu a Comissão Geológica do Brasil - vai afirmar. Em 1870 Hartt publica um trabalho onde assinala a existência do Itatiaiuçú, discutindo não só as diferentes medidas dele tomadas como sua possível origem vulcânica⁶².

"A uma distância de quatro ou cinco milhas do limite noroeste da província, na serra da Mantiqueira, está o pico de Itatiaiuçú, que parece ser o ponto mais alto do Brasil, e que, segundo a *Revista Trimensal do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, tem uma altitude aproximada de 10300 pés. (O Dr. Cândido Mendes de Almeida, no seu "Atlas do Império do Brasil", dá somente 2994 metros, ou 9829 pés de altura.) Dizem que é de estrutura vulcânica, apresentando duas crateras, bem como fontes e depósitos sulfurosos (Burton, "Explorations, etc", vol. I, p. 61. O autor não dá a sua observação direta.) Nunca vi o Itatiaiuçú, mas ponho minhas dúvidas em que seja um vulcão. Em certas épocas, cai neve aí durante o inverno, e, segundo dizem, às vezes durante vários dias seguidos. Quanto ao fato de ser o ponto mais alto do Brasil, parece não haver dúvida."⁶³

Curiosamente, Hartt em nenhum momento se refere ao trabalho de Massena, apesar de dialogar com suas idéias. Prefere fontes secundárias como o diário de Burton (um viajante, estrangeiro) ou a compilação de Cândido de Almeida. No texto de Hartt, como no de Derby, também geólogo e norte-americano (transcrito adiante), a

⁶¹ Gardner, *Viagens ao interior do Brasil*, pp. 238-239.

⁶² Charles Hartt, *Geologia e geografia física do Brasil*, pp. 26-27: sobre o trabalho desta comissão, ver Stepan, op. cit, pp. 42-43.

⁶³ Hartt, op. cit., p. 26.

paisagem não aparece, dando lugar a relatos que privilegiam questões meramente internas a suas disciplinas ou entram no campo de debates como a da altitude ou da formação do terreno.

Ampliando a polêmica, o engenheiro Gerber questionado por Massena também vai sê-lo por outro, Emmanuel Liais, que aliás não aceita acriticamente a afirmação da superioridade da montanha em questão. Sobre ela, escreve:

"Neste ponto, ela (a Mantiqueira) dá lugar a um maciço montanhoso que abriga *um dos pontos mais elevados do Brasil*, o pico do Itatiaia. (...)

A altitude do pico do Itatiaia, sobre a qual foram publicados exageros, foi medida com certeza e com cuidado no mês de junho de 1871, pelo sr. Glaziou (...). O sábio botânico escalou o ponto culminante do pico e fez observações barométricas. Estas comparadas com as observações correspondentes do Observatório Imperial do Rio de Janeiro deram, segundo meu cálculo, para a altura do pico, 2713 metros acima do nível do mar. (...) *Esta altura é conhecida hoje então com uma grande certeza.*"⁶⁴

Nesta fala de Liais a ascensão ao ponto mais elevado do Itatiaia já é colocada como índice da confiabilidade da medida, fato que será retomado ainda muitas vezes. Seu debate com Gerber vai se dar em torno da medição de outro pico, o Itacolomi (próximo a Ouro Preto), cotado entre os mais altos conhecidos à época. O que vem reforçar a importância adquirida pela determinação rigorosa das altitudes e da autoria dessas medidas e um modo de se relacionar com a natureza mediado pelo olhar métrico, científico.

⁶⁴ Emmanuel Liais, *Climats, ecologie, faune et géographie botanique du Brésil*, pp. 45-46, grifo nosso.

"Em muitas obras geográficas, o pico do Itacolomi é citado como o ponto culminante do Brasil. Quando escalei este pico em 1862, em companhia do sr. José Bento da Cunha Figueiredo, presidente da província de Minas Gerais, e do sr. Gerber, encontrei para sua altura, com a ajuda de observações barométricas, 1756 metros, *número que o sr. Gerber dá como obtido por ele, se bem que ele não tenha levado barômetro na sua ascensão.* As únicas medidas obtidas foram aquelas que fiz com meu barômetro Fortin, o qual é aquele que emprestei mais tarde ao sr. Glaziou, para sua ascensão ao Itatiaia. Todavia, o sr. Gerber fora testemunha da observação e serviu mesmo de guia para nosso percurso na montanha. Estou então longe de discutir sua participação na medida obtida, e único objetivo fazendo esta ressalva é comprovar aqui que a altitude publicada por ele é a medida obtida por ocasião de nossa ascensão em comum: assim se explica porque nós damos em nossas publicações rigorosamente o mesmo número."⁶⁵

Liais vai igualmente contestar as teorias sobre a origem dos terrenos que circulavam na época, descartando a hipótese de uma glaciação, e também coloca mais elementos para discussão sobre a altitude, abalando as convicções de Massena e outros sobre o assunto.

"Não é certo, todavia, que o pico do Itatiaia seja o ponto mais elevado do Brasil. Sem nenhuma dúvida ele é o ponto culminante das serras da Mantiqueira e do Mar, mas em Goiás o sr. Thomas Ward dá aos montes Pirineus, perto da cidade de Goiás, uma altitude de 9500 pés ingleses, o que faria 2896 metros, e o sr. Hartt cita uma carta de H.-R. de Genettes, declarando que ele mediu o cume mais elevados dessas montanhas e achou 2932 metros. Este ponto ultrapassaria então o Itatiaia em 200 metros."⁶⁶

⁶⁵ Idem, pp. 46-47, grifo nosso.

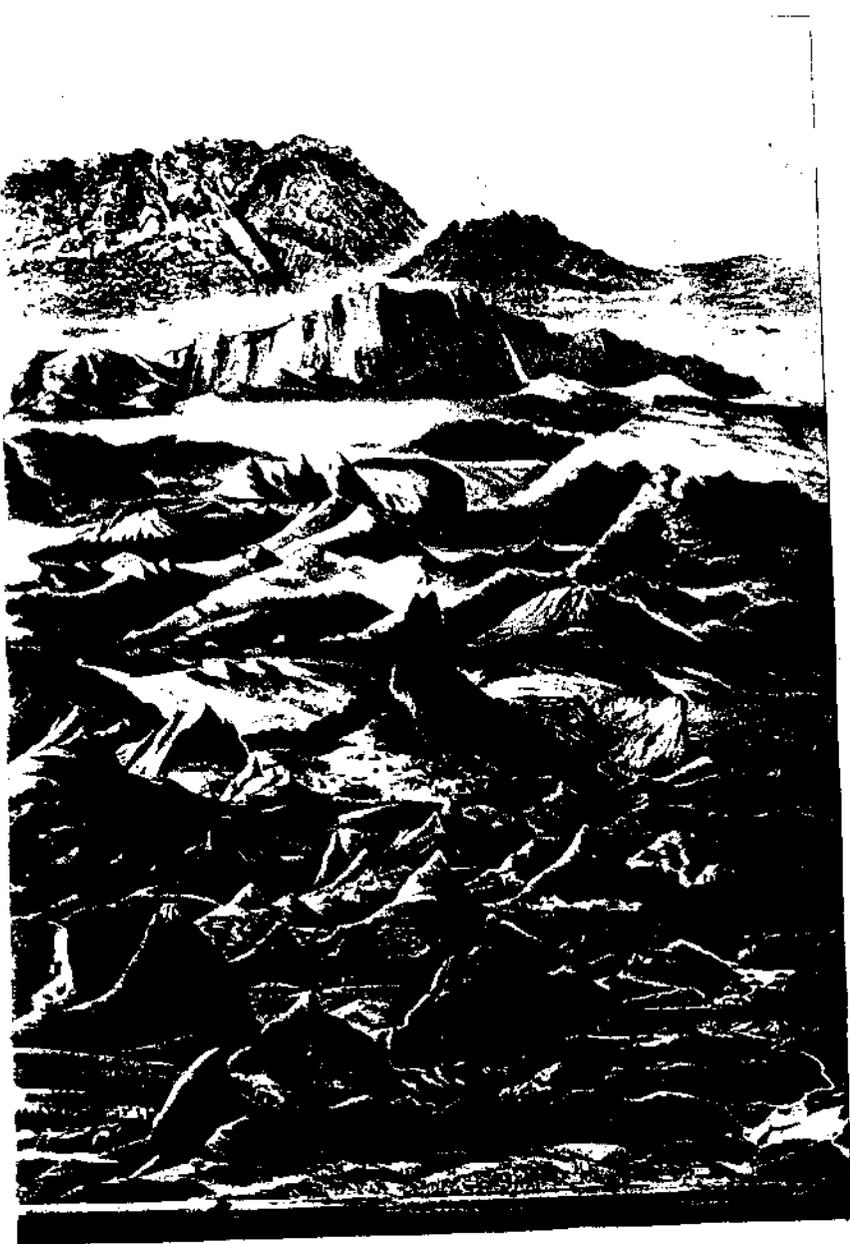
⁶⁶ Idem, pp. 48-49.

Esta contestação ficará sem resposta por vinte anos, enquanto, apesar da polêmica irresolvida, o Itacolomi - na época o mais medido dos picos e considerado por muito tempo o mais alto, e também o Itambé - com altura de 1876 metros determinada por Spix e Martius em 1817, perdem seu lugar de primazia entre os cumes brasileiros⁶⁷. O Itatiaia teria ainda mais algumas décadas de soberania.

Mas os visitantes interesseiros, ocupados com a afirmação e reconhecimento de seus resultados, com a conquista de méritos científicos, em alguns casos também interessarem-se pela paisagem e por outros aspectos da montanha, reeditando de certa forma o olhar duplo de Massena. Isto ficará patente no relato do barão Homem de Mello, que depois de Massena e de Glaziou (1871) é quem vai realizar em 1876 mais uma "excursão geográfica". Sendo antes um diletante que um *scientista*, ele afirma em ocasião posterior ter buscado a orientação de especialistas visando a correção das observações realizadas⁶⁸. O que revela a preocupação com o rigor e método até mesmo por parte de amadores, aspirantes a alguma credibilidade e prestígio nos meios ilustrados. Também vai realizar desenhos e um mapa dos caminhos percorridos e é provavelmente por essa ocasião que o barão produz uma prancha representando as altitudes comparadas dos vários picos, onde o Itatiaia aparece em destaque.

⁶⁷ Derby, "Os picos...", op. cit., pp. 143-144. Um outro sinal da popularidade e do reconhecimento da posição do Itatiaia, é o apontamento no livro de geografia adotado no período pelo colégio Pedro II, escrito por Joaquim Manoel de Macedo, de sua proeminência. Cf. Macedo, *Lições de corografia do Brasil: para uso dos alunos do Imperial Colégio D. Pedro II*, pp. 55.

⁶⁸ Cf. "Atas das sessões de 1901", pp. 276-279.



ALTITUDE COMPARADA

COMPARISON OF ALTITUDE SYSTEMS IN THE MOUNTAINS

J. J. HORNBY DE MELLO



Neste relato então, à maneira de um naturalista profissional, ele enumera uma infinidade de dados sobre pressão e temperatura, descrevendo minuciosamente todos os movimentos de seu grupo durante a exploração da área, mas não chega a estabelecer uma nova medida. Vai apenas reafirmar a obtida por Massena em 1867. É em seu texto que, pela primeira vez, outras formações do alto do maciço recebem uma atenção particular e aparecem nomeadas:

"(...) Pedra do Couto, Pirâmides e Cabeço de Pedra, que irrompem da gigantesca massa de montanhas, e apresentam as formas mais originais e fantásticas."⁶⁹

Mas, a despeito das preocupações objetivas do barão com as medições e outras referências, ele não se priva de um outro tipo de digressão. Nela a visão da montanha é a de um lugar de contemplação (estética, filosófica, religiosa) e de um espaço místico.

"Pela manhã do dia 28, tendo diante de mim aquele imenso horizonte e as serranias que ia visitar esse dia, minha alma abriu-se a essas emoções suaves e tranquilas, que nos desperta sempre a contemplação das grandes obras da natureza.

Em todos os tempos, desde a mais remota antiguidade, as montanhas têm falado ao sentimento e à imaginação dos povos, como se nessas estruturas maravilhosas houvesse a natureza encerrado os recessos misteriosos do pensamento humano. Aí, em seus antros profundos, os oráculos antigos transmitiam aos mortais os vaticínios que decidiam o destino dos povos.

E depois que sobre a terra raiou a luz do cristianismo, foi lá, no cimo dos altos montes, que a fé dos crentes elevou os monumentos de suas concepções imperecedouras.

Fundamenta Domini in montibus sanctis (Salmos)

⁶⁹ Mello, op. cit., pp. 169-170.

O hospício do grande S. Bernardo, situado 2474 metros acima do nível do mar, é ao mesmo tempo um monumento da fé e uma afirmação das energias do espírito humano, triunfando das forças rebeldes da natureza."⁷

Porém, se o barão abandona por alguns momentos a conquista científica da natureza, não deixa de manifestar outros anseios de dominação.

"Pena é que no alto do Itatiaia, com um clima tão ameno, como se houvéramos subido as mais puras regiões da atmosfera, a mão do homem civilizado não se tenha ainda apoderado dos elementos que a natureza aí depôs a seu serviço."⁷¹

Guiado por um advogado morador em Resende e profundo conhecedor da área, ele alonga sua descrição dos muitos pontos visitados do Planalto, passando apenas de relance pelo episódio da ascensão frustrada das Agulhas Negras.

"Apeamo-nos, e seguindo ao sul desta (lagoa), lançamo-nos a subir a montanha para galgar o píncaro do Itatiaia.

Esta ascensão é aqui difícilíssima. Depois de vencer muitos obstáculos, (...) ganhamos o ponto, de onde se avista todo o imenso vale do rio Preto, para nordeste. Com mais trinta metros de subida, estaríamos no píncaro mesmo do Itatiaia.

Mas estávamos longe da casa, e eram ainda maiores as dificuldades a vencer daí em diante.

Nesse ponto paramos a contemplar o horizonte sem fim, que daí se descortina."⁷²

⁷ Mello, op. cit., p. 171.

⁷¹ Idem.

⁷² Idem, p. 174.

Depois de salientar a dificuldade da subida, comenta laconicamente, num claro contraste com trechos anteriores de seu relato: "Dir-se-ia que estávamos como em um ponto aéreo, suspensos sobre o globo terrestre." E termina com uma observação de três linhas sobre o horizonte dali apreensível, como que tentando tangenciar o fracasso da escalada⁷³.

Massena na "Descrição" de 1856 observara: "O pico mais alto do Itatiaia até o presente ainda não foi galgado por pessoa alguma"⁷⁴. Deixa entrever assim uma polêmica, que permanece latente em relatos posteriores, a respeito da inacessibilidade do cume da montanha. Sua ascensão estará no centro da polêmica de sua altura, dela dependendo, segundo os principais debatedores, a exatidão da medida obtida. É em função disso que os números obtidos para sua altitude serão questionados, como veremos. Essa polêmica, contudo, vai se acirrar posteriormente, quando uma rotina excursionista se instala, não apenas com relação ao Itatiaiuçú mas também aos demais picos relevantes do maciço.

No folheto de 1867 Massena oferecera uma imagem da visão do cume da montanha e uma descrição de sua escalada, em que pese não ter atingido o ponto mais alto. Mas é o relato da expedição de Heinrich Wawra e dos príncipes August e Ferdinand de Sachen-Coburg, em 1879, que contém a primeira descrição de uma suposta escalada do Itatiaiuçú. Wawra foi, embora pretenda ter sido o primeiro, o segundo botânico a visitar a área. Preocupado também com questões da geologia e da geografia, ele atribui a

⁷³ Idem.

⁷⁴ p. 53.

altura de 2700 metros à montanha, sem indicar como chegou a tal conclusão, reconhecendo ser ela "a mais alta montanha do Brasil"⁷⁵.

"Em 9 de junho, a expedição partiu para Itatiaia. O cume até então não havia sido visitado por qualquer botânico e as *Aiguillas* - um desses grupos de agulhas de granito que coroa o cume - não tinham sido escaladas por ninguém antes de nós; atingir essas *Aiguillas* era nossa meta. (...)

Com o romper de 11 de julho, nós (os príncipes, eu, dois criados e o guia) nos pusémos a escalar o cume. Antecipando a narrativa que está por vir devo fazer notar aqui que o nosso tour montanhês descreveu uma elipse, na qual a escalada começou próximo ao lado oeste, depois de um desvio para o sul e então para o leste, quando o pico foi atingido; a descida sucedeu-se no sentido norte, embicando então abruptamente para baixo e para oeste, até que nós, enfim, não muito longe do nosso ponto de partida, alcançamos novamente o platô. No sopé e também em alguns lugares na primeira terça parte acima, o cume é circundado por rochas do tamanho de uma casa, que às vezes (sudeste), empilhadas, constituem-se em verdadeiras colinas. Elas ou são completamente desprovidas de vegetação (sudeste) ou parcialmente cobertas com arbustos bastante raquíticos (oeste) ou se preenchem os seus meandros de tal forma com mato e árvores anãs densamente cobertas de musgo (norte e nordeste) que a travessia de tais lugares se torna altamente perigosa, para não dizer totalmente impossível. No último trecho, tivemos de nos deixar descer por fendas profundas para percorrer entre as rochas a ainda relativamente longa parte final da trilha.

A subida começou com a superação das rochas desprovidas de vegetação a sudeste. Então atingimos o lado oeste relativamente mais livre, daí em diante deveríamos escalar o cume. (...)

Finalmente chegamos ao pé das pontas. Elas sobem daqui de forma quase vertical cerca de 150 metros para o alto e talvez todas elas juntas estejam ligadas à base inferior formando um bloco sólido de rocha, o qual se afila num prisma de desigual tamanho, dispostos compactamente um ao lado do outro. Os externos (neste lado cerca de uma

⁷⁵ Heinrich Wawra, *Itinera principum S. Coburgi*, p. XVI.

dúzia) são separados entre si por amplas lacunas e são mais altos do que os internos compactamente aglomerados; os últimos formam assim no seu todo com a superfície superior um pequeno platô circundado pelas pontas externas, lembrando palicadas. A escalada deste platô nos ofereceu as maiores dificuldades, as quais nos pareceram quase insuperáveis dada a ausência de todos os equipamentos necessários para este tipos de tours. Depois de 2 horas de esforços arriscados estávamos lá em cima no ponto mais alto do gigantesco Império brasileiro. (...)

No platô nos concedemos algum descanso, e nos regalamos com uma vista colossal. Na direção leste podia-se divisar numa extensão de muitas milhas as cidadecas e povoados isolados, pelas quais nós tínhamos passado, vindos do Rio; a cidade de Itatiaia, ela própria, jazia a nossos pés em dimensões liliputianas. No outro lado tudo era floresta despovoada; bem próximo de nós erguia-se o Itacolomi, mas ele permanecia bem abaixo de nosso ponto de vista; nós podíamos ver para além dele a planície sem fim semeada por cumes pontiagudos.⁷⁶

Wawra dá outro nome para o Itatiaiuçú, como já dito, trazendo uma tradição européia de nomeação de montanhas - *aiguilles (as)*, de onde possivelmente veio Agulhas, Agulhas Negras - nome que vai ser utilizado em especial por estrangeiros, antes de ser generalizado. Se ele e seu texto não chegam a polemizar sobre as medidas do pico, vão entrar involuntariamente em outra disputa: a da ascensão e a da qualidade dos estudos realizados.

Nesse sentido, Auguste Glaziou, que por 35 anos aqui residiu e pesquisou a flora brasileira, tendo sido inclusive diretor do Jardim Botânico do Rio de Janeiro e o primeiro botânico a explorar o Planalto - contrariando as pretensões de Wawra,

⁷⁶ Idem, pp. XVI-XVII. Onde o autor vê o Itacolomi, trata-se da serra Fina.

escreve, no único relato acessível de sua visita ao Itatiaia, publicado apenas em 1911:

"Eu o explorei pela primeira vez em junho de 1871, pela vertente de Campo Belo até o ponto culminante, isto quer dizer oito anos antes da ascensão desta pitoresca montanha que fizera o dr. Wawra de Fernsee e da qual ele publicou um relato de turista."⁷⁷

Comentário que é mais um sinal da disputa pela credibilidade e primazia nos estudos e resultados obtidos.

O geólogo americano Orville Derby, apesar de muito mais preso ao rigor científico que seus antecessores, não deixa de expor uma descrição da montanha, num texto de 1889. Sobre sua altitude, vai ainda mais além que todos os demais, ignorando inclusive as objeções colocadas anteriormente.

"Este (Itatiaia), que tem a base muito mais larga do que os maciços do Picú e Itajubá, domina completamente estes últimos e é incontestavelmente o pico mais elevado da serra da Mantiqueira e do Brasil inteiro. É quase igualmente certo também que ele é o pico mais alto de todo o continente sul-americano, fora da cordilheira dos Andes e das suas ramificações.

Na altura de 2200 metros, aproximadamente, o maciço apresenta uma espécie de platô ondulado, acima do qual se elevam por umas centenas de metros diversos picos, dos quais o mais alto, chamado Agulhas Negras, é uma lombada longa e denteada em forma de cutelo, com a altura de 3000 metros aproximadamente acima do nível do mar. Ao pé das Agulhas nascem de um lado o Aiuruoca, afluente do rio Grande, e do outro o Itatiaia, que desce quase perpendicularmente ao curso da serra, para cair no Paraíba. Do outro lado das Agulhas Negras nasce o rio Preto, que, seguindo um vale longitudinal entre duas lombadas da serra da Mantiqueira, corre quase paralelo ao Paraíba para entrar

⁷⁷ Glaziou, op. cit., p. 2.

no seu tributário, o Paraibuna, perto de Entre-rios. Para o viajante na estrada de ferro de D. Pedro II, o Itatiaia apresenta seu aspecto mais imponente na vizinhança de Resende, entre as estações da Divisa de um lado e Campo Belo de outro. Ali, em dia favorável, a parte do maciço que fica entre os rios Itatiaia e Preto e que culmina nas Agulhas Negras, destaca-se perfeitamente em forma piramidal, tendo a sua base nas planícies baixas do Paraíba, que, estando na elevação de 400 a 500 metros acima do nível do mar, deixam a seção vertical da serra a respeitável altura de cerca de 2500 metros. Isto quer dizer que da base, no vale do Paraíba, o Itatiaia ostenta igual, senão superior, à dos outros picos do Brasil, acima da base no mar. Da estação do Campo Belo em diante, a alongada e acachapada lombada que fica à direita do rio Itatiaia, com seus picos secundários, Pedra do Couto, Pirâmides e Cabeço de Pedra, escondem as Agulhas Negras e tornam a vista menos bela e expressiva."⁷⁸

Ele descreve o cenário da montanha, é certo, mas fica clara a distinção entre seu discurso e os demais. Nenhuma metáfora grandiloquente, nenhuma impressão pessoal, nenhuma concessão além do rigor dos fatos. Novamente, é apenas o olhar científico, geográfico, o predominante.

Investindo ainda mais no debate, Derby vai referir-se à segunda expedição de Massena para comparar seus resultados aos da realizada por Glaziou, cerca de 10 anos mais tarde e que obteve a marca de 2713 metros. Derby questiona ambas pela ausência de detalhes.

"Esta (expedição de Glaziou) vem referida na obra do sr. Liais, mas sem outros detalhes sobre o ponto exato senão as palavras 'o ponto culminante'. Na excursão que fiz em 1882, subi até umas dezenas de metros abaixo da crista da lombada, mas pareceu-me que só um pássaro ou uma lagartixa poderia atingir o ponto culminante em absoluto.

⁷⁸ Derby, "Os picos...", op. cit., pp. 138-139.

33

É lícito portanto duvidar, por enquanto, que as determinações de Massena e Glaziou se refiram ao mesmo ponto, e, se isto for assim, a diferença (é) a que será natural esperar de observações feitas em diversas épocas e com diferentes instrumentos."^{7º}

Cético e esperando o advento de uma expedição mais rigorosa, ele conclui:

"Na minha excursão levei dois aneróides de algibeira, deixando um terceiro para ser lido na estação Boa Vista, cuja elevação é conhecida pelo nivelamento da estrada de ferro. Um deu 2979 metros e outro 3173 metros. Estes resultados são demasiados desencontrados para merecer grande confiança, mas é para notar que um combina mui proximamente com o de Massena.

É de presumir que no correr dos trabalhos da Comissão Geográfica e Geológica de S. Paulo haja em breve ocasião para nova determinação, que resolverá as dúvidas. No entanto, pode-se, sem receio de errar muito, dar à altura um número redondo, como sendo de aproximadamente 3000 metros."⁸

Aparece na fala de Derby um dos desdobramentos da polêmica da superioridade do Itatiaia: a crença na impossibilidade de ascensão ao cume, apesar das escaladas anunciadas de Glaziou e Wawra. É curioso notar, nesse sentido, que não há qualquer registro de qualquer tradição oral envolvendo os cumes do Itatiaia, como Saint-Hilaire relata a respeito do cume da serra do Papagaio, vizinha a Aiuruoca, igualmente não escalada quando de sua visita na década de 20:

^{7º} Idem, p. 140.

⁸ Idem, pp. 140-141.

"Como ninguém ainda logrou maior êxito, a imaginação do povo deu-se largas a propósito desta montanha. Uns colocaram-lhe no alto grande lago, outros ali fazem brilhar fogos nas noites de verão, outros por fim pretendem que o diabo ali foi acorrentado por um santo sacerdote por ocasião da descoberta da zona."⁸¹

Em 1892, a Comissão Planalto Central, durante seus estudos para a instalação da nova capital federal, determina a altitude dos Pirineus de Goiás como sendo de 1395 metros, muito abaixo dos picos conhecidos da Mantiqueira, dissolvendo ao menos em parte as dúvidas sobre a superioridade do Itatiaia⁸². Nesse sentido, Elisée Reclus, geógrafo francês a estudar a serra de Mantiqueira no início dos 90, menciona a perda do posto de ponto culminante do Itacolomi, embora ressalte sua maior fama, explicando-a pela proximidade do pico à cidade de Ouro Preto. Numa obra publicada em 1893, afirma a superioridade do Itatiaia, estimando que ele ultrapasse os 3000 metros; e refere-se a presença de neve em suas cristas. Mas vai contradizer sua própria hipótese ao apresentar todas as diferentes medidas já tomadas, cujo maior número indicado é 2994 metros, obtido por Massena e já contestado inúmeras vezes⁸³.

As Agulhas Negras também atraíram o botânico Ernest Ule, que visitou a serra em 1894 e, apesar de muito centrado na especificidade de seu trabalho, dedica um espaço de seu texto à descrição da montanha e de sua ascensão fracassada⁸⁴. Outra expedição de caráter científico ocorre em 1898, liderada por Louis

⁸¹ Saint-Hilaire, op. cit., p. 70.

⁸² Álvaro Astolpho da Silveira, *Memórias corográficas*, p. 6.

⁸³ Elisée Reclus, *Estados Unidos do Brasil*, pp. 192 e 243.

⁸⁴ Ernesto Ule, "Relatório de uma excursão botânica feita na serra do Itatiaia".

Cruls, do Observatório Nacional, e da qual participaram o Conde van den Steen e o conde de Ursel, da Bélgica, e H. D. Beaumont, encarregado de negócios da Grã-Bretanha. Num artigo publicado no *Jornal do Comércio*, do Rio de Janeiro, em 12 de maio daquele ano, Cruls menciona a existência de várias medições, sem o conhecimento de um valor exato para a altitude da montanha e seu propósito de realizar mais uma, para que "os limites da incerteza ficassem mais reduzidos". Objetivava ainda a ascensão das Agulhas Negras. Neste relato, Cruls dá ênfase à busca que realizaram da melhor via para a escalada, descrevendo minuciosamente os caminhos. Apenas van den Steen teria chegado ao Itatiaiuçú, levando o aneróide que obteve o número de 2841 metros⁸⁵.

Por mais medidas que se tomassem, e independente dos artifícios utilizados para obtê-las, a polêmica continuava irresolvida. Na virada do século, foram principalmente os botânicos, como Ule, que, aproveitando suas expedições, arriscaram-se a estabelecer a marca correta e/ou atingir o Itatiaiuçú, ainda considerado inatingível, apesar das escaladas anunciadas. Isto acontece com Carlos Moreira e Hemmendorf, em viagem a serviço do Museu Nacional em 1901, e também com Per K. Dusén, no mesmo ano. Nessa oportunidade ele estabelece uma nova medida - 2886,7 metros - polemizando com Cruls⁸⁶.

⁸⁵ Louis Cruls, "O Itatiaia: uma excursão recente", *Jornal do Comércio*, p. 1. Sinal da relevância desta polêmica no período, o dicionário geográfico de Moreira Pinto, editado em 1896, dá destaque a esta discussão sobre a altitude das Agulhas Negras, referindo-se aos trabalhos aqui citados.

⁸⁶ Per K. Dusén, "Sur la flore de la serra do Itatiaya au Brèsil", pp. 3-4.

Apesar de todas essas contestações⁸⁷, a hipótese da superioridade do Itatiaia só será mais fortemente abalada por Álvaro da Silveira, que com medições em 1911, 1913 e 1917 determina a altitude do pico da Bandeira, na serra do Caparaó (ES), em 2884 metros acima do nível do mar. Mas seus resultados serão igualmente contestados em artigos de jornais, como o próprio autor relata em suas *Memórias corográficas*⁸⁸:

"Quando publiquei o resultado de minhas observações sobre a altitude da serra do Caparaó, dando-a como possuidora do ponto mais elevado do Brasil, apareceu em um jornal do Rio, uma contestação em que se reivindicava para o Itatiaia aquela primazia, sendo citado o cálculo de Massena, em virtude do qual seria de 2994 metros a altitude das Agulhas Negras.

A altitude que eu achara para o pico da Bandeira, na serra do Caparaó, era de 2856 metros, superior à que Cruls encontrara para as Agulhas Negras, porém inferior à indicada por Franklin Massena.

⁸⁷ Além de todas as citadas, há referências a várias outras medidas e visitas. Entre elas, a visita de Antonio Veríssimo de Mattos e a efetuada por um grupo incluindo o ministro russo Axel de Berends, o secretário da legação francesa Ternaux Compans, Navenne (adido da mesma legação) e Joaquim Nabuco, na década de 70. Mais tarde, as de Augusto de Vasconcellos, que em 1895 encontrou como resultado de seus trabalhos 2804 metros; de André Rebouças, acompanhado de um grupo de alunos da Politécnica, em 1887, que deu origem a um livro: *Ao Itatiaia*; e de Adolpho Odebrecht que calculou 2790 metros. Uma folha topográfica do Serviço Geográfico e Geológico de Minas dá 2821 metros para o pico e outra do Rio, de 1922, que marca 2788 metros. Essa diversidade de dados sobre a altura só vem reforçar a polêmica da altitude e o seu sentido. Cf. sobre isso os textos do barão Homem de Mello, de Lamego, de Jabor e as atas do IHGB de 1901.

⁸⁸ Silveira, op. cit., pp. 39-72.

Em vez de discutir citando opiniões alheias, sistema esse tão apreciado em nosso meio, preferi apresentar também a minha contribuição sobre a altitude do Itatiaia."⁸⁹

2830 metros foi a altitude encontrada por Silveira para as Agulhas Negras em fevereiro de 1913. Na tentativa de respaldar sua afirmação da não superioridade do Itatiaia, ele calcula a média de medidas anteriormente tomadas para apontar o exagero do número sustentado por Massena. Da mesma forma, a não escalada do Itatiaiuçú é retomada para negar credibilidade à medida.

Ainda na busca do rigor científico, da certeza de sua hipótese, Álvaro da Silveira repete a medição do pico da Bandeira em abril de 1913, e depois em novembro de 1917. Por ocasião desta última escalada, cujos resultados foram publicados no jornal "A Noite", o capitão Eduardo Trindade, também professor de geografia, polemiza com Silveira baseando-se principalmente na média de outras medidas e sugerindo a necessidade de outras medições do Bandeira. Silveira aponta ainda a publicação de outros artigos de protesto, que colocariam as Agulhas Negras na posição de vítima, com epígrafes do tipo "em defesa do Itatiaia"⁹⁰.

Apesar das várias medições de Silveira, a superioridade do pico da Bandeira só será definitivamente confirmada em 1935, com a medição do Itatiaia feita por alunos da Politécnica do Rio, que indica 2787,4 metros para o Itatiaiuçú⁹¹. A medição definitiva do pico foi levada adiante com esforços pessoais de um grupo de estudantes orientados pelo catedrático de geodesia e astronomia de campo, dr. Allyrio H. de Mattos, assistido por Gualter de Macedo

⁸⁹ Idem, p. 39.

⁹⁰ Idem, p. 70.

⁹¹ Cf. Lamego, "O maciço...", op. cit., p. 6.

Soares e Luiz Cantanhede Filho. Foram necessárias várias expedições em 1934 e no ano seguinte para que fosse conseguido o resultado final. Publicado no suplemento do *Correio da Manhã* de 10 de novembro de 1935, o relato da aventura termina assim:

"Em 6 de setembro chegamos novamente ao pouso da dona Risoleta, dispostos a reencetar o serviço. No dia seguinte o encerrávamos satisfatoriamente, ao mesmo tempo em que deixávamos no Itatiaiuçú uma pirâmide metálica de 90 centímetros de altura, pronta para receber uma placa com sua altitude, de uma vez para sempre determinada. Os cálculos verificaram para o Itatiaiuçú a altura de 2787,4 metros.

Em 12 de outubro, mais uma escalada, e lá ficava a nossa placa a informar a cada excursionista a altitude a que se transportou. (...)

Nesse mesmo dia, deixamos no livro de impressões de dona Risoleta a nossa última crônica:

'Eis chegado finalmente o dia em que assinalamos no alto do Itatiaiuçú a altitude de 2787,4 metros, produto exclusivo do nosso esforço.

Conforme poderá ter conhecimento o leitor pelas nossas crônicas anteriores, não pouco difíceis foram os transe por que passamos para realizarmos um ideal que hoje para nosso inteiro contentamento está transformado em realidade.

Estamos certos de que todo o nosso sacrifício, material e físico, significa um valioso serviço prestado à Geografia do país. Só por verdadeira abnegação poderíamos enfrentar as agruras do empreendimento e as consideráveis despesas que nos acarretou, desamparados pelo governo e lutando com a deficiência de material. A recompensa única que temos é para nós, contudo, motivo da maior satisfação: vemos concluído com pleno êxito uma empresa que muito nos honra.

Hoje, pela última vez reunidos, escalamos as Agulhas Negras, lá deixando a placa que o excursionista contemplará com curiosidade, e que cada um de nós contemplou em êxtase de admiração e orgulho, como símbolo de uma brilhante conquista da Politécnica⁹²".

⁹² S. Jabor, "Nas Agulhas Negras: a grande conquista da Escola

* * *

Esta querela travada nas alturas até a determinação da altitude exata do Itatiaiuçú deixa entrever um aspecto da invenção do Itatiaia como lugar notável e uma certa postura diante da natureza. O homem dele se apropriou primeiro pelo olhar e pela palavra, gerando o topônimo e depois as descrições - mais ou menos "objetivas" - de sua paisagem em todos ou quase todos os textos sobre ele. Mas não bastava o reconhecimento de sua importância enquanto fenômeno geográfico ou espetáculo da natureza, havia que demonstrar sua superioridade frente a outros picos. Além disso, como constatou Philippe Joutard no caso do monte Branco, "sem observações científicas rigorosas a conquista não está concretizada"⁹³.

Se os exploradores que visitaram o Itatiaia nos primeiros tempos de seu conhecimento deixavam transparecer um olhar ambíguo sobre seu espaço, oscilando entre descrições frias e impessoais, presas aos procedimentos técnicos adotados nas observações, típicas dos tratados científicos, e textos poéticos, repletos de metáforas (fato ocorrido por vezes em um mesmo autor, como em Massena e Homem de Mello), isso não descaracteriza um sentido de conquista do território, domínio da natureza e mesmo de afirmação do Império. Vale lembrar que a maior parte dos estudos sobre o

Politécnica".

⁹³ Joutard, op. cit., p. 186.

Itatiaia são desenvolvidos após a instalação da Comissão Geológica, em 1875, por iniciativa governamental⁹⁴.

Por outro lado, a polêmica sobre a autoria da primeira escalada do cume, do Itatiaiuçú, também aponta para a afirmação da conquista do território, tanto de uma perspectiva política como de dominação da natureza. Apesar dos múltiplos sentidos possíveis para o ato da escalada.

Os relatos são representativos dessa polêmica. Para Derby, como já visto, parecia mesmo "que só um pássaro ou uma lagartixa poderia atingir o ponto culminante em absoluto", razão pela qual ele questionava os números de algumas medições. A julgar pelas fontes disponíveis, Glaziou é quem pela primeira teria ascendido ao cume das Agulhas Negras, apesar de não dar qualquer detalhe sobre o fato em seu único texto disponível sobre seus estudos na região⁹⁵. Liais e Reclus reconhecem esta ascensão. Wawra e os príncipes teriam igualmente ascendido ao topo (o relato de sua expedição indica um caminho reconhecidamente viável para chegada ao ponto mais elevado). E Cruls também afirma que um de seus companheiros atingira o cume. Mas, da mesma forma como a disputa pelo estabelecimento da medida exata da montanha - que extrapolou o círculo científico e foi encerrada apenas neste século, a questão da primeira escalada conhecerá outros desdobramentos.

⁹⁴ Cf. Dean e Stepan, op. cit.

⁹⁵ Afirma-se também que a princesa Isabel teria escalado as Agulhas mas, como já dito, Glaziou não faz qualquer referência a seus acompanhantes no texto consultado.



3. NOVOS E VELHOS OLHARES

NÃO APENAS UMA ALTA MONTANHA

Relembrando mais uma vez o primeiro texto de Massena, a beleza da montanha e o horizonte dela apreensível já atraíam os aiuruocanos, isto em meados do XIX. Como vimos, mesmo os textos científicos sobre a montanha, muito deles traziam outros olhares sobre seu espaço. Nem sempre, então, o Itatiaia foi olhado apenas como um fenômeno da natureza a ser dissecado e esquadrihado.

Ainda em 1878, André Rebouças fez uma visita ao Itatiaia com alunos da Politécnica do Rio e escreveu um livro, *Ao Itatiaia*⁹⁶. Nele reaparece não apenas a comparação com outras regiões, como sua visão utilitária do mundo natural, aí ligada à idéia de higienismo e salubridade também associada ao contato com certos lugares da natureza já naquele momento. Nesse sentido, cabe lembrar que na base do modismo dos banhos de mar, na segunda metade do XVIII, está um projeto terapêutico e também que no início daquele século já se esboçavam teorias sobre os benefícios do ar da montanha sobre a saúde. Sintomaticamente aparece, junto com os escritos pioneiros de Johann Scheuchzer sobre este tema, a primeira proposta de um sistema hoteleiro nos Alpes⁹⁷.

⁹⁶ Ao qual não tivemos acesso diretamente.

⁹⁷ Cf. Corbin, op. cit., p. 81, Luginbühl, p. 29, e Tuan, *Topofilia*, op. cit., pp. 84-85.

"O Itatiaia não é somente um monte Righi, ou um monte Washington, escreve Rebouças, isto é, um pico elevadíssimo com infinitos panoramas: é uma região inteira a povoar, um cantão suíço situado nos limites da província do Rio, a algumas horas da capital do Império, por uma cômoda via férrea. (...) É ali o esplêndido assento de uma cidade modelo, de uma HIGIENÓPOLIS, como em 1877 propôs o dr. Richardson, de Londres."⁹⁸

Alguns anos antes, o barão Homem de Mello deixara de lado por instantes sua meticulosidade de aspirante a naturalista para tecer considerações sobre outros aspectos da montanha, lamentando a não apropriação pelo homem de suas virtudes⁹⁹. E a visão higienista de Rebouças tornará a aparecer em José Palmella, um português que percorreu quase todas as províncias do Império e que buscou o Itatiaia por seu clima e ar puro. Aliás, a visita de Palmella é o primeiro exemplo registrado de uma busca não interesseira, ou lúdica, do lugar. Ela aparece sob a forma de cartas publicadas na imprensa, em 1888, no *Itatiaia*, um pequeno jornal local. As mesmas cartas serão editadas depois num folhetim que chega a atingir até uma segunda edição em menos de um ano, o que pode ser interpretado como sinal do interesse por este tipo de relato e tema naquele tempo¹.

⁹⁸ Rebouças, apud Homem de Mello, op. cit., pp. 177-178.

⁹⁹ Mello, op. cit.

¹ Palmella, op. cit. O autor empreendera em 1875 uma viagem às nascentes do Paraíba na serra da Bocaina, que publicara também no *Jornal do Comércio* e depois como folhetim: *Visita à ninfa do Paraíba*.

No prefácio de seu folhetim, Palmella escreve:

"Entregamos hoje ao público inteligente, e amante das belas paisagens da natureza brasílica, as modestas cartas que escrevemos à viscondessa de Araim, quando procuramos aquelas encantadoras regiões do Itatiaia, para nos dar alguma vida, e respirarmos o mais puro ar que é dado respirar a um simples mortal neste planeta. (...)

Chamando paraíso ao Itatiaia, não suponha V. Ex. que eu desejo encará-lo apenas do ponto de vista poético e artístico, que as suas magníficas e deslumbrantes paisagens apresentam aos olhos do viajante, mas indicá-lo sob o ponto de vista higiênico, ou de salubridade, como o seu nome etimologicamente está dizendo, - apontando, de passagem, as suas riquezas agrícolas e industriais, que são imensas, e de um futuro incalculavelmente lisonjeiro para a colonização, que há de vir erguer este formoso país ao ápice de todas as grandezas que notabilizam os povos, os quais sabem, cercados de luz, encaminhar suas forças para o mundo do progresso, em harmonia com as leis econômicas e a dignidade humana."¹¹

Apesar do caráter de sua busca, Palmella amplia os limites de sua visão do Itatiaia: lugar saudável, mas também pleno de recursos a serem apropriados. Embora afirme inicialmente o privilégio de outros aspectos da montanha, ele não prescinde do olhar artístico e a narrativa de sua subida ao Planalto é feita dentro de um estilo no qual a poesia, metáforas e alegorias assumem o lugar de uma descrição mais objetiva dos elementos naturais¹².

¹¹ Palmella, op. cit., pp. 14-15.

¹² Palmella projetou a edição de sua narrativa em dois volumes. 0

Outro visitante ocupado com os estudos científicos sobre o Itatiaia, Louis Cruls, que se envolvera na polêmica da altitude, não deixou também de atentar em sua visita para os mesmos aspectos higiênicos da região. Refere-se a ela como lugar próprio para a instalação hotéis e sanatórios, e sugere a construção de uma estrada para facilitar-lhe o acesso. Ele enfatiza a riqueza do lugar, em oposição às frequentes descrições de esterilidade do Planalto, e vai além:

"Quando, ao exemplo do que se faz na Europa e nos Estados Unidos, onde se constróem estradas de ferro para galgarem os pontos pitorescos das serras, edificando aí hotéis que na estação calmosa chamam os viajantes e excursionistas, ou sanatórios, como os de Davost (na Suíça) onde se conseguem curas surpreendentes nas afecções pulmonares, quando, dizemos, existir uma estrada de ferro permitindo subir ao alto do Itatiaia, e vencer a distância desde o Rio até ali em poucas horas (7 a 8 no máximo), tornar-se-á então esse lugar uma das muitas maravilhas do Brasil, o *rendez-vous* de todos aqueles que amam a natureza e procuram revigorar sua saúde debilitada pelos defeitos de um clima deprimente, no seio de uma região temperada em que os ares puríssimos e as águas cristalinas darão novas forças ao seu organismo. Oxalá possa realizar-se quanto antes essa nova profecia!"¹⁹

Assim, além dos primeiros olhares classificatórios e poéticos, o Itatiaia sugere outros que mediam a construção de sua identidade e resultam em sugestões de usos diferentes para seu espaço. A visão pitoresca da paisagem, focalizando-o como fenômeno

segundo, onde apareceria uma possível escalada das Agulhas Negras não foi localizado, e provavelmente não chegou a ser publicado.

¹⁹ Louis Cruls, "O Itatiaia...", op. cit., *Jornal do Comércio*, op. cit.

geográfico raro, passa a conviver cada vez mais intensamente com outro olhar, também científico, que cataliza agora as atenções: a medicina, embora sem a mesma ênfase dos primeiros. Mais tarde terá vez a proteção de seu patrimônio natural.

Pela mesma época da visita de Cruls, há registro de uma outra, agora sem pretensões científicas, ao Itatiaia. Em abril de 1898, Horácio de Carvalho, diretor do *Diário Oficial* de São Paulo, acompanhado por um grupo, faz a escalada da montanha - sem contudo atingir-lhe o cume - e publica relatos de sua aventura em folhetins anônimos no *Diário Popular*. Embora um tanto deslocada no tempo, a expedição guardava características daquelas feitas pelos turistas ingleses do *grand tour* ou dos estrangeiros em viagem ao Brasil por todo o XIX. Carvalho levou instrumentos de precisão, realizou observações meteorológicas, botânicas, registrou curiosidades sobre a população local - no caso os campeiros das fazendas de Mauá, e inúmeras informações sobre a região explorada. Publicou suas experiências e sobretudo descreveu-na à maneira de um roteiro passível de reprodução. Incluiu, nesse sentido, um mapa com a sinalização dos pontos principais e do caminho percorrido, remetendo sempre o leitor a ele para situá-lo no local exato da ação. Mais tarde, em 1900, os folhetins são organizados num livro que vai render ao autor seu aceite como sócio no Instituto Histórico e Geográfico do Brasil¹⁴.

Além do próprio conteúdo do livro, é interessante o episódio da seção do Instituto em que a obra foi analisada. A despeito de elogios por outros associados, não escapa da crítica

¹⁴ Carvalho, op. cit., cf. ainda "Atas...", op. cit.



ITÁTYÁIA.— Ascensão às Agulhas Negras.

do barão Homem de Mello que faz questão de destacar, reprovando, a total ausência no texto de Carvalho de referências a tentativas de ascensão e medições anteriores. De fato, o autor refere-se apenas às medições de Massena, Glaziou e à expedição de Louis Cruls, publicada na imprensa carioca pouco depois da visita de seu grupo. Tal indignação por parte do barão frente a negligência de Carvalho, apagando a experiência de outros exploradores, pode ser interpretada não apenas como mera preocupação formal, mas antes enquanto um índice da ansiedade em torno daquilo aqui apontado como uma "polêmica da altura" e uma "polêmica da ascensão".

Carvalho pretende que sua expedição seja a primeira tentativa de *mantiqueirismo*, termo segundo ele preferível a alpinismo e que demonstra um dos sentidos da escalada da montanha, ao menos para o líder do grupo, o nacionalismo. Nesse sentido, há outros sinais deste tipo de postura em seu texto, traduzidas em afirmações como

"De hoje em diante, publicada a notícia desta excursão, há de se saber que não são só os ingleses que podem ir às Agulhas Negras. Digo até mais: - publicada essa notícia, sabido que nós lá fomos, sabida que a viagem não é nenhum bicho de sete cabeças, outros, animados, informados, seguirão o nosso exemplo, irão ver um dos pontos mais bonitos do mundo, a loucura das Agulhas Negras, a desgraça do Itatiaia."¹⁵

¹⁵ Carvalho, op. cit., p. 142, grifo nosso.

Ou ainda

"(...) as nossas Agulhas Negras, na Mantiqueira, têm inúmeros picos que ainda não foram visitados e que são dignos de demorada visita, da qual saiam discriminados, batisados, como sucede com os Alpes na Europa.

E isto há de ser feito com o correr do tempo, temos certeza, - porque o brasileiro não é menos homem do que o europeu."¹⁶

O relato de Carvalho é também um dos textos onde o sentido de dominação e conquista da natureza, misturado à insistência no heroísmo e masculinidade exigidos pelo ato da escalada, fica mais explícito. Num trecho de sua narração da subida, ele escreve:

"Ah! O Itatiaia começava a deixar de ser um tutú! Abria seus desfiladeiros, as suas rampas de granito à pata de ferro de um daqueles mantiqueiristas, indomáveis animais bravios, soltos na amontoada vastidão daquelas grandes serras, como se fossem jaguares. No dia seguinte o bravo turuna do Ribeirão Raso (...) realizaria a façanha da sua vida, esmagando, com o salto da sua bota em triunfo, o Dragão de São Miguel, o pavoroso gigante das Agulhas Negras. O mundo saberia que ele, o bravíssimo capitão brasileiro, e mais o Maneco, e mais o Horácio, e mais sê'Ontonio e mais o Vicente, seis turunas incomparáveis, seis onças, seis quéras, seis couros n'água, tinham ido ao ponto mais alto do Brasil, tinham pisado, com aqueles pés que a terra havia de comer, a mais elevada grimpa desta pátria tão grande como um continente, e cujo destino incubia uma civilização assombrosa, para o futuro."¹⁷

¹⁶ Idem, p. 337, grifo nosso.

¹⁷ Idem, p. 156.

Contradições à parte, como a afirmação de que "a viagem não é nenhum bicho de sete cabeças" e a supervalorização do feito, como fica evidente na passagem acima, o tom de vitória sobre os elementos é predominante e em alguns trechos indissociável do sentido nacionalista. Não tendo chegado exatamente ao Itatiaiuçú, mas apenas ao último ponto possível de se atingir sem equipamentos de escalada, Carvalho apresenta o lugar como "o ponto mais alto a que tem chegado o pé do homem civilizado no Brasil!", continua afirmando que "Dali para cima ainda não houve mortal que tivesse subido", e conclui:

"Estavam, pois, vencidas, dominadas, abatidas em seu milenário orgulho de granito, as impassíveis, grandiosas e imponentes Agulhas Negras das serras do Itatiaia.

Triunfara em toda linha a primeira tentativa de mantiqueirismo, genuinamente brasileira, levada a cabo por filhos desta mesma terra que produziu o rio de São Francisco e os Andradas, - o Itacolomi e Deodoro da Fonseca, - o Amazonas, o Itatiaia, e o grande Marechal de Ferro."¹⁸

Diante de tal intenção conquistadora, era inevitável que Carvalho questionasse a escalada de outros visitantes. A própria afirmação de que ninguém houvera ultrapassado o ponto por eles atingido já sinaliza seu envolvimento na polêmica da ascensão. Mas suas dúvidas quanto ao ponto atingido em outras escaladas, em especial as mais recentes - do grupo de Cruls e de outro de religiosos, são questionadas de modo explícito e é

¹⁸ Idem, pp. 310-311.

exatamente a falta de detalhes sobre marcas características do cume, da mesma forma como a ausência de sinais da passagem do grupo pelo local, e ainda a *suposta* existência de apenas uma via de acesso à base do ponto mais elevado, que o leva a suspeitar da veracidade daquelas¹⁹.

O grupo de Carvalho vai deixar no local atingido uma garrafa com um bilhete, visando registrar o feito e obter o reconhecimento de sua escalada por outros mantiqueiristas:

"Sábado, 15 ou 16 de abril de 1898.

Saiba o ousado alpinista, que abrir esta garrafa - que aqui estiveram hoje os abaixo assinados:

- Horácio de Carvalho, diretor do 'Diário Oficial' de São Paulo;

- José Frederico de Borba, do Laboratório de Análises Químicas de São Paulo (ajudante);

- Antonio Teodoro Nunes, guia, morador no Taquaral, da fazenda Central do sr. Henrique Irineu de Souza;

- Vicente Ramos, camarada, morador na fazenda do Belo Horizonte, do sr. Pedro Pereira Leite e Silva, do município de Resende.

Tire cópia, se quiser, mas deixe este na garrafa - fechada.

(Os outros dois não assinam por não saber ler.)"¹¹

Esta prática de sinais deixados como prova da ascensão será continuada no Itatiaia. Veremos isso quando a rotina montanhística se estabelecer.

Se em Carvalho a polêmica da ascensão sai do círculo dos naturalistas ganhando os inclusive os jornais, este fato não evita

¹⁹ Cf. idem, pp. 331-337, 374-375, 383.

¹¹ Idem, p. 331.

um esquecimento de sua tentativa - apesar dos esforços para registrar a façanha - e de outras ascensões anteriormente anunciadas. Dessa forma, um artigo de 1936 atribui a Faustino de Freitas, irmão do encarregado do posto meteorológico que funcionava no Planalto desde o início do século, a abertura da via de escalada ao Itatiaiuçú, em 1911, ao servir de guia a dois alemães.¹¹¹

A atribuição a Freitas do título de primeiro escalador do Itatiaiuçú, como dito, pode ter sido gerada pelo desconhecimento da ascensão de Glaziou - personagem relativamente popular por ter sido diretor do Jardim Botânico do Rio, mas cuja obra só foi publicada na França e em período bem posterior à ascensão. Ou da de Wawra, narrada em alemão e num livro publicado em Viena. E ainda da escalada de van den Steen, apesar de publicada em jornal do Rio de Janeiro. Podemos igualmente cogitar uma intenção de ocultamento destas ascensões como forma de reservar a um brasileiro, ainda que acompanhado de alemães, a autoria da façanha.

Além disso, temos que considerar o fato de estarmos lidando apenas com fontes geradas por agentes com alguma posição na

¹¹¹ Netto, op. cit., p. 18. Este autor levanta a hipótese de a via de escalada ter sido aberta por um deslocamento de rochas, em função das características geológicas da área, pouco estável. Embora não soe descabida, tal afirmação parece mais voltada a reforçar a primazia da escalada de Freitas e, além disso, fecha a possibilidade de caminhos diferentes, possivelmente trilhados por Wawra e outros, e hoje amplamente conhecidos. A descrição da via de escalada de Freitas corresponde ao que se conhece hoje por "via normal", sendo a mais utilizada por turistas e montanhistas amadores.

hierarquia social, capazes de deixar registros de suas aventuras. Afinal, não teriam índios, escravos ou mesmo outros guias ascendido ao pico antes que os visitantes em questão? A limitação das fontes impõe, no entanto, que se faça apenas esta ressalva.

Apesar da tônica do relato de Carvalho centrar-se na exploração e na conquista da natureza, há ainda referência aos aspectos sanitários do lugar e ao contato direto com a natureza, à fertilidade do solo e exuberância das matas. Além disso, há ênfase na emoção estética no descobrimento das paisagens das parte altas do maciço, momentos de pura contemplação e descrições da montanha e de seu entorno onde se misturam várias influências: metáforas e imagens da fauna antediluviana, ideais pastorais, concepções esotéricas e da mitologia clássica, entre outras. "É morta a paisagem, escreve Carvalho, na qual não soube descobrir o artista o traço anímico, o mágico sopro da universal Psyché."¹¹²

A vista oferecida do vale do Aiuruoca traz também um olhar armado pela sensibilidade pictórica:

"Brancuras passageiras, devidas às voltas do caminho, indicam, aqui e acolá, quedas do curso minguado e espumante do Aiuruoca. Sê'Ontonio tinha razão. A paisagem, nova no aspecto, era lindíssima, docemente esbatida e esfumada na grande tela do Itatiaia como um desses quadros modernos por onde passou, sonhando, o pincel de um artista místico. Tudo leve, levíssimo, como que visto através de uma gaze invisível, interposta entre a pupila e a tela."¹¹³

¹¹² Idem, p. 379.

¹¹³ Idem, p. 377.

O texto de Carvalho traz ainda um elemento praticamente ausente das percepções paisagísticas em geral e em particular da paisagem do Itatiaia, as sensações olfativas:¹¹⁴

"Um aroma frio, sutil, mimoso, porejava-lhes dos flancos úmidos e de face para a sombra, e lhes vinha até a sensibilidade do olfato, - aroma de musgos delicados, perdidos nas pequenitas gretas escondidas, onde o sol jamais penetrava. Dir-se-ia que a pele da pedreira recendia o perfume, emanava o derradeiro odor das pedras a secar. E nem um inseto, nem um gafanhoto, nem uma borboleta viram por ali, como tinham visto durante a viagem daquele dia, como jamais o viram do Retiro para cima!"¹¹⁵

Se a experiência de Carvalho e seu grupo não é original em termos de atividade montanhística, dada a tradição européia neste campo, dá início a práticas que se tornarão comuns com a instituição de uma rotina turística e de escalada no Itatiaia.

O INÍCIO DA ROTINA TURÍSTICA

A existência de relatos como os acima transcritos permitem-nos perceber que, mesmo antes da delimitação do Itatiaia como espaço protegido da intervenção humana pelo trabalho, isto é, de sua transformação em parque nacional, é possível falar de uma sua apropriação enquanto paisagem, lugar de lazer e virtudes

¹¹⁴ Cf. Augoyard, op. cit., e Tuan, *Espaço e lugar*, sobre o peso da visualidade da percepção da paisagem e outros elementos nela intervenientes.

¹¹⁵ Idem, p. 392.

curativas, e de estudo científico. É certo que olhares e práticas distintas coexistiram, apesar das diferenças na percepção e nas formas e metáforas através das quais o lugar é representado, do mesmo modo como são perceptíveis distintos sentidos para a escalada e o estar na montanha. Sob o aspecto científico, por exemplo, se a polêmica da altitude ou mesmo os estudos sobre a formação do terreno revelam a tônica do interesse pelo lugar no XIX, no século XX, com a visita de especialistas, a vegetação ganhará destaque por seus aspectos exuberantes e peculiares²¹.

Assim, os relatos de Rebouças, do barão Homem de Mello, de Louis Cruls - ou mesmo os textos menos comprometidos de Massena, deixando transparecer um olhar paisagístico/romântico - e principalmente os relatos de Palmella e de Horácio de Carvalho pressagiam uma outra relação com o espaço do Itatiaia. Contudo, é na década de 10 do século XX que um novo tipo de rotina começa a se estabelecer no maciço, favorecida pela recolonização da área com a chegada dos imigrantes estrangeiros aos núcleos coloniais, pela maior divulgação de informações sobre a área e pelo surgimento de uma demanda de lazer nos centros urbanos, em especial no Rio de Janeiro e São Paulo.

Da mesma forma como os naturalistas, esses novos visitantes leigos também contaram com um mecanismo de registro de suas aventuras e impressões: os livros de visitantes existentes nos pontos de descanso e hospedagem da Reserva/Estação/Parque. Alguns destes livros desapareceram, graças a extravios nos corredores da

²¹ Cf. Ule, Dusén, Moreira e Hemmendorf, op. cit., e ainda relatos de comissões científicas estrangeiras presentes nos livros de visitantes.

burocracia a que Reserva/Estação/Parque esteve submetida, à "zelosa" preocupação das administrações com a memória e história do lugar ou ao assalto dos próprios visitantes, insatisfeitos com os limites de suas próprias lembranças. Restaram, contudo, quatro exemplares, cobrindo desde os momentos iniciais da Reserva em 1914 até o final da década de 50.

O conteúdo de tais livros é revelador de diferentes modos de estar no Itatiaia, de múltiplos olhares sobre a montanha e de inúmeras referências culturais reveladas por seus exploradores. Mas, ao contrário das explorações por naturalistas, principalmente no século XIX, as visitas registradas nos livros de visitantes demonstram um caráter eminentemente lúdico. São de montanhistas ou simplesmente turistas em sua maioria.

Com relação às práticas de natureza na montanha, já antigas na Europa mas incipientes no Brasil da passagem do XIX ao XX, é interessante retomar as considerações de Corbin sobre a invenção da praia:

"O modo de apreciar o mar, o olhar dirigido às populações que frequentam suas margens, não resultam apenas do tipo, do nível de cultura, da sensibilidade própria do indivíduo. A maneira de estar junto, a convivência entre turistas, os signos de reconhecimento e os procedimentos de distinção condicionam igualmente as modalidades de fruição do lugar. (...) Convém analisar o modo como essa nova cena social se constitui, impelida pelo desejo de usufruir a beira-mar; o modo como antigas práticas são reorganizadas em função desse novo objetivo."¹¹⁷

¹¹⁷ Corbin, op. cit. p. 266.

Tais idéias são é úteis para pensarmos também os modos de estar na montanha e no Itatiaia. Nesse sentido, os relatos de impressões de visitantes são extremamente férteis.¹¹⁸

Além dos livros de depoimentos, o visitante costumava assinar um registro, anotando sua origem e profissão¹¹⁹. Entre 1925 e 1947 cerca de 2700 pessoas assinaram um livro de registro, mas não é possível afirmar se este número dá conta da realidade da frequência ao Itatiaia. Apesar da necessidade de autorização, a possibilidade de burla, um controle deficiente, a visita de analfabetos ou mesmo a existência de outros livros desaparecidos contribui para isso. Entretanto, uma análise do teor desse livro de registro permite compor ao menos um esboço de perfil do visitante daquela área.

Do total dos assinantes, é possível identificar a origem ou nacionalidade de 50% deles e a ocupação de 80%, aproximadamente. Verifica-se uma maioria expressiva de alemães (432), seguida de longe por ingleses (72), norte-americanos (61), finlandeses (60), suíços (56), italianos (49), austríacos (47), franceses (39), dinamarqueses (38), poloneses (14), tchecoslovacos, húngaros (11). Outras nacionalidades não ultrapassaram uma dezena de visitantes e o número de brasileiros foi de 373. Proporcionalmente a maior visitação no período foi de estrangeiros, mais de 70% do total.

¹¹⁸ Não se trata aqui, entretanto, de realizar uma busca genealógica das práticas do montanhismo entre nós: objeto, documentos e sobretudo os limites da pesquisa fogem desta perspectiva.

¹¹⁹ Cf. Arquivo PNI, Doc. 6.

A predominância alemã explica-se facilmente pela concentração desses imigrantes nos núcleos Visconde de Mauá e Itatiaia. Como já dito, após a falência da tentativa agrícola eles passaram a dedicar-se à hotelaria e ao turismo. Valendo-se da facilidade de acesso às Agulhas Negras através de seus terrenos, bem como do clima e paisagem "alpina" daquele trecho da Mantiqueira, as famílias Bühler e Büttner receberam seus primeiros hóspedes em suas residências, isto em 1922. Três anos mais tarde surgia a primeira pousada, construída pelos Büttner, e depois a dos Frech em 1929 e a dos Bühler em 1930 - sinais de uma incipiente rotina turística, alimentada por pequenos grupos do Rio de Janeiro e outros vindos diretamente da própria Alemanha¹². Por motivo semelhante explica-se a incidência de finlandeses, suíços, italianos, franceses e dinamarqueses: a presença de imigrantes dessas origem nos núcleos coloniais da região.

Comerciantes ou funcionários do comércio (533), estudantes e escoteiros (362), bancários (227), profissionais liberais (170), engenheiros (160), professores (121), agricultores (104), funcionários públicos (97), artesãos e trabalhadores urbanos (70), militares (50), artistas (39), diplomatas e funcionários de representações estrangeiras (31), burocratas (28), industriais (14), naturalistas (21), religiosos (17), fazendeiros (15), jornalistas (13), guias (12), aviadores (6) e fotógrafos (2). Tais números indicam o predomínio absoluto de visitantes que têm a cidade como local de origem, da mesma forma como apontam para um nível educacional/cultural predominantemente médio e elevado.

¹² Rocha, op. cit., p. 33 e Contursi, op. cit., p. 8.

Este número de visitantes do maciço pode ser considerado expressivo no contexto da atividade turística do país à época. Os próprios relatos inscritos nos livros fazem referência à popularidade do Itatiaia e das visitas a ele. Tal movimento começa a instituir não apenas uma rotina montanhista, mas colocá-lo como um lugar clássico deste tipo de atividade no Brasil.

OS DOIS MUNDOS DO ITATIAIA

No início do século havia basicamente duas vias de acesso ao Planalto. Partindo de Campo Belo (atual Itatiaia), seguia-se o ribeirão de mesmo nome desviando para leste para atingir o Planalto pelo sudoeste, ou iniciava-se a subida em Resende, em direção ao rio Pirapetinga, atingindo-se depois os vales dos rios Preto e das Cruzes ou ainda o Marimbondo, passando pelas antigas fazendas do Visconde de Mauá. Depois da instalação da reserva florestal em 1914, havia a necessidade de autorização para visitas e costumava-se assim passar pela antiga fazenda Mont Serrat - sede administrativa da reserva, onde funciona atualmente a sede do parque.

"Através (de) pedregais e escarpas brutas vem a gente subindo ao passo tardo das alimarias.

Vê-se de tudo pelo caminho. A princípio a exuberante flora que se eleva pelo céu acima em grossos troncos, e se estende em emaranhado intransponível formado pelas moitas de 'griciúma'; depois, a medida que se vai subindo, rareia o mato; vê-se, apenas, aqui e além, uma árvore grande e isolada, enquanto que o chão é todo tapetado de 'barba-de-bode', 'cabeça-de-negro' e 'capim amargo'...

Chega-se. E ao chegar a este 'platot', instintivamente a gente exprime a admiração e o encantamento que sente exclamando, apenas: 'Como é lindo isto aqui'.¹²¹

Qualquer que fosse o roteiro seguido, passava-se necessariamente pela região de floresta densa, o que por sua vez gerava quase invariavelmente impressões de espanto e admiração pelo contraste entre a exuberância da vegetação daquela e a paisagem rochosa e quase desértica das altitudes mais elevadas¹²². Mas se o mesmo percurso suscitava reações semelhantes, elas eram muitas vezes representadas diferentemente, e os cientistas da missão biológica belgo-brasileira, que pesquisaram o Itatiaia em 1922, assim descrevem-nas:

"Nada de mais instrutivo que a passagem gradual da vegetação de Mont Serrat à das florestas superiores do Itatiaia: a retração sucessiva dos animais e das plantas da altitude de 800 metros e a aparição gradual de espécies da altitude de 1800 a 2200 metros, substituídas por seu turno pelas da região alpina. Que maravilhosas lições de geografia botânica dadas em plena natureza pelas plantas próprias plantas!"¹²³

¹²¹ Arquivo PNI, Doc. 4, p. 194, 17 de Julho de 1928, Mário e Nelson Cotrim, Oscar de Araujo, Sebastião Abreu e outros.

¹²² Depois da década de 50, foi aberta outra possibilidade de acesso, pelo sul de Minas, mas a transição da mata não impressiona como no acesso por Itatiaia ou Mauá.

¹²³ Arquivo PNI, Doc. 5, 23 de outubro de 1922, J. Massart, P. Brien, Raymond Boulliemy, A. Navez, P. Ledoux.

Raul Bopp também descreve a subida, mas coloca um outro elemento marcante na rotina dos visitantes, o convívio e a hospitalidade na casa-abrigo da família encarregada do posto meteorológico do Planalto, instalado no início do século em função provavelmente dos núcleos coloniais. Antes da construção desta casa, pernoitava-se em fazendas do caminho e pouco antes da chegada ao Planalto, no *retiro do Ramos*, casebre usado por campeiros no trato dos animais que pastavam na área.

"Noite de 30 de Junho

Escrever sobre a serra do Itatiaia é tão difícil como se subir até aqui.

A gente subindo, estrada acima, cansado, suado, surrado de sol. Carrega-se nos olhos deslumbramentos de panoramas que abundam por todos os lados.

Quando a gente, depois de 6 horas de jornada batida, vem vindo, de pernas bambas, meio aos tropeços, avista a casinha do posto, como um grande consolo. Chega-se até ela como um paraisosinho. Dona Rosalina arranja um cafézinho saboroso e à noite, quando o vento empurra as portas, zunindo lá fora, a gente vai prá beira do fogo, e o Joel conta o caso da onça que mora na serra das Prateleiras."¹²⁴

Por outro lado e para outros visitantes, a dificuldade da subida marcava ainda mais que sua paisagem:

"Viemos, mas viemos a pé; por sinal que se não fosse o acolhimento da família Freitas que reina tão bondosamente sobre este altíssimo povo, teríamos morrido à míngua por falta da divina 'bóia'. Por isso e para sempre 'obrigado' pela hospitalidade e pelos lindos passeios que tal hospitalidade nos tornou possíveis. (...)

¹²⁴ Arquivo PNI, Doc. 4, p. 190.



PS: pede-se que de ora em diante quem vier a cavalo tenha a bondade de avisar os que vierem a pé; assim como não é direito vir aqui por o nome e não subir nas Agulhas. Os mesmo de há pouco."¹²⁵

A casa do Planalto ou o *pouso* da Risoleta chega a ser carinhosamente chamada por um seu hóspede de *Palace Hotel*. Não faltam nos relatos de seus visitantes referências à gentileza, hospitalidade, generosidade e boa comida encontrada naquela casa. Da mesma maneira como elogios à coragem e competência de Risoleta e Rosalina à frente das medições e serviços do posto meteorológico: são duas heroínas brasileiras, alguém escreveu.

A referência a uma população local, é aliás um ponto a ser destacado nesses livros, uma vez que são raros os momentos onde a presença humana aparece quando se fala do Itatiaia. Nos textos dos primeiros exploradores, há menção a "guias" - originários das fazendas ou de Resende - sem maiores detalhes. No livro de Carvalho os personagens, à exceção de Borba - seu amigo químico e da cidade, são naturalizados na acepção literária do termo. E da mesma forma como os moradores da casa do Planalto, são "cordializados".

Paulatinamente, ocorre no Itatiaia um "ajustamento do espaço e do desejo", para utilizar a expressão de Corbin¹²⁶ e assim, em 1926, é construído um outro abrigo, a meio caminho entre Mont Serrat e o Planalto, junto a um pomar de macieiras e pereiras que Mauá mandara plantar no final do XIX - talvez a única experiência

¹²⁵ Arquivo PNI, Doc. 4, p. 30, membros da Escola Militar, 1919.

¹²⁶ Op. cit., p. 280.

bem sucedida com fruticultura na área, visto o fracasso da colonização. O bangalô de madeira, a 1260 metros de altitude, nas Macieiras, será mais um ponto de parada de excursionistas¹²⁷.

Assim, os dois mundos do Itatiaia não são somente o das impressões da subida ao Planalto - das paisagens diversas das partes alta e baixa, mas também os mundos da natureza e da sociabilidade, das relações humanas travadas na exploração dos caminhos e na escalada dos cumes e no aconchego dos abrigos. Isso será tratado mais adiante.

VER E ESTAR

Se o topônimo é um testemunho indiscutível da primazia do visual no conhecimento do Itatiaia, fato recorrentemente confirmado apesar de uma coexistência gradual com outras percepções, a partir da frequência do lugar por indivíduos menos envolvidos com compromissos profissionais outros sentidos para o estar naquela montanha e para o contato com a natureza vão se delinear - ainda que não se constituam enquanto originais se os tomarmos na perspectiva das sensibilidades do homem em relação à natureza de modo atemporal ou a-espacial.

¹²⁷ Atribuí-se a um desejo de agradar a d. Pedro II a iniciativa de Mauá no plantio deste pomar. A partir da década de 40, dentro do programa de implantação do parque nacional são criados inúmeros outros abrigos, hoje desativados.

"A vida não seria má. O homem, com sua civilização é que a tornou miserável. Enquanto vivemos no barulho enervante da cidade, numa atmosfera irrespirável de pó, encerrados em escritórios que jamais viram o sol - aqui permanece abandonada, desprezada toda a pureza deste ar, toda a glória deste sol, na quietude consoladora desta montanhas.

Conforto, conquistas, atrativos da Civilização. Sente conforto o reumático que apodrece no mais custoso divã, cercado das mais raras tapeçarias?

Que adiantam as mais complicadas operações cirúrgicas senão para tornarem mais lenta uma agonia insuportável?

Que satisfação proporciona um meio em que tudo é falso, em que o egoísmo, a hipocrisia, as fraudes são os elementos que garantem a vitória?

A vida está aqui; como vivem as árvores, os pássaros, as pedras, no seio infinitamente grande, incomparavelmente belo de teu Deus, a natureza."¹²⁸

A oposição ao mundo dos homens, à vida da cidade, a busca de um refúgio seguro: a imagem idealizada da natureza, mesclando várias influências, vai ser um elemento de destaque na construção da identidade do Itatiaia. Especialmente por que a ele não se associa a idéia de espaço de trabalho: são raras alusões a este ponto e em tais circunstâncias a presença humana e do trabalho humano dilui-se no olhar armado previamente pelo interesse estético ou científico.

Também o sentimento religioso despertado pelo contato com a natureza e mais especificamente com a montanha perpassa muitos

¹²⁸ Arquivo PNI, Doc. 4, p. 145, autor não identificado, março de 1926.

relatos de maneira ainda mais marcante¹²⁹. Em alguns casos este sentido do estar na montanha e de sua contemplação assumem até mesmo a forma do culto: há registro nos livros de visitantes como em outras fontes de várias missas e cerimônias evangélicas¹³.

"Os céus proclamam a glória do Senhor e o firmamento anuncia as obras de sua mão". Sendo este lugar uma das glórias de Deus, não podia ficar oculto às vistas humanas. Como Deus pretende se glorificar diante dos homens permitiu que os mesmos o descobrissem para seu próprio encanto."¹³¹

Alguns depoimentos têm uma tônica bastante definida, mas grande parte abriga em si múltiplos sentidos para a visita, mesclando assim visões sublimes, religião, fantasia. Além das questões que ocupavam os homens da ciência, como a altitude da montanha e sua determinação.

"Ninguém será capaz de fazer idéia do espetáculo grandioso que nos oferece aquele amontoado imenso de pedras suicadas e cheias de musgo, cactus, orquídeas, etc.

Parecia um sonho tudo que vi!! Lembrei-me dos contos de fadas onde um genio mau aprisiona uma princesa em uma torre imensa, tendo por guarda dragões ferozes...

¹²⁹ Cf. Tuan, *Topofilia*, op. cit., sobre as relações entre montanha e religiosidade.

¹³ Cf. também Carvalho, op. cit., pp. 331-332 e 374-375. É significativo lembrar nesta perspectiva, embora não date da época em questão, a instalação da cruz no cume das Agulhas Negras.

¹³¹ Arquivo PNI, Doc. 7, p. 96, Eduardo Gutierrez, pastor evangélico, 3 de Novembro de 1932.

Lá nós íamos ver, não uma princesa, mas uma rainha orgulhosa, cuja corôa ela quer colocar acima das outras cabeças - Agulhas Negras - linda rainha que desperta a primazia da altura ao pico da Bandeira. Será mais alta? Mais baixa? Quantos dragões defendem essa orgulhosa majestade...

(...)

Altura de sonho! Espetáculo inédito indescritível! Como somos pequenos diante do Criador."¹⁹²

Há ainda aqueles que buscam referências clássicas para exprimir as sensações experimentadas diante da montanha:

"A entrada da gruta trouxe-nos à memória os admiráveis versos de Vergilius e o canto 6, quando trata do inferno: (...) Por isso que o dia obscuro tornava ainda mais negra sua paisagem angustiosa. Se Gustavo Doré tivesse visto num dia como o de hoje certos aspectos do Itatiaia, tê-los-ia tomado por modelo de algumas das famosas páginas com que ilustrou a Divina Comédia."¹⁹³

A sensação de deslumbramento e assombro chega às vezes ao limite da impossibilidade de expressão:

"- 'Os grande pensamentos são gerados na solidão.'

Que vã afirmação! E isso posso dizer depois que estive demoradamente nas Agulhas Negras, ao que se pretende a culminância da terra brasileira. Tudo em volta das Agulhas famosas é dominado, subjugado pelo grande e avassalador silêncio que se insinua por toda parte, por todos os grotões. A própria vida, na sua expressão máxima,

¹⁹² Arquivo PNI, Doc. 7, pp. 153-156, Aida de Carvalho Serra.

¹⁹³ Arquivo PNI, Doc. 4. p. 53, J. Almeida, J. de Paula e W. Felix, da Escola Normal de Guaratinguetá, 24 de junho de 1921. Os trechos de Virgílio aparecem em latim, e são ilegíveis.

desertou daquelas altitudes solitárias. A vida vegetal ali é representada insignificadamente, mirrada e incaracterística. É a natureza em repouso silencioso.

O próprio espírito se sente esmagado, crestado, pela grandiosidade tentacular daqueles horizontes de assombração...

Eu por mim, que acabo de fazer a escalada às Agulhas - me sinto impossibilitado de expressar, na improvisação deste minuto - a impressão vertiginosa e profunda que recebi naquele momento em que a terra brasileira dir-se-ia polarizar-se à minha volta.

Preciso libertar-me do próprio ambiente que me comunicou essas impressões, que as guardo no recesso do subconsciente, e devo integrar-me de novo no arruído da Cidade para poder, distanciado, expressá-las conscientemente. (...)

A grande solidão, desta vez, não teve o condão de inspirar ao rabiscador dessa tirada os grandes pensamentos... Por isso nada digo aqui."¹³⁴

Porém, apesar de a imensa maioria das pessoas que visitavam o Planalto apresentar impressões de maravilhamento e sentimentos de vitória no domínio da natureza, ou de regozijo e sublimidade pelo aspecto divino da lugar, vozes distoam deste coro:

"Uma maravilhosa vista do topo da montanha, mas que escalada para ver a vista, e afinal nós somos todos idiotas por ter feito a escalada para ver a vista."¹³⁵

¹³⁴ Arquivo PNI, Doc. 4 pp. 187-188, 21 de Junho de 1928, nome do autor ilegível (Diretor da Agência Brasileira, em S. Paulo).

¹³⁵ Arquivo PNI, Doc. 7, p. 112, "Bill" Rous.

Sensação de estupidez quem sabe pela exposição ao risco ou pela falta de sentido de tal atitude. Mas também outra sensação mais contundente:

"Graças ao excelente guia, sr. João Lima, regresssei das Agulhas Negras sã e salva mas jamais pensarei em lá voltar a não ser que algum dia venha a pensar em me suicidar."¹³⁶

Ou ainda a desolação diante da aspereza da paisagem e do inusitado da ausência de sons marcantes:

Aqui tudo é frio, tudo é morte... É o silêncio dos píncaros, o silêncio da solidão onde só se ouve a voz da consciência!!

Se não fosse o bondoso acolhimento de d. Rosalina de Freitas o sentimento de abandono seria completo."¹³⁷

Relatos semelhantes na forma e conteúdo se reproduzem largamente nos livros de impressões. Transparece neles visão da montanha como lugar místico, de contemplação, regeneração, de "reconforto da alma e do corpo" nas palavras do visitante - apesar de afirmações em contrário. Mas não só a natureza permite esse reconforto, o elemento humano é aí apontado de modo recorrente em quase todos os relatos, fornecendo uma pista para reflexões sobre a "suficiência" da natureza - mesmo se espetacular - ou sobre as expectativas do homem em sua relação com ela.

¹³⁶ Arquivo PNI, Doc. 7, p. 143, Martha Melo, 12 de maio de 1934.

¹³⁷ Arquivo PNI, Doc. 4, p. 112, Edite Leone Werneck, 13 de junho de 1924.

Nos roteiros das primeiras viagens do *Grand Tour*, este último ponto também era uma constante: o olhar dirigia-se aos locais onde desenrolaram-se eventos históricos. "De um modo geral, escreve Corbin, a admiração da paisagem implica a evocação do homem".¹³⁸ Na mesma linha, Yi-Fu Tuan afirma que "A apreciação da paisagem é mais pessoal e duradoura quando está mesclada com lembranças de incidentes humanos. Também perduram além do efêmero quando se combinam prazer estético com a curiosidade científica."¹³⁹ Assim, a memória da sociabilidade e das referências culturais geradas no espaço do Itatiaia também passa a fazer parte de sua imagem, e integrando-se nela ajuda a instituí-lo como lugar exemplar da natureza.

OS HOMENS-LAGARTIXAS

Um outro tipo de relato, comum especialmente a partir da década de 20, produzido por visitantes de origem suíça ou alemã em sua maioria, deixa transparecer outras visões e práticas nas visitas ao Itatiaia. Neles aparecem principalmente referências à escalada dos vários cumes do maciço, numa reedição ou prosseguimento da antiga polêmica da primeira ascensão. Especialmente neles também podemos perceber que a questão da determinação da altitude extravaza os círculos especializados, perpassando a estadia de leigos, não apenas como tema de conversas noturnas, mas também em suas práticas.

¹³⁸ Corbin, op. cit. p. 58.

¹³⁹ Tuan, op. cit., p. 110.



"Cedendo à atração irresistível que o Itatiaia exerce sobre todos os admiradores da alta montanha voltamos novamente aqui passar uma temporada.

Apesar de sermos constantemente perseguidos pelo tempo chuvoso, realizamos as seguintes excursões.

Dia 2 de Dezembro. Passando pela depressão existente entre o Hermes e as Agulhas Negras, visitamos o vale dos Marimbondos, voltando em seguida para o caminho de Mauá a Montserrate pelos contrafortes que dominam o Retiro. Foi um passeio penoso.

Dia 4. Tentativa de ascensão do Leão. O mau tempo obrigava-nos a retroceder depois de havermos feito uma picada a canivete na mata indestrincável.

Dia 8. Em companhia de Seraphim beiramos a encosta S.E. das Agulhas Negras, abrindo passagem a facão e a pulso, rumo do vale dos Marimbondos, onde tiramos algumas vistas das Agulhas. Na volta passamos pelo cume que faz frente ao observatório novo.

Dia 12. Ascensão do Penedo. E da serra das Prateleiras.

Dia 13. Ascensão as Agulhas Negras pela fenda comum. Do Itatiaiaçu descemos pela frente norte, sem dificuldades, para o vale dos Marimbondos e atingimos o caminho de Mauá na vargem da Aiuruoca, passando pela segunda depressão do N.E. das Agulhas. *Seraphim de Freitas foi o nosso valente ajudante neste dia de fadigas.*

Dia 16. Passeio agradável à cascata do Aiuruoca.

Dia 17. Vencendo a ervagem resistente do seu flanco íngreme, ajudados por Oswaldo Leal, pisamos o cume do Leão, efetuando assim uma conquista de há muito cobiçada. Na volta descemos diretamente para um afluente do rio Bonito, cujo leito seguimos até ao pinhal do pé do Leão. Nesse percurso descobrimos na mata densa duas cascatinhas de inxcedível beleza.

Dia 18. *Conseguimos trepar na Pedra Sentada, acompanhados por Oswaldo.*

Dia 19. Visitamos o Itatiaiaçu pela segunda vez dentro de uma semana. Descemos do pico comum por uma fresta em direção ao pico vizinho e conseguimos montar neste, um pouco mais alto, e separado do primeiro por uma fenda de

três metros de largura. Foi nosso companheiro o mocinho Oswaldo Leal que, não recuando diante das dificuldades, revelou as suas excelentes qualidades de bate-montes, concorrendo até com as lagartixas. Chuva de pedra em penca acompanhou nosso regresso.

Concluindo, agradecemos penhoradíssimos pela franca hospitalidade e constantes atenções que nos dispensou a família João de Freitas e particularmente a srta. d. Rosalina." ⁴⁵

Este tipo de conduta, voltada especialmente para a conquista dos cumes, dentro do universo das práticas do montanhismo (ou do "alpinismo" de onde tais visitantes trazem sua experiência), parece vir acompanhada de uma forma típica de relato, elaborado à maneira de um diário. Forma que, como esta própria conduta no espaço de Itatiaia, constituir-se-á como um modelo a ser observado por outros visitantes.

"Estivemos aqui de 4/10/27 a 13/10/27.

Efetuamos as excursões seguintes:

5/10/27 Pedra Assentada (até a pedra mais alta)

6/10/27 Prateleiras

8/10/27 Pedra Assentada - Grupo este

9/10/27 Agulhas Negras

10/10/27 Couto (pela 1ª vez pisado pelo pé humano)

11/10/27 Passeio ao Morro do Urubu.

12/10/27 Pedra Assentada (mais Alto), descida lado Norte, base das Prateleiras, descida à Vargem das Flores, base das Agulhas e passeio no caminho de Mauá, quase até a frente do Hermes.

⁴⁵ Arquivo PNI, Doc. 4, pp. 35-36, Carlos Spierling e Samuel Heinsfurster, membros do Clube Alpinista Suiço, 22 de dezembro de 1919.

13/10/27 Passeio ao morro do Urubu.

A nossa primeira subida na Pedra Assentada foi feita à neblina grossa e forte ventania, porque voltávamos outra vez para lá. *Cada vez chegamos trepar na pedra mais alta desta maciço. (sic)*

Prateleiras: subida e descida ao lado Norte (lagoa), passando o túnel.

Morro do Couto: *Conquista deste morro que assim foi visitado pela primeira vez. Excursão muito puxada e de resistência. A subida foi feita no lado este. O cume está dividido em 2 partes: 1 oeste e 1 este. No último construímos uma pirâmida, deixando lá um tubo vazio de cafiaspirina Bayer, contendo nomes e data da ascensão.*

Altitudes: *Os dois aneróides que levamos durante as nossas excursões, mostraram as seguintes altitudes:*

Pedra Assentada	2430 m
Prateleiras	2535 m
Base das Prateleiras	2410 m
Agulhas Negras	<u>2740 m</u>
Morro do Couto	2615 m
Morro do Urubú	2200 m

Verificou-se que a altitude dada das Agulhas Negras com 2930 metros está errada. Não queremos dizer que a nossa está certa, mas pelo menos é certo que 2930 está errada.

Por base de todas estas altitudes tomamos 2180 metros para altitude da Estação Meteorológica.

Infelizmente dever chama para voltar ao Rio. (sic)

Deixamos este lugar magnífico bem contente, especialmente com o bom recolhimento por parte da família da d. Risoleta, recolhimento que foi excelente na forma de costume. "⁴⁶

A popularidade das informações obtidas nos estudos científicos, e mesmo dos roteiros de outros visitantes, também faz parte da constituição das práticas e da rotina na montanha.

⁴⁶ Arquivo PNI, Doc. 4, pp. 167-168, Guilherme e Maria Brackmann junto com Pierre ... (ilegível), grifo nosso.

"Ontem à noite, para quebrar a monotonia das horas, examinamos o álbum de fotografias da região do Itatiaia, lemos as várias impressões deste livro e os artigos do dr. Álvaro da Silveira sobre o Itatiaia e o Caparaó, publicados pelo ilustre engenheiro no 'Minas Gerais'."¹⁴²

Ou ainda:

28 de maio. Os mesmos. Subiram ao Itatiaiuçú pelo caminho comum, desceram para o monolito (*Itinerário Horácio de Carvalho*) e voltaram pelo trecho seguido há 20 anos por J. Borba, alcançaram novamente o cume Itatiaiuçú e foram para casa pelo caminho comum."¹⁴³

A rotina das visitas cristaliza, como os relatos revelam, a atividade dos guias. Desde as primeiras explorações do Planalto por naturalistas, trabalhadores das fazendas ou moradores de Resende desempenham este tipo de função, embora não haja registros mais detalhados sobre seu trabalho que permitam saber da profissionalização da atividade, como ocorre atualmente. Da mesma forma, a exigência de registros concretos da passagem e escalada da montanha é um elemento marcante: disso testemunham as latas, garrafas, bilhetes, marcas na pedra - artifícios empregados desde a escalada de Carvalho. Tais códigos são amplamente utilizados

¹⁴² Arquivo PNI, Doc. 4, p. 53, W. Felix, J. Almeida, J. de Paula, da Escola Normal de Guaratinguetá, 24 de junho, de 1921.

¹⁴³ Arquivo PNI, Doc. 4, pp. 37-40, Samuel Heinsfurter, Carlos Spierling, 9 de junho de 1920, grifos nossos.

para efetivar conquistas e para a obtenção do reconhecimento das mesmas⁴⁹.

"Encontrei vários 'monogramas', o que me fez suspeitar que estava no pico tratado por Agulhas Negras. (...) Um pouco mais adiante, sentei-me na beira de um precipício e durante 15 minutos admirei o vôo vertiginante das andorinhas. Em poucos segundos elas desciam ou subiam o que me levava tantas horas!! (...) Cheguei aqui às 7:30 daquela noite e, depois de ter contado o que tinha feito me disseram que era impossível que tivesse conseguido ir até em cima das Agulhas Negras, como só havia um caminho; pelo qual eu não tinha passado. Jurei em mim que iria lá sozinho, por que vim por esse fim, e hoje à 9:15 horas da manhã voltei - só. (...) Fiquei muito surpreso em achar as mesmas 'iniciais' e mesma pedrinha que tinha colocado para minha 'kodak' ontem! (...)

Pelo que vejo sou o primeiro a fazer a subida do II grupo pelo lado Norte e a efetuar a descida deste mesmo grupo pelo lado Sul, sem se servir do caminho geral. E assim, pelos caprichos do Destino, 'voilà'!

(Se houver alguém que já tem feito esta subida e descida, queira me desculpar de ter usurpado esta honra que é em todos os direitos dele (ou dela), por que eu só tenho como referência este livro, e o que dizem as pessoas daqui.)

P. Rambo (?), agosto de 1928."⁵

É de se notar que, apesar de alguns desses relatos apresentarem referências à montanha em si, na imensa maioria são as práticas que merecem destaque, em lugar até mesmo de impressões e sensações. Do mesmo modo, podemos observar que se nas décadas de 10 e 20 os relatos de estrangeiros predominam e os registros

⁴⁹ Ver relatos especialmente do Doc. 7 (arquivo PNI).

⁵ Arquivo PNI, Doc. 4, pp. 198-199.

apontam uma prática quase profissional de escalada, no início da década de 30 a busca do Itatiaia por amadores e o crescimento da atividade excursionista entre brasileiros cresce. Isto pode ser percebido nas visitas cada vez mais frequentes e de grupos cada vez maiores. Um desses grupos será o Centro Excursionista Brasileiro, do Rio de Janeiro, criado em 1919, ativo não apenas na promoção de viagens mas também na criação de condições para o acesso de outros visitantes menos especializados.

"Sempre foi um ambição para mim marcar caminhos, organizar mapas, etc., enfim fazer tudo para facilitar os outros. Foi com esse intuito que vim para aqui. Sonhava que quando voltasse para o Rio, deixaria tudo isto aqui marcado com tintas de cores, tabuletas informativas etc., tal como já fiz com a 'Pedra da Gávea', no Rio, cuja inauguração da marcação do caminho é no próximo dia 15 de março. É um fato digno de nota esse, pois é a primeira vez que se marca um caminho no Brasil. O governo infelizmente nunca cuidou do excursionismo aqui no Brasil, sempre gastou rios de dinheiro em largos auxílios para as sociedades carnavalescas e com o Centro Excursionista Brasileiro nunca gastou um tostão. Nunca recebemos auxílio oficial, temos sempre vivido com as modestas contribuições de 5\$000 por mês dos nossos associados, e, é com o produto dessa escassa renda que compramos tintas, tabuletas, etc."¹⁴⁶

O trabalho de Azevedo gera resultados imediatos, o que vai ser registrado em outros relatos deixados nos livros de impressões:

¹⁴⁶ Arquivo PNI, Doc. 7. p. 51, Antonio Marinho de Azevedo\Centro Excursionista Brasileiro, 3 de março de 1931.

"Graças a Deus, ao bom tempo e a pessoa que teve a gentileza de marcar o caminho fizemos neste dia uma magnífica escalada até as Agulhas Negras. Ao sr. Ant. Marinho de Azevedo os nossos agradecimentos assim como as distintas pessoas desta boa casa que tão bem nos receberam."¹⁴⁷

As marcas, evidentemente, não evitam certas sensações comuns aos menos experientes nas escaladas:

"E agora de volta desta excursão o primeiro pensamento que nos acudiu foi o seguinte: Quem foi o 'maluco' que primeiro conseguiu descobrir o caminho e atingir aquelas alturas? Se estiver, vivo nossos pésames e se morto, que a terra lhe seja bem pesada! Triste idéia! Corpos moídos, pernas bambas, pés e meias molhados, mãos ardendo, outra parte, aqui não declino, dorida! Belo divertimento, ótima excursão e agora? Só vive o espírito por que os corpos pensamos que não nos pertencem. Se não fosse a magnífica comida e as gentilezas recebidas de todos os moradores desta casa amiga, não deixaríamos esta narração."¹⁴⁸

Não apenas os sinais nas pedras mas também as conversas na casa de Risoleta e os livros de visitantes faziam a ponte entre os inúmeros excursionistas. Em muitos relatos neles inscritos podem ser observados "diálogos" entre as pessoas, assim como as fotos e diagramas nele inseridos servem de orientação aos novatos na atividade ou na área.

¹⁴⁷ Arquivo PNI, Doc. 7, p. 56, Pierre j. Augé, agrônomo francês, 21 de Abril 1931.

¹⁴⁸ Arquivo PNI, Doc. 7, p. 63, Jair Martins, Marcello Cotrim, Rubens Pires de Campos, 31 de maio de 1931.

"Com grandes esforços e extremamente fatigado cheguei ao Itatiaiuçú depois (de) ter dado um pulo através daquela fenda, de cerca (de) 10 metros d'abaixo do pico, onde existe uma fita de Taquari em frente do outro lado. Às 4:30 deixei Agulhas Negras descendo pela chaminé comum chegando no Observatório às 6:45. Excursão puxadíssima, de enormes dificuldades e fadiga. (Vide também relatórios do sr. Carlos J. Spierling, excelente alpinista, de 23 de abril até 7 de junho de 1920).

Pede-se o favor de não retirar esta fotografia que deve servir para instrução dos visitantes."⁵⁴

"ÉS GRANDE PELA PRÓPRIA NATUREZA"⁵⁵

A tradição laudatória da natureza brasileira que começa com os cronistas coloniais, passa pela literatura romântica e impregna toda a simbologia associada à independência nacional⁵⁶ aparece também nos relatos sobre o Itatiaia. Ela exprime-se de maneiras diversas, e numa delas assume a forma da comparação do Itatiaia a outros lugares do planeta, tema já explorado por Massena em seus textos:

⁵⁴ Arquivo PNI, Doc. 4, pp. 182-183, Ricardo Guilherme e Maria Brackmann, maio de 1928, grifo nosso. Vide também relato anterior de P. Rambo e reprodução na página seguinte.

⁵⁵ Citação presente no relato de Hugo Schebek e Martinho Segreto, Arquivo PNI, Doc. 4, p. 191.

⁵⁶ Cf. Pádua, "O nascimento da política verde...", op. cit. e Leite, op. cit.

"A serra do Itatiaia sobrepõe-se às suas rivais européias Everest e Alpes pela embriagante vegetação. Naquelas os rios são mortos, frios. Nesta tudo é um quente triunfo de vida."¹⁵²

O ufanismo é o mesmo típico dos românticos nacionalistas, e em outras vezes busca-se, forjar uma origem mitológica para a montanha:

"A Yara, antes de descer aos rios veio esconder suas agulhas na montanha mais alta do Brasil.

Hoje Yara morreu, mas lá no Alto ficaram suas agulhas enegrecidas pelo tempo. Depois de atravessarmos todas as 'fundas' dessas agulhas, satisfizemos nossa curiosidade, vendo lá do alto o Brasil inteiro e a sua majestosa beleza."¹⁵³

Ensaio de invenção mitológica que Palmella já realizara em seu folhetim:

"- Subi, subi para o alto do Itatiaia, que lá se acha o trono de Tupã, que domina com seu altivo cetro o raio, e a bela Ninfa de Aiuruoca, que vos há de animar a vida com seu divino sorriso."¹⁵⁴

Sob a forma do sentimento patriótico em relação à paisagem do maciço, tal ufanismo manifesta-se em geral, mas não

¹⁵² Arquivo PNI, Doc. 5, autor não identificado, 17 de agosto de 1923, grifo do autor.

¹⁵³ Arquivo PNI, Doc. 7, p. 33, Fritz Fuchs, João Teixeira da Silva, Fernando Lopes e outros, 9 de maio de 1930.

¹⁵⁴ Palmella, op. cit., p. 14.

exclusivamente, por militares. Em muitos casos o orgulho patriótico mesclava-se à preocupação com a manutenção do ambiente natural. Da mesma forma, há laços entre este tipo de sentimento e uma reedição do sentido de conquista levado a cabo pela ciência. E mesmo uma associação entre a geografia e religiosidade, através de expressões do tipo "Deus foi brasileiro". O conhecimento dos lugares peculiares do território brasileiro é assimilado ao amor pela pátria e dá-se grande destaque à predominância dos estrangeiros entre os que costumavam visitar o Itatiaia.

Dentro da mais alta casa do território brasileiro, o coração sente, orgulhoso, a majestade física da Pátria, ao fitar o acume dentado e rochoso do Itatiaia - chaminé de tiragem da grande máquina do progresso e da civilização do nosso amado Brasil. Urge dar-lhe acesso fácil e prazenteiro, para que todos possam ter a extraordinária sensação que experimentamos, e para que seja ele, também, o símbolo vivo de nossa grandeza moral sob a guarda da República melhorada e sorridente aos reclamos da posteridade nacional."⁶

Apesar do patriotismo, um certo sentido de crítica à postura dos brasileiros em relação a suas riquezas naturais aparece em não poucos escritos.

"(...) Aqui estive em 18/4/23 a quase 10 anos - Tudo permaneceu no mesmo pé! Inclusive a fidalga acolhida da d. Risoleta citada agora com uma pitada de saudade pela ausência da d. Rosalina que soube estar muito doente.

⁶ Arquivo PNI, Doc. 4, pp. 16-17, militares do Rio Grande do Sul, 25 de março de 1917.

É lastimável que um lugar grandioso, num clima adorável numa natureza máscula seja tão pouco conhecido dos brasileiros - Precisamos cada vez mais de educação e coragem cívica e física - Realmente o Brasil é muito rico mas nós não temos coragem de enfrentar as menores dificuldades para explorar esta riqueza. Falamos em 'tourismo' na av. Central e não temos uma estrada para as Agulhas Negras. Visitar esta serra magnífica ou a da Bocaina, que também é uma maravilha, é fato excepcional e quase que só praticável pelos estrangeiros - Fiquei satisfeito sabendo que as minhas filhas cariocas e o meu filho paulista tem um pai que sobe a 2180 a pé fazendo os 18 km em 5 horas e 20, em companhia de um ótimo companheiro Lauro Whately que mama em onça e pega veados a unha."¹⁵⁶

Porém, apesar do constante apelo dos visitantes por melhores condições de acesso, através da melhoria das estradas, e de comentários sobre as limitações físicas do abrigo de d. Risoleta, além da campanha de fundo científico visando a intensificação das medidas protetoras e o aprimoramento dos equipamentos, a "humanização" do lugar não era consenso, denotando a não homogeneidade da idéia de espaço natural, como um relato do livro de visitantes aponta:

"Que este belo trecho de montanha não seja tão cedo invadido pelos horríveis hotéis, funiculares e estradas de ferro, que a meu ver tiram muito do encanto das excursões. Concordo que este desejo é um tanto egoísta, mas é o meu..."¹⁵⁷

¹⁵⁶ Arquivo PNI, Doc. 7, pp. 99-101, Geraldo de Resende Martins, 9 de fevereiro de 1923.

¹⁵⁷ Arquivo PNI, Doc. 4, p. 112, Nelson Leone Werneck, junho de 1924.

* * *

Os trechos "não científicos" de alguns relatos de naturalistas, outros despreziosos mesmo neste aspecto, e os deixados nos livros de visitantes permitem não apenas a recuperação de histórias do Itatiaia como de condutas e olhares frente a seu espaço. Alguns desses olhares cristalizam ainda propostas de uso.

Dessa forma, tais relatos também instituem modos de estar, ou comportamentos a serem observados na montanha. Podemos, nesse sentido, ler as recomendações aos futuros exploradores quanto à melhor via para ascensão, ao melhor modo de se chegar ao Planalto (se a pé ou a cavalo), sobre lugares mais ou menos interessantes - percebendo-se inclusive um diálogo entre os visitantes através dos livros - como "signos de uma rotina turística"¹⁵⁸ que vão influir na invenção daquele espaço. A menção ao porte de instrumentos de precisão e a tomada de medidas (da altitude, como aparece em relato citado, ou da temperatura e condições de pressão como em outros não citados) pode ser lida como índice de uma prática amadorística da ciência, onde mesmo os leigos ensaiam suas medições e buscam inserir-se nas discussões dos especialistas. A descrição e prescrição dos caminhos para escaladas também pode ser lida num sentido próximo a este, já que busca estabelecer rotas

¹⁵⁸ A expressão é de Joutard.

reconhecíveis e reproduzíveis por outrem, por criar um campo de "especialização" nas atividades montanhísticas.

Com relação à continuidade das polêmicas da altitude e da ascensão entre os novos frequentadores, ela alimenta a construção de uma história do lugar e contribui para consolidação de aspectos da imagem do Itatiaia: lugar peculiar no contexto geográfico do país, lugar clássico de práticas esportivas.

Todas essas posturas e mesmo as visões da natureza e sentidos para sua frequentação caracterizam práticas e imagens comuns às associadas ao parques nacionais. Assim, como dito anteriormente, antes mesmo da criação do parque nacional práticas inerentes a este tipo de espaço já estavam presentes no Itatiaia, permitindo-nos afirmar que o parque já estava "pronto", que ele já havia sido inventado quando o decreto de Vargas o cria.

PROTEGENDO A NATUREZA

1. IDÉIAS E ETAPAS DA PROTEÇÃO

DA APROPRIAÇÃO PRAGMÁTICA ÀS PRÁTICAS DA PROTEÇÃO

Se a devastação da natureza no Brasil pode ser observada num movimento contínuo, quase uniforme, desde a chegada dos portugueses, o mesmo não pode ser afirmado das manifestações de protesto, propostas protecionistas, e medidas concretas nesse sentido. Como vimos, a primeira lei destinada ao controle da apropriação dos recursos florestais só surge em 1797, e é limitada. Os hortos florestais e jardins botânicos surgidos no Rio de Janeiro e outros estados eram antes locais de produção de mudas que instituições conservatórias, por suas próprias características. Talvez a reconstituição da floresta da Tijuca, na cidade do Rio de Janeiro, a partir de 1862, tenha sido a primeira iniciativa no sentido da proteção, ainda que movida por razões imediatistas como o abastecimento de água. E não tenha sido primeiro uma medida conservatória, mas reparadora¹.

Depois das críticas e propostas de José Bonifácio, feitas desde o início do XIX, e da sugestão de se criar um parque

¹ Cf. Tereza C. H. Scheiner, "Ocupação humana no parque nacional da Tijuca", p.18.

nacional por Rebouças em 1876 - atitudes isoladas no contexto da apropriação imediatista - a retomada da campanha pela criação de parques nacionais não acontece isoladamente. Há inúmeros sinais de uma sensibilidade frente ao problema da destruição e da proteção da natureza que pode ser percebida no meio científico como em outros setores, ainda que de forma difusa. Como vimos, início do século XX é possível pensarmos em termos de um clima favorável à proteção da natureza, muito fragmentário e mesmo tímido, mas ainda assim não podemos falar de um movimento social organizado.

No caso do Itatiaia, se desde os primeiros relatos sobre seu aspecto singular e imponente sempre foi destacado, e se mesmo no início de sua exploração ocorrem sugestões de outros usos de seu espaço, como a de Rebouças e pouco mais tarde a de Cruls, será somente no início do século XX que uma sensibilidade ou uma visão diversa sobre sua apropriação vai se manifestar mais efusivamente.

Pela década de 10, as atitudes em relação à natureza no Brasil, ainda que pensadas em termos do uso feito dos recursos, eram motivo de reflexão. Nesse contexto surgiam propostas de proteção, como a de Pedro de Toledo em 1911 ou a do botânico sueco Loefgren, que teria proposto a criação de um parque nacional em Itatiaia ao ministro Cândido Rodrigues, da Agricultura, em 1913².

Também em 1913, o jornalista austríaco José Hubmayer vai

² Cf. o artigo "Parque Nacional do Itatiaia: 50 anos" no jornal *Natureza*, publicação do IBDF, p. 1 e *Plano de Manejo do Parque Nacional do Itatiaia*. O dr. Wanderbilt D. de Barros, em entrevista à pesquisadora, apontou o ornitólogo norte-americano Ernest G. Holt como o primeiro a formular uma proposta de parque no Itatiaia, num artigo publicado no exterior. Contudo, não foi possível localizar tal publicação devido à falta de referências.

realizar uma campanha nesse mesmo sentido nos jornais e na Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, com o apoio da comunidade científica³. Em 20 de dezembro, numa conferência apoiada em vasto material fotográfico, ele lança a público a idéia do parque e faz propaganda da região:

"sem igual no mundo, estaria quase às portas desta bela capital, oferecendo, aos cientistas e estudiosos, riquíssimos elementos para suas pesquisas, aos convalescentes pelo trabalho excessivo nas barulhentas cidades, um retiro ideal para a sua reconstituição física e mental e aos excursionistas e curiosos uma infinidade de atrativos."⁴

Dentro do clima favorável gerado pela conferência de Hubmayer, Paulo de Campos Porto, naturalista do Jardim Botânico do Rio que pesquisava na área do Itatiaia, vai reafirmar o interesse de lá se estabelecer um parque. Num ofício ao diretor do Jardim, J. C. Willis, ele escreve, depois de denúncias sobre a depredação do lugar:

"Peço vênha para lembrar-vos que seria de grande alcance científico reservarem-se terrenos desnecessários ao Núcleo Itatiaia, para o estabelecimento de um parque nacional. A parte superior desta montanha, que fica entre a

³ Barros, *Parques nacionais...*, op. cit., p. 38. Grande parte da documentação relativa a esta campanha e à criação da Reserva não pôde ser consultada pois o material encontra-se "empacotado" nos depósitos da prefeitura do Rio, em consequência da interdição por risco de desabamento da sede da Sociedade de Geografia.

⁴ Hubmayer, apud Barros, op. cit., pp. 38-39; e Hubmayer, "Uma expedição às Agulhas Negras", *O Imparcial*, 20/12/1913, pp. 1 e 5.

ponte do Maromba e o Alto do Itatiaia, sem prejuízo para a Colônia e com grande lucro para a ciência, prestar-se-ia, maravilhosamente pelo seu clima e condições topográficas, à localização de um horto dependente desse Jardim Botânico. Apresentando essa idéia, chamo para ela a vossa esclarecida atenção, pois certo estou de que um parque nacional nas fraldas do Itatiaia prestaria à ciência relevantíssimo serviço."⁵

Nestas propostas de Hubmayer e Campos Porto os argumentos em favor do parque nacional já seguem uma linha diversa, embora não radicalmente diferente, daquela verificável nos debates sobre a criação dos primeiros parques norte-americanos. É certo que naquele caso buscava-se legitimar numa sociedade primordialmente pragmática a segregação de espaços e a conseqüente interdição do uso produtivo, traduzido na apropriação convencional, além de assegurar o acesso da coletividade aos mesmos, pela instituição do domínio público sobre as terras. As idéias aí convergem, uma vez que o pedido de Campos Porto referia-se "aos terrenos desnecessários (...) sem prejuízo para a Colônia", apesar de não ocorrer no caso brasileiro nenhum destaque para o problema da propriedade. A "novidade" de sua argumentação é a relevância científica, ausente na discussão em favor dos parques dos Estados Unidos, ao menos no princípio. Quando acontecem os debates em defesa de Yellowstone ou outras áreas vistas como passíveis de proteção, este aspecto ainda não era considerado, predominando a sensibilidade e reverência à monumentalidade de certos lugares da natureza, como vimos anteriormente.

⁵ Campos Porto, apud "Parque nacional do Itatiaia: 50 anos", idem.

Face à dificuldade de legitimação da idéia de reservar terrenos para proteção de recursos no início do século (mas não exclusivamente naquele momento), como as respostas ao apelo de Pedro de Toledo demonstraram, a proposta de proteger o Itatiaia ganha força principalmente por tratar-se de terras públicas. Isto pois, desde 1908, os terrenos já pertenciam ao governo que neles tentara instalar os dois núcleos coloniais com imigrantes estrangeiros. Depois do fracasso da iniciativa as terras foram reincorporadas ao patrimônio da União, facilitando a aceitação da idéia. Contudo, entre o apelo em favor da criação de reservas feito por Pedro de Toledo em 1911, visando disseminar reservas florestais pelo país, e a iniciativa do Jardim Botânico em 14, não se pode estabelecer relações diretas.

A criação da Reserva Florestal do Itatiaia é um fato cuja inexistência de documentação não ajuda a esclarecer. As referências à participação de Campos Porto, contudo, são unanimidade. Um artigo do *Diário da Noite* do Rio de Janeiro, em 12 de outubro de 1931 afirma sobre isso:

"Teve ele a idéia de fazer ali um 'Patrimônio Nacional' (...). Feita a compra pelo governo, o diretor do Povoamento cedeu a Campos Porto um pequenino quarto de uma velha casa ali existente e nas suas horas de folga o funcionário apaixonado do Jardim Botânico, levando seus instrumentos de botânica, ficava no mais acurado estudo."⁶

Campos Porto teria, em 1914, relatado seu trabalho ao deputado Homero Baptista, que por sua vez teria apresentado um

⁶ Hemeroteca JB, H1.9, p. 7.

projeto transformado depois em lei, anexando parte dos terrenos adquiridos para o estabelecimento dos núcleos coloniais ao patrimônio do Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Com a emancipação do núcleo de Itatiaia, a reserva teria sido completamente estabelecida⁷. Entretanto, no balanço final do governo de Hermes da Fonseca (1910-1914) não aparece qualquer referência a este fato, mas apenas a criação da reserva do Acre (1911)⁸.

O relatório de 1922 do ministério da Agricultura, Indústria e Comércio é o primeiro a trazer informações sobre a reserva de Itatiaia:

"A organização da reserva do Itatiaia prosseguiu de acordo com o programa traçado desde a sua fundação. Aham-se instaladas as principais dependências para os estudos de biologia vegetal, principalmente para os de aclimação em geral, e silvicultura em particular. Grande número de espécies alpestres de reconhecido valor tem sido ali submetido a ensaios de adaptação em diversas altitudes."⁹

Tanto a campanha na imprensa como a pressão de Campos Porto parecem ter sido decisivas para o surgimento da reserva florestal em 1914. Contudo, uma necessidade interna do Jardim Botânico também contribuiu para este fato. Indícios disso estão presentes no relatório anual do Ministério da Agricultura de 1913:

"Não sendo possível manter no Jardim toda a flora do

⁷ *Diário da Noite*, 12/10/1931, (Hemeroteca JB, H1.9, p. 7).

⁸ *Diário Oficial da União*, 15/11/1914, pp. 44-48.

⁹ *Brasil, Relatório...*, 1922, p. 67.

Brasil, nem mesmo a do estado do Rio, pela sua imensa variedade, só as plantas mais úteis ou apreciáveis serão cultivadas ali (...). Para as demais espécies reservar-se-ão trechos de floresta ou de campo na Tijuca, em Itatiaia, em Nova Friburgo ou em outros lugares elevados e próprios para semelhante fim."¹

A subordinação da reserva do Itatiaia ao Jardim Botânico vai dotá-la de características mistas de horto, jardim botânico e reserva de recursos estrito senso. Será quase um posto avançado da matriz carioca, onde serão desenvolvidas pesquisas de biologia vegetal e de aclimação de diversos tipos de plantas - apesar da pouca verba disponível, e visitada com frequência por pesquisadores nacionais e estrangeiros¹¹.

Com relação às condições da reserva, um relato de Hubmayer deixado em 1922 no livro de impressões da casa de d. Risoleta transmite uma imagem menos preocupada com a "prestação de contas" dos relatórios anuais dos ministros, e permite alguma especulação sobre o caráter de sua proposta de parque:

"Com bastante mágoa, verifiquei, que se todas as providências aconselhadas para a conservação e proteção desta incomparável região, em conferências realizadas em dezembro de 1913 e janeiro de 1914 perante o mundo científico e as mais altas autoridades do país, não obstante terem sido recebidas com aplausos gerais, nada, absolutamente, tem sido feito nesse sentido. É possível que a grande guerra universal seja a causa deste descuido, a maior culpa, porém, é a politicagem que absorve todas as

¹ Brasil, *Relatório...*, 1913, vol. 1, p. 85, grifo nosso.

¹¹ Cf. sobre isso livros de visitantes e relatórios anuais do Ministério da Agricultura no período.

atenções, não deixando margem para outros assuntos, embora eles possuam elevada importância de interesse geral.

A única coisa que se conseguiu da proposta de transformar este território em 'parque nacional' foi a sua subordinação aos cuidados do Jardim Botânico do Rio de Janeiro; como reserva florestal. Já é um importante passo para a realização dessa idéia.

(...) verifiquei, com não pequena indignação, como está sendo destruído, impunemente, esta maravilhosa natureza a fogo. Campeiros, mineiros, de cuja permanência prolongada existem provas ineludíveis, lançaram fogo na várzea das Flores e nas imediações que não só queimaram o capim seco, mas ainda as árvores e arbustos em grande extensão. Tão pouco receio esses malfeitores tem dos dois guarda-matas - lá em Campo Belo -, que fazem tudo isso no propósito de preparar as pastagens para o futuro e deixam invadir o território da 'Reserva Florestal' pelo seu gado, que já chegou até as Macieiras de baixo, quer dizer mais de quatro léguas no território estranho.

Tudo isso é deveras deplorável e exige providências imediatas e enérgicas."¹²

Se Rebouças encarava o parque como um empreendimento rentável, Hubmayer parece estar mais próximo de preocupações com a natureza *em si* e enxerga o problema da proteção sob um prisma político¹³. Seu relato também aponta os conflitos de legitimidade recorrentes da reserva e depois do parque: desmatamento, fogo,

¹² Arquivo PNI, Doc. 4, p. 65, grifo do autor.

¹³ É curioso que Rebouças não viu em Itatiaia - ao menos nas fontes a que tivemos acesso - um lugar preservável enquanto parque. Talvez por que sua feição não lhe parecesse tropical o bastante, e daí não guardasse relação com uma imagem ou memória nacional, comparativamente aos demais lugares que indica para preservação em 1876.

invasão. Fatos constatados e lastimados por outros visitantes - cientistas ou não - e igualmente registrados nos livros de impressões.

Na prática, a reserva de Itatiaia teve desde seu início um caráter particular, como já mencionado. Sua transformação em estação biológica, num processo que durou cerca de quatro anos, apenas compatibilizou formalmente funções e nome¹⁴. Datada de 2 de fevereiro de 1927, já em 1925 ela é comentada no relatório do ministro da agricultura:

"A estação de biologia vegetal do Jardim, outrora reserva florestal do Itatiaia, vem prestando excelentes serviços. Continua a estação a ser procurada por cientistas estrangeiros não só pelos seus aspectos florísticos típicos, como também pela sua topografia admirável e majestosa."¹⁵

No ano seguinte, o balanço das atividades da estação frisa a insuficiência de funcionários e denuncia a instalação de particulares nas terras do patrimônio do Jardim Botânico, em paralelo ao auto-elogio sobre as pesquisas¹⁶. Ela só estará definitivamente instalada em 1929.

Embora com fins definidos principalmente como científicos, o uso da reserva desde sua criação também se dá em termos turísticos. Os relatos dos livros de visitantes são exemplares quanto a esse ponto. Nesse sentido, a coincidência entre a

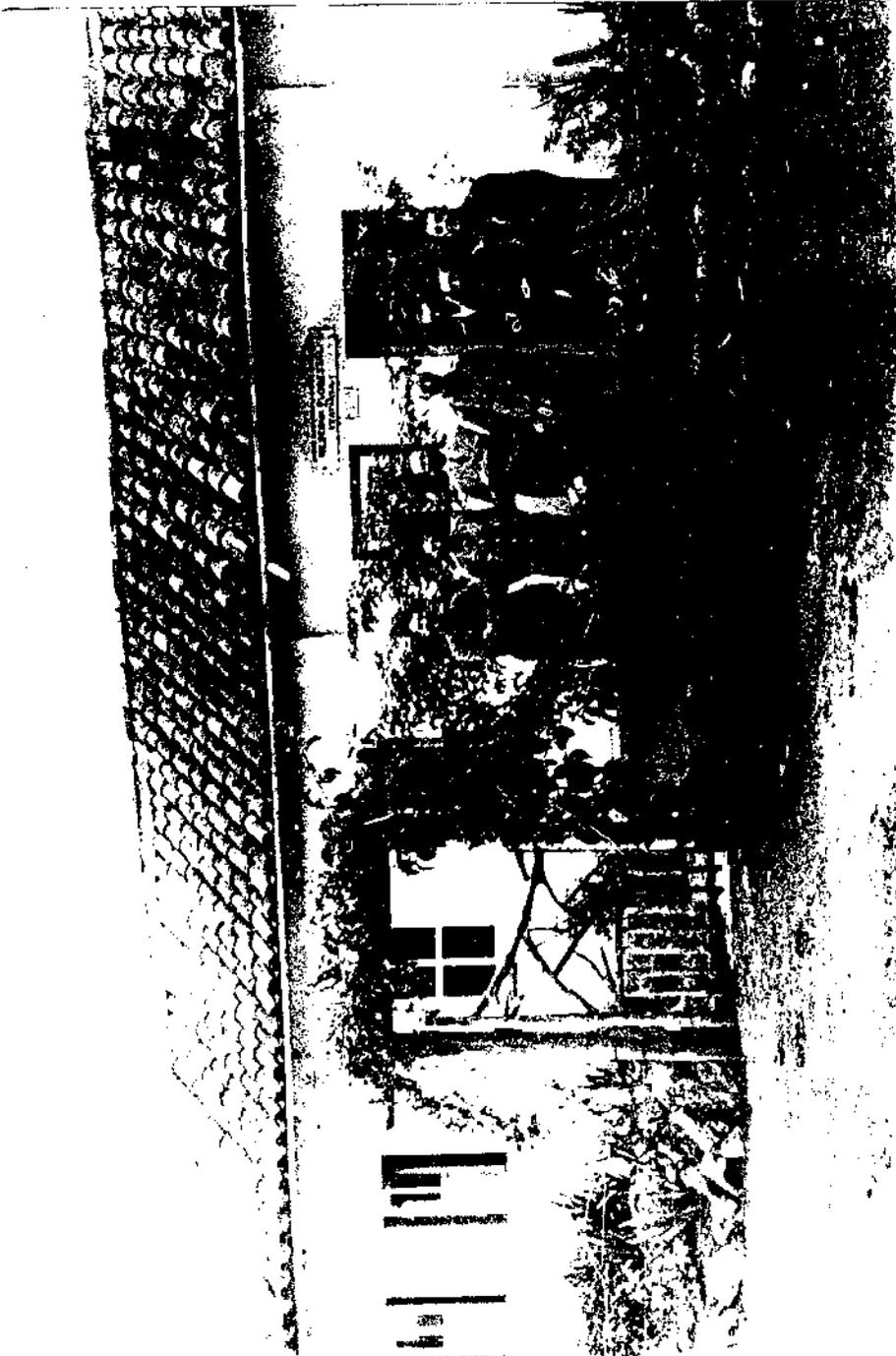
¹⁴ Cf. *Diário oficial da União*, 09/02/1927.

¹⁵ Brasil, *Relatório...*, 1925, p. 332.

¹⁶ Brasil, *Relatório...*, 1926, pp. 129-130.

instalação de um centro de pesquisas - através da reserva e depois da estação biológica - atraindo número cada vez maior de estudiosos, e o surgimento e afirmação da rotina turística favoreceu não somente a difusão de informações sobre a área como influenciou na manutenção das medidas protetoras e depois na criação do parque nacional.

Mais uma vez, os livros de visitantes foram o veículo da expressão daqueles que, cientistas ou não, preocupavam-se com a proteção do Itatiaia. Do que se pode depreender de sua leitura, pensamos que os depoimentos dos cientistas, principalmente dos estrangeiros em missão no Brasil, desempenharam também um papel importante na transformação da reserva em estação biológica. Contudo existiu nesse intervalo entre a reserva e a estação biológica um trabalho dos mesmos articuladores da primeira que não pode ser desprezado. Da mesma forma como na passagem da estação ao parque.



2. "ESTÁ CRIADO O PARQUE NACIONAL DO ITATIAIA"¹⁷

Depois de Loefgren, Hubmayer e Campos Porto, Alberto J. de Sampaio apresenta uma nova proposta de parque nacional, em 1931, publicada no *Jornal do Comércio*. Também em 1931, durante uma convenção internacional sobre turismo no Rio de Janeiro, promovida pelo Touring Club do Brasil, fora apresentado um projeto para criação de seis parques nacionais (Amazônia, Paulo Afonso, Tietê, Iguaçu, Tijuca e Vila Velha). Em 1933 é a vez de Roquette Pinto elaborar, junto com um cientista norte-americano, uma proposta de parque "útil ao mesmo tempo ao turismo e à pesquisa biológica". O projeto era ambicioso: previa a delimitação de uma faixa de terra indo desde o fundo da baía da Guanabara até o topo da serra dos Órgãos, visando acompanhar a transição da fauna e flora. Apresentado ao governo, foi ignorado¹⁸.

Na década de 30 a idéia de proteger a natureza através do recurso dos parques nacionais era corrente, no exterior como no Brasil. Mas nem por isso o interesse em Itatiaia por parte do governo federal dava-se exclusivamente em razão de seus atributos biológicos ou de lazer. A tradição oral sobre os primeiros tempos do parque nacional guarda histórias acerca do interesse

¹⁷ A expressão "fecha" o artigo "Foi criado o Parque Nacional do Itatiaia" do *Correio da Manhã* de 16/06/37.

estratégico da área durante o movimento constitucionalista de 32, quando o Planalto teria servido de posto de observação do movimento das tropas paulistas no vale do Paraíba. Conta também que a abertura de uma estrada dando acesso ao Planalto teria se dado em função de um possível plano de fuga de Vargas, envolvendo também uma barragem construída no "brejo da Lapa" para pouso de hidro-aviões. Afirmar categoricamente tudo isso exigiria uma confrontação com fontes que não foi possível nesta pesquisa. Entretanto, tais afirmações não parecem descabidas diante da veracidade da posição geográfica do Planalto e de evidências como as ruínas da barragem e mesmo o testemunho de pessoas que participaram da construção da estrada.

Ainda dentro do clima favorável à proteção da natureza perceptível num movimento crescente desde o início do século, e mesmo como uma consequência dele, o Código Florestal de 1934 tocava no direito de propriedade nos casos em que as florestas fossem consideradas "de interesse comum a todas as pessoas do país"¹⁹ e previa a criação de parques nacionais. A criação do parque do Itatiaia será facilitada por esse precedente.

Antes da assinatura do decreto², jornais de março de 1937 já noticiavam a iniciativa de criação do parque em Itatiaia. Um artigo de jornal atribui a um relatório de Campos Porto entregue ao ministro Odilon Braga, e aprovado pelo Conselho Florestal Federal, sua constituição²¹. A ênfase dada pela imprensa recaía no

¹⁹ *Código Florestal*, decreto nº 23.793 de 23 de janeiro de 1934.

² Decreto nº 1713 de 14 de junho de 1937.

²¹ *A Noite* (Rio de Janeiro), 19/04/1937 (Hemeroteca JB, H1.10, p.

desenvolvimento turístico:

"As vantagens que daí advirão serão inúmeras, não somente para a corrente turística no 'hinterland' brasileiro, como, também (...) para o conhecimento mais generalizado da prodigiosa flora brasileira. (...) Sobre o ponto de vista do turismo conseguir-se-á, com a criação do Parque Nacional oferecer aos visitantes maravilhosos pontos para passeio e descanso. Para ali convergirão, naturalmente, estradas, hotéis e restaurantes, campos para a prática de esportes, etc., facilitando por todos os meios a permanência no local dos que ali acorrerem."²²

Outro artigo da mesma época retoma o tom ufanista sobre a natureza brasileira:

"O parque de Itatiaia proporcionará aos estudiosos do Brasil e aos turistas a contemplação ao vivo, dos agrestes e fascinantes panoramas que o sertanejo e o filho do pantanal contemplam no interior e que já deslumbraram as retinas e as imaginações dos pioneiros da colonização."²³

O PARQUE PRONTO

Em termos da concepção de parque nacional e de proteção da natureza na década de 30, a fundamentação do decreto que cria o parque nacional é bastante esclarecedora. Na justificativa para a escolha da área é citada a cobertura de mata primitiva, a peculiaridade da flora em termos nacionais e o conhecimento

²² *A Noite*, idem.

²³ *A Noite*, 20/04/1937 (Hemeroteca JB H1.11, p. 9).

científico já produzido sobre ela. De outro lado, é ressaltada a demanda turística a ser atendida e a intenção de criar um pólo de atração nesse aspecto. Em razão da existência no local da estação biológica e de um mínimo de infra-estrutura, o decreto também se refere à economia a ser conseguida na instalação do parque e as facilidades iniciais para sua implantação. Pelo lado econômico, menciona igualmente a necessidade de desapropriar lotes encravados na área delimitada para o parque. A síntese dos fundamentos da criação considera

"que essa localização importa ao mesmo tempo, em proteção à natureza, auxílio às ciências naturais, incremento nas correntes turísticas e reserva para as gerações vindouras, das florestas existentes, ou seja, todos os objetivos, reunidos simultaneamente, que justificam a criação de Parques Nacionais."²⁴

Além disso, justifica a proteção

"para que possa ficar perpetuamente conservada no seu aspecto primitivo e atender às necessidades de ordem científica (...)."²⁵

Diante de tais evidências, podemos perceber que a intenção de proteger a natureza através da delimitação de um espaço próprio já incorpora neste momento elementos de um olhar não apenas paisagístico sobre os lugares escolhidos, situando-se dentro de

²⁴ *Jornal do Comércio*, 22/06/37, (Hemeroteca JB H1.70, p.39).

²⁵ *Idem*.

uma visão instrumental e numa perspectiva conservacionista da proteção.

O texto da lei permite-nos afirmar, de modo análogo aos escritos dos livros de impressão, que já havia um parque "pronto" quando foi o decreto foi baixado, não apenas no sentido de estar inventado enquanto lugar exemplar, mas também do ponto de vista da estrutura administrativa, da rotina turística e científica²⁶. Assim, a criação de um parque nacional em Itatiaia é favorecida também pelo que representava em termos de facilidade de execução.

Não há registro de qualquer fala contrária à criação do parque nacional em Itatiaia. No entanto, em meio à conturbada cena política de 37, Vargas não escapou de críticas, expressas em artigos de jornal. O *Diário de Notícias* referiu-se às solenidades de inauguração como "A farra do Itatiaia", protestando contra a comitiva de duzentas pessoas e todo o aparato e despesas mobilizado para transportá-las, enquanto outros problemas mais graves requisitavam verbas. Apesar de elogiar a iniciativa e apoiar a criação de outros tantos parques já sugeridos por cientistas, exprimia descrença na concretização do empreendimento, em vista da necessidade de desapropriação e criação de infra-estrutura, e classificava tudo como festa de fim de mandato²⁷. O jornal *O Dia*, de Curitiba, criticava igualmente os

²⁶ É significativo, nesse sentido, que o conhecimento sobre Itatiaia só seja suplantado, até a década de 30, pelo acumulado em torno da região de Lagoa Santa, em Minas Gerais, estudada por Lund. Cf. artigo do *Diário da Noite* de 19/04/37, op. cit.

²⁷ *Diário de Notícias*, 20 e 24/06/1937 (Hemeroteca JB H1.68, p. 36 e H1.86, p. 46).

gastos com a viagem, num momento de comoção popular por um acidente num clube do Rio com mais de cem vítimas, e chamava Getúlio Vargas de "rajá"²⁸.

Tais protestos, contudo, não tocavam na idéia da criação do parque nacional²⁹. E ao menos aparentemente o único problema com relação à instalação do parque, além da pouca verba, foi a disputa de terras devolutas com outros ministérios, existente desde a época da estação biológica, conforme atesta documentação dos arquivos administrativos do parque³. O problema fundiário permanece ainda hoje na forma dos terrenos não desapropriados.

* * *

No surgimento do primeiro parque nacional brasileiro, podemos apontar a influência da sensibilidade de alguns (especialmente cientistas) e reflexos de um contexto internacional, e nacional em menor escala, favorável à implantação de reservas e proteção da fauna e flora: tudo isso inserido no contexto político nacionalista-populista da década de 30. No caso específico do Itatiaia, a preexistência de uma situação efetiva de

²⁸ *O Dia* (Curitiba), 01/07/1937 (Hemeroteca JB H1.143, p. 86).

²⁹ Desconhecemos as condições da emancipação dos núcleos coloniais e uma possível reação dos agricultores em sentido contrário à interdição do uso da área.

³ Cf. folheto mimeo. "Para histórico do Parque Nacional do Itatiaia", coletânea de ofícios reunidos por Eurico Viana.

parque, traduzida no reconhecimento de seu valor simbólico, estético, lúdico e biológico foi marcante em sua escolha como lugar de proteção. Aí, a justificativa do decreto não deixa qualquer sinal de dúvida. O interesse estratégico da área também deve ter tido algum peso nesta escolha, assim como o domínio público da terra.

Numa perspectiva ampla, a ambiguidade entre posturas práticas em relação à natureza que perpassa todos os momentos da história do país persiste no caso da criação do parque nacional. Isto pois torna-se complexo pensar nela em termos de uma mudança dos modos de apropriação simbólica da natureza, uma vez que ela parece resultar de uma confluência de fatores onde nenhuma determinação pode ser colocada como absoluta³¹.

Por um lado, diante da visão e da retórica sobre a natureza brasileira, construída desde os primeiros momentos da colonização, cujos sentidos foram sendo reformulados ao longo do desenvolvimento do país, a adoção de medidas voltadas à proteção de um pedaço do "paraíso terrestre" não representa necessariamente uma reelaboração em termos de um reconhecimento de valores intrínsecos à natureza que merecessem ser resguardados. A proteção, ao contrário, coloca-se como algo até mesmo "natural" nessa perspectiva.

É certo, igualmente, que o conhecimento científico já colocava naquele período a necessidade de se repensar as formas da apropriação dos recursos, com vistas à garantia do equilíbrio das

³¹ Cf. sobre esta discussão num sentido amplo, Jean-Claude Chamboredon, "La 'naturalisation' de la campagne: une autre manière de cultiver les 'simples'?", p. 139.

condições ambientais e da manutenção dos recursos. Nesse sentido o movimento conservacionista da natureza é exemplar. Todavia, essa postura não chega a romper com a dualidade esquizofrênica citada por Pádua, visto que separar e proteger espaços não exige necessariamente uma reformulação dos usos gerais destes e dos recursos naturais, podendo servir ainda como um instrumento de legitimação das práticas predatórias - se afinal cuidados com a proteção já foram tomados³². Isso é especialmente válido se analisamos o contexto populista em que é adotada tal medida protetora. No mesmo contexto deve ser tomado o fato de o parque nacional ter sido criado num local onde os elementos instituintes de sua idéia, como a característica de espaço de lazer, de contemplação e de pesquisa científica etc. já estavam cristalizados.

Mas, por outro lado ainda, não devemos negligenciar de modo absoluto o valor de tal iniciativa. Ela pode ser lida como uma tentativa, mesmo que puntual, de se resolver aquela mesma dicotomia, pois a simples colocação da intenção de proteger revela ao menos um impasse com respeito às formas tradicionais - simbólicas ou concretas - da apropriação dos recursos.

³² Cf. *idem*.



A INVENÇÃO DO ÍTATIAIA

No início deste estudo apontamos nosso desejo de situá-lo no cruzamento das invenções, ou reinvenções, da figura do parque nacional, do Itatiaia enquanto lugar exemplar da natureza, e deste como primeiro parque nacional brasileiro. Apontamos, da mesma forma, a necessidade de inserir nesta trama o problema do surgimento da idéia de proteção da natureza no Brasil. O objetivo era, então, esboçar a história do *lugar-Itatiaia*, traçando o movimento que, lentamente, construiu sua identidade tal qual reconhecemos hoje: um lugar de constituição do saber científico no e sobre o país (embora o peso deste ponto seja frequentemente subestimado graças ao limitado trânsito deste tipo de informação), um lugar peculiar no conjunto da geografia brasileira, um lugar clássico de práticas de montanha - escaladas e caminhadas, um pedaço de natureza que merece e precisa ser protegido - por suas características inerentes e seu papel na manutenção do equilíbrio de outros sistemas naturais.

Assim, o tratamento de tal construção foi privilegiado neste estudo, e isto deveu-se também à maior disponibilidade de fontes para tal abordagem e ao sentido discutível que sua proteção institucional guardou, de um lado, em termos de um caráter apenas formal desta relativamente à imagem de lugar exemplar e digno de ser protegido que Itatiaia guardava quando Vargas baixou o decreto

instituindo o parque; e em termos de mudanças nas sensibilidades ou de reelaboração das atitudes do homem brasileiro diante da natureza, de outro.

A ATRIBUIÇÃO DOS SENTIDOS

Das primeiras visitas e trabalhos de Franklin Massena expedição lúdica de Horácio de Carvalho, o Itatiaia foi inventado em praticamente todos os aspectos destacados quando da criação do parque nacional. Em sua imagem de exemplaridade há nuances, como sua peculiaridade paisagístico-pitoresca, seu interesse geológico e geográfico, o vislumbre e a efetivação das possibilidades de uso não convencional (rural) de seu espaço: científico ao longo de todos os momentos; sanitário pouco depois de seu conhecimento; de lazer, esporte e turismo, mais tarde. Em cada uma dessas nuances, práticas e sentidos distintos - explicitados ou subjacentes, expressos através de polêmicas como as da altitude e da ascensão, em "brechas" nos relatos científicos ou posteriormente nas "impressões" dos livros de visitantes.

A partir da virada do século, ocorre detalhamento e apuro nas buscas científicas e a consolidação de uma rotina turística depois da instalação dos núcleos coloniais e da transformação em reserva/estação populariza o aspecto do lazer e contribui também para a difusão de informações sobre a área. Constitui-se paulatinamente nesse movimento um campo de especialidade nas práticas lúdicas. Nesse sentido, instituem-se ainda modos de estar na naquele espaço alimentados por codificações de comportamento e mesmo das formas pelas quais as experiências na montanha sã

relatadas. Em meio a isso tudo, instalação do parque nacional apenas formaliza um estatuto para práticas já tradicionais no Itatiaia.

Assim, a invenção do Itatiaia é um processo de atribuição de sentidos a seu espaço e ao estar em seu espaço, é a transformação deste em um lugar - com tudo o que isto representa em termos de cristalização de valores e memórias. Estas afirmações têm matizes, é certo, que esperamos ter explicitado ao longo deste trabalho.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

1. MANUSCRITOS

Livros de visitantes da Reserva Florestal, da Estação Biológica e do Parque Nacional do Itatiaia. (Arquivo PNI, Docs. 4 a 8)

MASSENA da Silva, José Franklin. *Descrição do Itatiaia ou Ititiaio*. 1856. Acervo do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil, Rio de Janeiro. (DL 969.24)

2. ARTIGOS E FOLHETOS

"Atas das sessões de 1901 do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil". *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil*, vol. 64, 1902, pp. 276-279.

AUGOYARD, Jean-François. "La vue est-elle souveraine dans l'esthétique paysagère?". *Le débat*, nº 65, 1991, pp. 51-59.

BARROS, Wanderbilt D. "O parque nacional do Itatiaia (majestoso monumento brasileiro)". *Almanaque do aniversário da cidade de Resende*, Resende, 1944 (reproduzido em folheto do Grêmio Literário da cidade de Resende, s.d.).

BARTH, Rudolf. "A fauna do parque nacional de Itatiaia". *Boletim do parque nacional do Itatiaia*, nº 6, 1957, pp. 3-137.

- BERLAN-DARQUÉ, Martine e KALAORA, Bernard. "Du pitoresque au 'tout-paysage". *Études Rurales*, nº 121-124, pp. 185-195.
- BERQUE, Augustin. "De paysage en autre-pays". *Le débat*, nº 65, 1991, pp. 4-13.
- BITTENCOURT, Heitor e FONSECA, Henrique. *Almanaque do centenário de Resende para o ano de 1902*, Resende, 1901.
- BORBA, Nestor e REBOUÇAS, André. "Excursão ao salto da Guaira ou Sete Quedas". *Revista Trimensal do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil*, tomo LXI, parte 1, 1898. pp. 65-87.
- BOYER, Marc. "Le 'tour english style'". *Autrement*, nº 111, 1990, pp. 174-181.
- BRADE, A. C. "A flora do parque nacional do Itatiaia". *Boletim do parque nacional do Itatiaia*, nº 5, 1956, pp. 7-15.
- CHAMBOREDON, Jean-Claude. "La 'naturalisation' de la campagne: une autre manière de cultiver 'les simples'?". In: CADORET, A. *Protection de la nature: histoire et ideologie. De la nature à l'environnement*, pp. 138-151, Paris, L'Harmattan, 1985.
- CHARTIER, Roger. "Le monde comme représentation". *Annales: Économies, Sociétés, Civilisations*, nº 6, 1989, pp. 1505-1520.
- CONAN, Michel. "Découverte et invention du Yellowstone. Esquisse de l'histoire de la création d'une culture visuelle aux États-Unis au XIX^e siècle". In: CADORET, op. cit., pp. 175-192.
- _____. "Généalogie du paysage". *Le débat*, nº 65, 1991, pp. 29-42.
- CONTURSI, Anita B. e SILVA, Rosely O. (edit.) *Visconde de Mauá: guia turístico e ecológico*. 2^a ed., Resende, Paineiras Comunicação, s.d.

- CORAJOURD, M. e C. "A proteção dos sítios e das paisagens". In: CHARBONNEAU, J. P. *Enciclopédia de ecologia*, São Paulo, EPU/Edusp, 1979, pp. 337-352.
- CORBIN, Alain. "Histoire et anthropologie sensorielle". *Anthropologie et sociétés*, vol. 14, nº 2, 1990, pp. 13-24.
- CRULS, Louis. "O Itatiaia: uma excursão recente". *Jornal do Comércio*, 1^a/05/1898, p. 1.
- DEAN, Warren. *A botânica e a política imperial: introdução e adaptação de plantas no Brasil Colonial e Imperial*. Col. Documentos, série 'História das ideologias e mentalidades', nº 1, IEA/USP, 1992.
- DECCA, Edgar S. de. "Memória e cidadania". In: *O direito à memória*, (vários), São Paulo, Secretaria Municipal de Cultura, Departamento do Patrimônio Histórico, 1992.
- DERBY, Orville. "A denominação 'serra da Mantiqueira'". *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, vol. 1, 1895, pp. 7-18.
- _____. "Os picos altos do Brasil". *Boletim da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro*, tomo V, parte 3, 1889, pp. 129-149.
- _____. "Um mapa antigo de parte das capitânicas de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro". *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, vol. 2, 1896-1897, pp. 197-219.
- DESCOLLA, Philippe. "De l'indien naturalisé à l'indien naturaliste: sociétés amazoniennes sous le regard de l'occident". In: CADORET, op. cit., pp. 221-235.

- DUSÉN, P. "Sur la flore de la serra do Itatiaia au Brésil". *Arquivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro*, vol. XIII, 1905. pp. 1-119.
- FEDAPAM, *Relatório Mantiqueira*. São Paulo, Fedapam/WWF, 1991.
- "Foi criado o Parque Nacional do Itatiaia: o que representa o magnífico reservatório botânico das Agulhas Negras". *Correio da Manhã*, 16/06/1937, p. 3.
- GLAZIOU, Auguste F. M. "Plantae Brasiliae centralis a Glaziou lectae". *Mémoires de la Société Botanique de France*, nº 3, tomo 1, 1911.
- GOUVÊA, Élio. "Balanço ecológico do parque nacional do Itatiaia". *Boletim da Fundação Brasileira para Conservação da Natureza*, nº 20, 1985, pp. 109-111.
- HEMEROTECA do Jardim Botânico do Rio de Janeiro.
- HOBSBAWN, Eric. "Introdução: A invenção das tradições". In: HOBSBAWN, E. e RANGER, T. *A invenção das tradições*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984.
- IBDF, *Natureza*. nº 66-68, 1987.
- IHERING, Hermann von. "Necessidade de uma lei federal de caça e proteção das aves". *Revista do Museu Paulista*, vol. V, 1902. pp. 238-260.
- _____. "Proteção às aves". *Revista do Museu Paulista*, vol. IX, 1914, pp. 316-332.
- JABOR, S. "Nas Agulhas Negras: a grande realização da Escola Politécnica". *Suplemento do Correio da Manhã*, 10/11/1935, pp. 1-2.

- KALAOORA, Bernard. "Le genie du lieu. Étude de deux cas: la forêt de Orléans et la forêt de Fontainebleau". *Espaces et Sociétés*, n° 46, 1985, pp. 145-154.
- _____. "Les natures de paysage au Ministère de l'Environnement". *Le débat*, n° 65, 1991, pp. 120-128.
- KALAOORA, B. e SAVOYE, A. "La protection des régions de montagne au XIX^e siècle: forestiers sociaux contre forestiers étatistes". In: CADORET, op. cit., pp. 6-23.
- KOPPES, Clayton R. "Efficiency/Equity/Esthetics: Towards a Re-Interpretation of American Conservation". *Environmental Review*, vol. 11, n° 2, 1987, pp. 127-146.
- LAMEGO, Alberto R. "O maciço do Itatiaia e regiões circundantes". *Boletim do Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil*, n° 88, 1936, pp. 1-93.
- LEACH, Edmund. "Natureza/cultura". *Enciclopédia Einaudi*, s.l.p., Imprensa Nacional/Casa da moeda, 1985, pp. 11-66.
- LEME, Alberto B. P. "Notas geológicas sobre o maciço do Itatiaia". *Boletim do Museu Nacional*, vol. 1, n° 1, 1923, pp. 31-34.
- LORDEIRO, Manoel. "Dedo de Deus". *Mountain Voices: informe brasileiro de excursionismo*, ano II, n° 12, 1992, p. 1.
- LUEDERWALDT, Hermann. "Algumas considerações sobre a proteção à natureza no Brasil e sobre a fauna da reserva florestal do alto da serra de Paranapiacaba". *Revista do Museu Paulista*, vol. XVI, 1929, pp. 317-327.
- LUGINBUHL, Yves. "Le paysage rural: la couleur de l'agricole, la saveur de l'agricole, mais que reste-t-il de l'agricole?" *Études Rurales*, n° 121-124, 1991, pp. 27-44.

- MASSENA da Silva, José Franklin. "Descrição do Itatiaia ou Ititiaio". *Revista Trimensal do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico do Brasil*, tomo XXXIX, 1876, pp. 413-418.
- _____. *Quadros da natureza tropical ou ascensão científica ao Itatiaia*. Rio de Janeiro, 1867.
- _____. "Panorama do sul de Minas". *Revista Trimensal do Instituto Histórico Geográfico e Etnográfico do Brasil*, tomo XLV, parte II, 1882, pp. 405-435.
- MELLO, Barão Homem de. "Excursões geográficas 1872-1876". *Revista Trimensal do Instituto Histórico Geográfico e Etnográfico do Brasil*, tomo LI (suplemento), 1888, pp. 167-203.
- MOREIRA, Carlos e HEMMENDORF, Ernest. "Relatório das excursões efetuadas na margem esquerda do rio Branco em São Paulo e no Itatiaia na serra da Mantiqueira". *Arquivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro*, vol. XII, 1903, pp. 159-168.
- NASH, Roderick. "The American Invention of National Parks". *American Quarterly*, vol. 22, nº 3, 1970, pp. 726-735.
- NETTO, Américo R. "A região do Itatiaia e as Agulhas Negras". *Geografia*, nº 2-3, 1936, pp. 13-21.
- PÁDUA, José A. "O nascimento da política verde no Brasil: fatores exógenos e endógenos". In: *Ciências Sociais Hoje, 1990*, São Paulo, Vértice/ERT, 1990, pp. 190-216.
- _____. "Natureza e projeto nacional: as origens da ecologia política no Brasil". In: PÁDUA, J.A. (org.) *Ecologia e política no Brasil*, Rio de Janeiro, Espaço e Tempo/Iuperj, 1987, pp. 11-72.
- PÁDUA, Maria T. J. "Áreas de preservação: parques nacionais e reservas biológicas". *Brasil Florestal*, nº 31, 1977, pp. 6-14.

- PALMELLA, José. *Ascensão ao paraíso do Itatiaia: cartas à Viscondessa de Araim*. 2ª ed., Rio de Janeiro, 1890.
- PEREIRA, Sônia M. "Legislação ambiental: problemas fundiários". *Brasil Florestal*, nº 43, 1980, pp. 7-15.
- QUINTÃO, Angela B.T. "Evolução do conceito de parques nacionais e sua relação com o processo de desenvolvimento". *Brasil Florestal*, nº 54, 1983, pp. 13-28.
- RAMADE, F. "Os lugares de proteção da natureza". In: CHARBONNEAU, J.P. (org.) *Enciclopédia de ecologia*. São Paulo, EPU/Edusp, 1979, pp. 453-460.
- RIBEIRO, Adalberto M. "O problema florestal e a ação do presidente Getúlio Vargas". *Revista do Serviço Público*, vol. III, nº 2, 1940, pp. 59-79.
- RIBEIRO, Alípio M. "Nota crítica sobre a ornis do Itatiaia". *Arquivos do Museu Nacional*, vol. XXIV, 1923, pp. 238-255.
- _____. "Vertebrados do Itatiaia". *Arquivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro*, vol. XIII, 1905, pp. 163-169.
- ROGER, Alain. "Le paysage occidental: rétrospective et prospective". *Le débat*, nº 65, 1991, pp. 14-28.
- ROQUETTE-PINTO, E. "Parques nacionais". *Revista Nacional de Educação*, nº 11-12, 1933, pp. 54-56.
- SAMPAIO, Alberto. J. "Primeira Conferência Brasileira de Proteção à Natureza: relatório geral". *Boletim do Museu Nacional*, vol. XI, nº 1, 1935, pp. 3-115.
- _____. "O problema florestal no Brasil em 1926". *Arquivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro*, vol. XXVIII, 1926, pp. 54-173.

- SCHEINER, Tereza C. "Ocupação humana no parque nacional da Tijuca: aspectos gerais". *Brasil Florestal*, vol. 28, nº 7, 1976, pp. 3-37.
- SERRANO, Célia Maria de T. "Le tiers espace: essai sur la nature". *Resgate*, nº 4, 1992.
- SILVEIRA, Álvaro da. "Corografia de Minas Gerais". *Revista da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro*, tomo XXIX, 1924, pp. 9-52.
- SILVEIRA, João D. "Itatiaia". *Anais do 9º Congresso Brasileiro de Geografia*, vol. II, 1942, pp. 607-620.
- SIMON, Gérard. "Le paysage, affaire du temps". *Le débat*, nº 65, 1991, pp. 43-50.
- ULE, Ernesto. "Relatório de uma excursão botânica feita na serra do Itatiaia". *Arquivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro*, vol. I, 1895, pp. 185-223.
- VIANA, Eurico, "Para o histórico do Parque Nacional do Itatiaia", coletânea de ofícios administrativos, mimeo., Arquivo PNI.
- VELHO, Pedro P. P. "Avifauna da serra do Itatiaia". *Arquivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro*, vol. XXIV, 1923, pp. 258-264.
- WHITE Jr., Lynn. "The Historical Roots of Our Ecological Crisis". *Science*, nº 155, 1967, pp. 1203-1207.

3. LIVROS E TESES

- AB'SABER, Aziz e BERNARDES, Nilo. *Vale do Paraíba, serra da Mantiqueira e arredores de São Paulo: guia de excursão nº 4*. Rio de Janeiro, Conselho Nacional de Geografia, 1958.
- ALMEIDA, Cândido Mendes de. *Atlas do Império do Brasil*. Rio de Janeiro, 1868.
- ANDRADE, Mário de. *Mário de Andrade: cartas de trabalho: correspondência com Rodrigo Mello Franco de Carvalho (1936-1945)*. Brasília, Min. da Educação e Cultura/Secret. do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/Fund. Nacional Pró-Memória, nº 33, 1981.
- ANTONIL, André João. *Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas*. São Paulo, Melhoramentos, 1923 (original de 1711).
- AUBREVILLE, A. et al. *Contribution a l'étude des réserves naturelles et parcs nationaux*. Paris, Paul Lechevalier, 1937.
- BARIL, V. L. Comte de la Hure. *L'empire du Brésil: monographie complète de l'empire sud-américain*. Paris, 1862.
- BARROS, Wanderbilt D. *Parques nacionais do Brasil*. Rio de Janeiro, Série Documentária, nº 1, Serviço de Informação Agrícola, Ministério da Agricultura, 1952.
- _____. *Parque nacional do Itatiaia*. Rio de Janeiro, 2ª ed., Série Documentária, nº 3, Ministério da Agricultura/Serviço de Informação Agrícola, 1957.
- BLAKE, Augusto A. S. *Dicionário bibliográfico brasileiro*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1898 (fac-simile, 1970).

- BURTON, Richard. *Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho*. Belo Horizonte/São Paulo, Itatiaia/Edusp, 1976.
- CAMPOS, Luiz F. Gonzaga de. *Mapa florestal*. Rio de Janeiro, Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, 1912.
- CARVALHO, Horácio de. *Itatiaia: ascensão às Agulhas Negras*. Rio de Janeiro, 1900.
- CASAL, Manuel Aires de. *Corografia brasílica ou relação histórico-geográfica do reino do Brasil*. São Paulo, Cultrix, 1943 (original de 1817).
- CHARBONNEAU, Bernard. *O jardim de Babilônia: os campos, as cidades, as regiões e o sentimento da natureza na sociedade moderna*. Lisboa, Afrontamento, 1990.
- COLLINGWOOD, R. G. *The Idea of Nature*. 2ª ed., London, Oxford University Press, 1945.
- CORBIN, Alain. *O território do vazio: a praia e o imaginário ocidental*. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.
- COSTA, José Pedro de O. *Aiuruoca, Matutu-Pedra: um estudo de conservação ambiental e cultural*. 4 vol., São Paulo, Tese de doutorado, FAU/USP, 1987.
- DUPUY, Jean-Pierre. *Introdução à crítica da ecologia política*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1982.
- FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. 2ª ed., São Paulo, Martins Fontes, 1981.
- FOX, Stephen. *John Muir and His Legacy: The American Conservation Movement*. Boston, Little Brown, 1981.
- GARDNER, Charles. *Viagens ao interior do Brasil*. Belo Horizonte/São Paulo, Itatiaia/Edusp, 1979.

- GERBER, Henrique. *Noções geográficas e administrativas de província de Minas Gerais*. Rio de Janeiro, 1861.
- GINZBURG, Carlo. "Sinais: raízes de um paradigma indiciário". In GINZBURG, C. *Mitos, emblemas, sinais*. São Paulo, Companhia das Letras, 1989, pp. 143-179.
- HARTT, Charles F. *Geologia e geografia física do Brasil*. São Paulo, Cia. Ed. Nacional, 1941 (original de 1870).
- HAUTECOEUR, Louis. *Les jardins des dieux et des hommes*. Paris, Hachette, 1959.
- HILDÉN, Eva. *A saga de Penedo: a história da colônia finlandesa no Brasil*. Rio de Janeiro, Fotografia Brasileira, 1989.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do Paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e na colonização do Brasil*. São Paulo, Cia. Ed. Nacional, 1958.
- JOUTARD, Philippe. *L'invention du Mont Blanc*. Paris, Gallimard, 1986.
- LACHAUX, Claude. *Les parcs nationaux*. Col. Que sais-je?, Paris, PUF, 1980.
- LAMEGO, Alberto R. *O homem e a serra*. Rio de Janeiro, IBGE/Cons. Nacional de Geografia, 1950.
- LEITE, Dante Moreira. *O caráter nacional brasileiro: história de uma ideologia*. 2ª ed., São Paulo, Pioneira, 1969.
- LENHARO, Alcir. *Sacralização da política*. 2ª ed., Campinas, Papirus, 1986.
- LENOBLE, Robert. *História da idéia de natureza*. Lisboa, Edições 70, 1990.
- LIAIS, Emmanuel. *Climats, écologie, faune et géographie botanique du Brésil*. Paris, 1872.

- MACEDO, Joaquim Manoel de. *Lições de corografia do Brasil: para uso dos alunos do imperial colégio d. Pedro II*. Rio de Janeiro, 1877.
- MAIA, João Azevedo Carneiro. *Do descobrimento de Campo Alegre até a criação da vila de Resende*. 2ª ed., Resende, Prefeitura Municipal, 1986 (original de 1886).
- MARIÉ, Michel. *Un territoire sans nom*. Paris, Méridiens, 1982.
- MASSART, Jean et al. *Une mission biologique belge au Brésil (août 1922-mai 1923)*. Bruxelles, Imprimerie Medicale et Scientifique, 1929.
- MATTOS, Raimundo J. da Cunha. *Corografia histórica da província de Minas Gerais*. 2 vols., Belo Horizonte/São Paulo, Itatiaia/Edusp, 1981 (original de 1837).
- MCCORMICK, John. *Rumo ao Paraíso*. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1992.
- MORAES, Antonio C. R. *Geografia: pequena história crítica*. 8ª ed., São Paulo, Hucitec, 1988.
- NASH, Roderick. *Wilderness and the American Mind*. 3ª ed., New Haven, Yale University Press, 1982.
- NORA, Pierre (org.). *Les lieux de mémoire*. vol. 1, Paris, Gallimard, 1984.
- OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A questão nacional na Primeira República*. São Paulo, Brasiliense, 1990.
- PÁDUA, M. T. J. e COIMBRA F, Aldemar F. *Os parques nacionais do Brasil*. Rio de Janeiro/Madrid, José Olympio/Incafo, 1979.
- PÉCAUD, Daniel. *Os intelectuais e a política no Brasil: entre o povo e a nação*. São Paulo, Ática, 1990.

- PINTO, Alfredo Moreira. *Dicionário geográfico do Brasil*. Rio de Janeiro, 1896.
- PIRES, Mário Jorge. *Hóspedes, hospedeiros e viajantes no século XIX: raízes do turismo no Brasil*. São Paulo, Tese de Doutorado, ECA/USP, 1991.
- PRADO Jr., Caio. *História econômica do Brasil*, São Paulo, Brasiliense, 1979.
- _____. *Formação do Brasil contemporâneo*. 7ª ed., São Paulo, Cia. Ed. Nacional, 1963.
- PREST, John. *The Garden of Eden: The Botanic Garden and the Re-creation of Paradise*. New Haven, Yale U.P., 1981.
- RECLUS, Elisée. *Estados Unidos do Brasil: geografia, etnografia, estatística*. Rio de Janeiro, 1900 (Original de 1893).
- ROCHA, Alexandre Mendes da. *Imigrantes em Resende: Visconde de Mauá. O núcleo colonial "Visconde de Mauá" (1908-1916)*. s.l.p., Funarte, Pref. Mun. de Resende/Sandoz/IQR, 1984.
- ROSSET, Clément. *A antinatureza: elementos para uma filosofia trágica*. Rio de Janeiro, Espaço e Tempo, 1989.
- RUNTE, Alfred. *National Parks: The American Experience*. Lincoln, Un. of Nebraska Press, 1979.
- SAINT-ADOLPHE, J. C. R. M. de. *Dicionário geográfico, histórico e descritivo do Império do Brasil*. Paris, 1863.
- SAINT-HILAIRE, Auguste. *Segunda viagem a Minas Gerais e São Paulo*. Belo Horizonte/São Paulo, Itatiaia/Edusp, 1974.
- _____. *Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. São Paulo, Cia. Ed. Nacional, 1938.

- SALA, Dalton. *O Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional: história oficial e Estado Novo*. Dissertação de Mestrado, São Paulo, ECA/USP, 1988.
- SAMPAIO, Alberto J. de. *Biogeografia dinâmica: a natureza e o homem no Brasil*. São Paulo, Cia. Ed. Nacional, 1935.
- SAMPAIO, Teodoro. *O tupi na geografia nacional*. 3ª ed., Bahia, Seção Gráfica da Escola de Aprendizes Artífices, 1928.
- SILVA, José B. de Andrada e. *Memória sobre a necessidade e utilidade do plantio de novos bosques em Portugal*. 4ª ed., Rio de Janeiro, IHGB, 1991 (original de 1815).
- SILVEIRA, Álvaro A. *Memórias corográficas*. Belo Horizonte, Imprensa Oficial do Estado, 1921.
- SOUZA, Laura de Mello e. *O diabo e a Terra de Santa Cruz*. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.
- STEPAN, Nancy. *Gênese e evolução da ciência brasileira*. Rio de Janeiro, Artenova, 1976.
- SÜSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui*. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.
- THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitudes em relação às plantas e animais, 1500-1800*. São Paulo, Companhia das Letras, 1988.
- THOMPSON, E.P. *Senhores e caçadores*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- TUAN, Yi-fu. *Topofilia: estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo, Difel, 1980.
- _____. *Espaço e lugar*. São Paulo, Difel, 1983.

- VALVERDE, Orlando. *Guia da excursão a Itatiaia pelos membros da XII Assembléia Geral do Conselho Nacional de Geografia em 25 e 26 de outubro de 1952*. Rio de Janeiro, IBGE, 1952.
- VIARD, Jean. *La dérive des territoires*. s.l.p., Actes Sud, 1981.
- _____. *Le tiers espace: essai sur la nature*. Paris, Méridiens Klincksieck, 1990.
- _____. *Penser les vacances*. s.l.p., Actes Sud, 1984.
- VICTOR, Mauro A. M. *A devastação florestal*. São Paulo, Soc. Bras. de Silvicultura, s.d.
- WAWRA, Heinrich Ritter. *Itinera principum S. Coburgi: die botanische ausbeute von der reisen*. 1- *Reise der Prinzen Philipp und August um die welt (1872-1873)*, 2- *Reise der Prinzen und Ferdinand nach Brasilien (1879)*. 2 vol., Wien, 1881.
- WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. 3ª ed., São Paulo, Pioneira, 1983.
- WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade: na história e na literatura*. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.
- WORSTER, Donald. *Nature's Economy: A History of Ecological Ideas*. Londres, Cambridge U.P., 1986.

4. DOCUMENTOS OFICIAIS, LEIS, RELATÓRIOS

- BRASIL, Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, *Relatórios apresentados ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil pelos ministros de Estado*. Anos 1909 a 1911, 1913, 1914, 1916, 1917, 1920 a 1927, 1933 a 1935, 1938.

Código Florestal de 1934.

Coleção das Leis do Brasil, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, Anos 1908 a 1927.

Diário Oficial da União. Anos 1914, 1927.

GONÇALVES Jr., J. F. *Serviço de povoamento em 1908: relatório*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1909.

IBAMA. *Regulamento dos parques nacionais brasileiros*. Rio de Janeiro, IBAMA, s/d.

IBDF, *Plano de manejo do Parque Nacional do Itatiaia*. Brasília, IBDF, 1982.

SOUZA, Paulo Ferreira de. *Legislação florestal: legislação histórica (1789-1889)*. Rio de Janeiro, Ministério da Agricultura, 1934.

_____. *Legislação florestal: leis florestais dos estados*. Rio de Janeiro, Ministério da Agricultura, 1935.

5. MAPAS E ICONOGRAFIA

Acervo do Arquivo Nacional.

Acervo do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil.

Acervo do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

Acervo do Parque Nacional do Itatiaia.

ÍNDICE DAS ILUSTRAÇÕES

1. Mapa geral da região do maciço. (pp. 13-14)
2. "Panorama geral das Agulhas Negras da sua face oeste iluminada pelo sol pomeridiano durante o verão". Fonte: Arquivo PNI. Autor não identificado. (pp. 72-73)
3. Desenho de Massena para acompanhar o manuscrito de 1856. Fonte: Arquivo do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil. (pp. 76-77)
4. Mapa elaborado pelo barão Homem de Mello em 1876, extraído de Barros, *Parque Nacional do Itatiaia*. (pp. 68-69)
5. "Altitude comparada dos pontos culminantes do sistema orográfico brasileiro", gravura elaborada pelo barão Homem de Mello. Fonte: Arquivo Nacional, RJ. (pp. 87-88)
6. Mapa-roteiro da expedição de Horácio de Carvalho, extraído do livro *Itatiaia*. (pp. 107-108)
7. Visitantes de partida para o Planalto. Arquivo PNI. Jan Havlasek. (pp. 121-122)
8. Relato de Ricardo Guilherme Brachmann em livro de visitantes com esquema e foto das Agulhas Negras para orientar excursionistas. Arquivo PNI, Doc. 4. (pp. 137-138)
9. Fotógrafo na montanha. Arquivo PNI. Autor não identificado. (pp. 102-103)

10. Missão Biológica Belgo-brasileira, 1922. Arquivo PNI. Jan Havlasa. (pp. 152-153)
11. Excursionistas na montanha. Arquivo PNI. Autor não identificado. (pp. 129-130)
12. Placas próximo ao abrigo Rebouças. Arquivo PNI. Autor não identificado. (pp. 160-161)